O Código da Bíblia III

Michael Drosnin

Tradução: Amadeu Antŏnio

O CÓDIGO DA BÍBLIA III

SALVAR O MUNDO

Michael Drosnin

"Não sei com que armas a Terceira Guerra Mundial será combatida, mas a Quarta Guerra Mundial será combatida com paus e pedras."
ALBERT EINSTEIN

"Tudo está previsto, mas a liberdade de ação é concedida." O TALMUDE

PREFÁCIO

A reportagem é a primeira versão imperfeita da história. Este livro é o primeiro relato completo de um código na Bíblia que revela acontecimentos que tiveram lugar milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita. Por isso, talvez seja a primeira versão imperfeita do futuro. Mal começámos a compreender o código da Bíblia. É como um quebra-cabeças com um número infinito de peças, e nós só temos algumas centenas, ou alguns milhares. Só conseguimos adivinhar a imagem completa. A única coisa que posso afirmar com certeza é que existe um código na Bíblia e, em alguns casos dramáticos, ele previu acontecimentos que depois aconteceram exatamente como profetizado.

Não há forma de saber se o código também está correto em relação ao futuro mais distante. Tentei abordar esta história da mesma forma que abordei todas as outras: como um repórter de investigação. Passei cinco anos a verificar os factos. Nada é aceito por fé. Confirmei cada descoberta no código da Bíblia no meu próprio computador, utilizando dois programas diferentes — o mesmo utilizado pelo matemático israelita que encontrou o código pela primeira vez, e um segundo programa escrito independentemente dele. Também entrevistei os cientistas nos Estados Unidos e em Israel que investigaram o código. Muitos dos acontecimentos descritos no livro foram testemunhados por mim.

Os relatos de outros acontecimentos baseiam-se em entrevistas com pessoas diretamente envolvidas, ou foram confirmados por notícias publicadas. Notas detalhadas sobre cada capítulo, notas sobre todas as

ilustrações e uma reimpressão da experiência original que provou a realidade do código da Bíblia surgem no final do livro. O meu objetivo tem sido relatar o que está codificado na Bíblia exatamente como teria relatado uma história do livro de ocorrências policiais quando estava no *Washington Post*, exatamente como teria relatado uma história de uma sala de reuniões corporativa quando estava no *Wall Street Journal*. Não sou rabino nem sacerdote, não sou um estudioso da Bíblia. Não tenho crenças preconcebidas e tenho apenas um teste — a verdade. Este livro não é a última palavra. É o primeiro relatório.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1 OBAMA 2 TERRORISMO NUCLEAR 3 CRISE ECONÓMICA 4 NOTÍCIAS DE MANCHETE 5 NEGAÇÃO 6 A MOSSAD 7 A GUERRA DE OBAMA 8 SALVAR O MUNDO CODA NOTAS DOS CAPÍTULOS APÊNDICE AGRADECIMENTOS ÍNDICE REMISSIVO

INTRODUÇÃO

O Código da Bíblia III é um aviso final. Estas são as previsões de que precisamos para sobreviver.

O Armagedão não é um mito sobre um outro mundo, um tempo distante, uma batalha final imaginada, apenas palavras para um sermão ou histórias num livro antigo. Ele está aqui e agora. E não é preciso ser religioso para o saber. Não está apenas na Bíblia, ou no seu código. Está nas manchetes da primeira página de cada jornal e nas imagens de cada ecrã de televisão.

Mas o subtítulo deste novo livro é “Salvar o Mundo”.

Isso deve-se ao facto de estarmos num momento crítico da história humana — se o nosso mundo não estivesse em perigo, não haveria necessidade de o salvar. Mas nenhum dos perigos se tem de tornar a nossa realidade. O Código da Bíblia diz-nos todos os nossos futuros possíveis, não um futuro pré-determinado. As previsões são avisos que nos permitem evitar os piores perigos que enfrentamos. Nós decidimos.

Em cada religião existem alguns fanáticos que leem incorretamente os textos antigos não como profecia, mas como ordens para matar, destruir, até mesmo para trazer o mundo a um fim, em nome de Deus. A Al Qaeda é o exemplo mais óbvio. Mas foi Osama bin Laden — e não o Islão — que conduziu ao 11 de setembro.

A nossa melhor arma contra todos os fanáticos é a verdade. Só conseguimos evitar os perigos que primeiro reconhecemos.

Alguns instaram-me a não contar o que o Código da Bíblia prevê, como se ao ficarmos em silêncio fôssemos permanecer seguros. Mas toda a história mostra o contrário. Negar o perigo real é o que conduz ao desastre.

Não podemos esperar que um milagre caia do céu. O Código da Bíblia pode ser o milagre de que precisamos, toda a ajuda que é provável que obtenhamos. E é um milagre provado como real pela ciência moderna.

Eu sou laico, pelo que lhe chamo, em vez disso, um fenómeno que ainda não compreendemos totalmente — o futuro previsto, as notícias relatadas há 3000 anos. Sou apenas um adivinho relutante, um repórter que descobre que o código está muito mais vezes certo do que eu.

Tenho duas certezas. O código é real, pelo que o ignoramos por nossa conta e risco. O que fizermos com ele determinará o nosso destino.

OBAMA

A 28 de maio de 2008, seis meses antes das eleições, enviei a Barack Obama uma carta através de Oprah Winfrey declarando três previsões:

“(1) Irá vencer a nomeação democrata e tornar-se Presidente; (2) Poderá, como resultado das suas vitórias, ser assassinado, mas esse perigo pode ser evitado; (3) Poderá, como Presidente, evitar um ataque terrorista nuclear que, de outro modo, seria quase certo.”

“Isto provém de uma fonte que previu que o senhor seria Presidente antes de ser depositado o primeiro voto no Iowa”, disse eu a Obama, citando as primeiras eleições primárias a 3 de janeiro, quando ele era praticamente desconhecido e não lhe davam qualquer hipótese.

“Estou a enviar-lhe esta carta através da sua amiga Oprah Winfrey porque ela poderá não chegar até si através dos canais normais”, escrevi. “Além disso, a Oprah conhece-me e conhece a fonte da minha informação.”

“Um matemático israelita de fama mundial descobriu um código na Bíblia que prevê eventos que aconteceram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita.”

A 4 de novembro de 2008, a primeira das três previsões concretizou-se. Barack Obama tornou-se o primeiro afro-americano a ser eleito Presidente dos Estados Unidos, um evento histórico e improvável que estava codificado na Bíblia há mais de 3000 anos.

A vitória de Obama foi uma confirmação nova e dramática da realidade do Código da Bíblia, o texto secreto oculto no Antigo Testamento que revela o futuro.

“Não consigo explicar como”, escrevi a Obama. “Não sou religioso.”

“Mas acredito no código pela mesma razão que muitos altos funcionários de informações acreditam — ele continua a concretizar-se.”

O código já tinha previsto as eleições de Bill Clinton e George Bush. Já tinha previsto os assassinatos de John e Robert Kennedy, bem como do Primeiro-Ministro israelita Yitzhak Rabin. Cada detalhe do 11 de setembro de 2001 estava codificado no texto antigo. A ascensão de Osama Bin Laden, a queda de Saddam Hussein, ambas as Guerras do Golfo, estavam todas no código. Tudo, desde a Segunda Guerra Mundial ao caso Watergate, do Holocausto a Hiroxima, da Grande Depressão à atual crise económica global, estava codificado na Bíblia.

E agora, com a eleição histórica de Obama, a primeira das três previsões encontradas quase um ano antes tinha-se também concretizado.

“Se há alguém por aí que ainda duvida que a América é um lugar onde todas as coisas são possíveis”, disse o Presidente Eleito a cem mil pessoas reunidas num parque à beira-mar em Chicago, “esta noite é a vossa resposta.”

"Nunca fui o candidato mais provável para este cargo", disse Obama. E, no entanto, isso estava previsto há milhares de anos.

Por isso, enquanto assistia à sua vitória, a primeira previsão, preocupava-me com o perigo do seu assassinato, a segunda. E estava ainda mais preocupado com a terceira e mais terrível previsão, a de que poderíamos enfrentar o verdadeiro Armagedão, o terrorismo nuclear, enquanto ele fosse Presidente.

O Apocalipse. O Armagedão. Eu próprio mal conseguia acreditar. Como disse a Obama, não sou religioso. Não acredito em Deus. Sou um repórter de investigação totalmente laico e cético. Comecei na secção policial noturna no *Washington Post*, cobri notícias financeiras no *Wall Street Journal* e ainda tenho um sentido de realidade muito terra-a-terra. Portanto, embora tenha escrito um livro que tornou o Código da Bíblia conhecido no mundo há uma dúzia de anos, continuava a acordar todas as manhãs sem querer, sem ser bem capaz de acreditar que o código é real.

Mas acordei na manhã de 5 de novembro mais uma vez certo de que existe um código na Bíblia que revela o futuro. Olhei para as matrizes do código que previram a eleição de Obama quando ninguém, incluindo eu próprio, conseguia imaginar que isso fosse possível.

A tabela era perfeita. "Obama" "eleito" "Presidente", e o ano bíblico "5769", novembro de 2008 no calendário moderno.

Obama venceu no Iowa, exatamente como o código previu. E o código também dizia que um homem negro seria "Presidente dos Estados Unidos".

E, no entanto, estávamos em 2007. Hillary Clinton estava à frente por 30 pontos em todas as sondagens, e Obama era negro e mal conhecido. Mas o código declarava a sua vitória, nas primeiras primárias e nas eleições de novembro. Clinton e McCain nem sequer estavam na corrida no código. O Código da Bíblia não previa o óbvio. Vezes sem conta, previa Obama. Declarou-o Presidente antes de alguém ter votado — o que ninguém acreditava ser possível — e depois concretizou-se.

Mais uma vez, a matriz do código era perfeita. "B. Obama é Presidente" com o seu nome uma segunda vez logo abaixo, "Presidente" também repetido e o mês bíblico da eleição "Heshvan", novembro.

Quando aconteceu, a 4 de novembro, foi um milagre, na verdade dois milagres. Um afro-americano tinha sido eleito Presidente. E o Código da

Bíblia tinha-o previsto com quase um ano de antecedência — num texto que tinha 3000 anos.

OUVI FALAR pela primeira vez sobre o Código da Bíblia há mais de 15 anos. Tinha-me acabado de reunir com o chefe das informações israelitas para discutir o futuro da guerra. Quando estava a sair do quartel-general militar amuralhado, o ajudante do General parou-me.

"Há um matemático em Jerusalém que devia ver", disse ele. "Ele encontrou na Bíblia o dia exato em que a Guerra do Golfo começaria."

"Não sou religioso", disse eu, a entrar para o meu carro.

"Eu também não", disse o soldado. "Mas ele encontrou um código na Bíblia com a data exata, três semanas antes de a guerra começar."

Tudo parecia inacreditável. Tinha a certeza de que era uma loucura. Mas quando investiguei o cientista, descobri que ele era considerado quase um génio no mundo da matemática. Professor na Universidade Hebraica, era o principal especialista no campo da matemática que serve de base à física quântica. Fui vê-lo.

Com a sua barba farta e o solidéu (*yarmulke*), Eliyahu Rips parecia uma personagem saída diretamente do Antigo Testamento. Isso confirmou todas as minhas dúvidas. Génio ou não, este cientista estava seguramente iludido pelas suas crenças religiosas. Desafiei-o a mostrar-me a Guerra do Golfo na sua Bíblia. Em vez disso, ele levou-me para o seu pequeno escritório, ligou o computador, apontou para o ecrã e disse: "A Bíblia é um programa de computador."

"Saddam Hussein" e "mísseis Scud" estavam codificados na Bíblia com o dia exato em que o Iraque atacou Israel, 18 de janeiro de 1991.

"Quantas datas encontrou?", perguntei. "Apenas esta, três semanas antes de a guerra começar", respondeu ele.

"Mas quem sabia, há 3000 anos, que haveria uma Guerra do Golfo, quanto mais que um míssil seria disparado a 18 de janeiro?", perguntei.

"Deus", disse Rips.

Isso só me tornou mais cético. Pedi a Rips que procurasse eventos modernos ou mesmo futuros que ele ainda não tivesse encontrado.

Encontrámos “Presidente Kennedy” com “Dallas”. Encontrámos “Bill Clinton” com “Presidente” — seis meses antes de ele ser eleito. Encontrámos uma coisa atrás da outra codificada na Bíblia, coisas que Rips não sabia que eu lhe iria pedir. Eventualmente, encontrámos vários eventos antes de acontecerem — como a colisão de um cometa com o planeta Júpiter, com o nome do cometa e a data exata do impacto.

O Código da Bíblia continuava a concretizar-se. Um conceituado especialista em criptografia americano confirmou-o. Matemáticos famosos em Israel e nos Estados Unidos, em Harvard, Yale e na Universidade Hebraica, disseram que era real. A experiência de Rips passou por três revisões por pares numa respeitada revista de matemática dos EUA. Mas, mesmo assim, eu não conseguia acreditar — até que, dois anos mais tarde, encontrei um código que me convenceu até a mim.

A 1 de setembro de 1994, voei de regresso a Israel e reuni-me em Jerusalém com um amigo próximo do Primeiro-Ministro Yitzhak Rabin. Entreguei-lhe uma carta que ele deu imediatamente ao Primeiro-Ministro.

“Descobri informações que sugerem que a sua vida está em perigo”, afirmava a minha carta a Rabin. “A única vez que o seu nome completo — ‘Yitzhak Rabin’ — está codificado na Bíblia, as palavras ‘assassino que assassinará’ cruzam o seu nome.”

Um ano mais tarde, a 4 de novembro de 1995, surgiu a terrível confirmação, um tiro nas costas disparado por um homem que acreditava estar numa missão de Deus, o homicídio codificado na Bíblia há 3000 anos.

Quando ouvi a notícia, faltou-me o ar. Caí por terra e disse em voz alta: “Meu Deus, é real.”

Mas, por maior que tenha sido o choque a 4 de novembro de 1995, foi ainda maior a 11 de setembro de 2001.

“Torres Gémeas” estava codificado no texto antigo. “Avião” também aparecia, exatamente no mesmo lugar. “Derrubou” “duas vezes” corria cruzando-se com “avião” e “torres”.

Vi tudo acontecer a partir do telhado da minha casa em Nova Iorque e voltei a dizer em voz alta: “Meu Deus, é real.”

E se o Código da Bíblia era real, só podia ter um propósito — alertar o mundo de um perigo terrível, até mesmo terminal. E o perigo devia estar

mesmo em cima de nós, caso contrário não estaríamos a descobrir o Código da Bíblia agora.

Há 15 anos que ando a alertar os líderes mundiais de que uma profecia antiga estava prestes a concretizar-se, de que o Apocalipse previsto pelas três principais religiões do Ocidente estava codificado na Bíblia, de que o terrorismo nuclear era o maior perigo que enfrentávamos atualmente.

O Código da Bíblia avisa que estamos neste preciso momento no "Fim dos Dias", algo que mal consigo sequer imaginar. Mas já o disse a três Presidentes: Bill Clinton, George Bush e agora Barack Obama.

Estaremos realmente, neste preciso momento, a enfrentar o "Fim dos Dias"?

OS DOIS Grandes Apocalipses Bíblicos, o Livro de Daniel no Antigo Testamento e o Livro do Apocalipse no Novo Testamento, são previsões de um horror sem precedentes, a ser totalmente revelado quando um livro secreto for aberto no "Fim dos Dias".

No Apocalipse, é o livro "selado com sete selos" que só pode ser aberto pelo Messias. Em Daniel, a versão original da mesma história, um anjo revela o futuro definitivo ao profeta hebreu e depois diz-lhe: "Mas tu, ó Daniel, cerra estas palavras e sela o livro, até ao tempo do fim."

Foram estes dois versículos que levaram o primeiro cientista moderno, Sir Isaac Newton, a procurar um código na Bíblia. Newton acreditava que o "livro selado" era o código. Chamou-lhe "um criptograma estabelecido pelo Todo-Poderoso", o "enigma da Divindade, o enigma de eventos passados e futuros divinamente preordenados".

Há trezentos anos, Newton, o homem que descobriu a gravidade e desvendou a mecânica do nosso sistema solar, que inventou sozinho a matemática avançada, procurou um código oculto na Bíblia que revelasse o futuro da humanidade.

Há mais de três mil anos, desde que existe uma Bíblia, as pessoas acreditam que havia algo oculto nela, grandes segredos que eram conhecidos apenas pelos sumos sacerdotes, novas revelações que podiam ser encontradas utilizando alguma fórmula esotérica, alguma forma de magia, alguma nova ciência.

Mas coube a um imigrante russo em Israel, Eliyahu Rips, um matemático libertado de uma prisão política soviética, encontrar o código

que tinha escapado a todos durante milénios. Rips teve sucesso porque possuía a ferramenta essencial que faltava a todos os que o precederam — um computador.

O Código da Bíblia tinha uma fechadura temporal. Não podia ser aberto até que o computador fosse inventado. Foi desenhado, aparentemente por alguma inteligência que conseguia ver o futuro, para ser aberto agora. Foi feito para nos permitir decifrar o código neste exato momento da história humana.

"É por isso que Isaac Newton não o conseguiu fazer", disse Rips. "Tinha de ser aberto com um computador. Estava 'selado até ao tempo do fim'."

Rips descobriu o Código da Bíblia na versão hebraica original do Antigo Testamento, a Bíblia tal como foi escrita pela primeira vez, as palavras que a própria Bíblia diz que Deus deu a Moisés no Monte Sinai há 3200 anos.

Rips eliminou todos os espaços entre as palavras e transformou toda a Bíblia original numa cadeia contínua de letras, com 304 805 letras de comprimento.

Ao fazer isso, estava a restaurar a Bíblia àquilo que os antigos sábios dizem ter sido a sua forma original. Segundo a lenda, era a forma como Moisés recebia a Bíblia de Deus — "contígua, sem interrupção de palavras".

Rips escreveu um programa de computador que procurava nova informação na longa cadeia de letras, revelada ao saltar qualquer número igual de letras.

Qualquer pessoa poderia inventar uma frase que contasse uma história na superfície, mas que tivesse outra história oculta num código simples de salto. Por exemplo:

Rips explicou que cada código é o caso de adicionar cada quinta ou décima ou quinquagésima letra para formar uma palavra.

Agora leia essa mesma frase em inglês como um código de salto de quatro letras:

Rips ExplAineD thaT eacH codE is a Case Of adDing Every fifth or tenth or fiftieth letter to form a word.

A mensagem oculta — “READ THE CODE” (LEIA O CÓDIGO).

Mas ninguém, nem mesmo Newton, conseguiria percorrer toda a Bíblia a contar letras à mão. Apenas um computador consegue pesquisar com rapidez suficiente e encontrar a informação complexamente entrelaçada no Código da Bíblia.

As palavras formam um jogo de palavras cruzadas. Cada vez que uma nova palavra ou frase é descoberta, formam-se novas palavras cruzadas. Vezes sem conta, palavras, nomes, datas e locais relacionados, informação detalhada sobre eventos modernos, estão codificados em conjunto.

É o que torna o Código da Bíblia único. Noutro livro poder-se-ia encontrar uma sequência aleatória de saltos que grafasse “Barack Obama” — mas não com “Presidente”. Poder-se-ia encontrar o mês da eleição — mas não com “Obama é Presidente”. Poder-se-ia encontrar “Holocausto Atómico” ou “Guerra Mundial” — mas não com “o Fim dos Dias”.

“Apenas no Código da Bíblia existe informação consistente, coerente e precisa, surgindo muito contra as probabilidades”, disse Rips. “Ninguém encontrou nada semelhante em nenhum outro livro, em nenhuma tradução, ou em qualquer texto hebraico original, exceto na Bíblia.”

Quando Rips relatou a sua descoberta numa revista de matemática americana, muitos cientistas mostraram-se céticos. Não conseguiam encontrar falhas na sua ciência, mas não conseguiam acreditar nos seus resultados. A alegação era simplesmente demasiado surpreendente — um código na Bíblia que revelava eventos que aconteceram após a Bíblia ter sido escrita.

Um especialista sénior em descodificação na ultrassecreta Agência de Segurança Nacional, o posto de escuta clandestino do governo dos EUA perto de Washington, ouviu falar da surpreendente alegação e decidiu investigar.

Harold Gans passara a vida a criar e a decifrar códigos para as informações militares americanas e tinha a certeza de que o Código da Bíblia era “disparatado, ridículo”. Escreveu o seu próprio programa de computador e propôs-se a provar que era uma farsa. Em vez disso, a sua experiência de 440 horas provou que era real. “Deu-me um calafrio na espinha”, recordou o descodificador de códigos.

Nenhum homem poderia ter codificado a Bíblia com informação sobre pessoas que viveram, eventos que aconteceram, milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita. Mas alguém o fez.

Se não um de nós, então quem?

DOIS

TERRORISMO NUCLEAR

A AL QAEDA JÁ tem armas nucleares.

Na verdade, o Código da Bíblia revela exatamente onde, um ponto no deserto nomeado primeiro no código que os satélites israelitas confirmaram ser uma base da Al Qaeda.

Enquanto eu tentava alertar a Casa Branca, para evitar a aniquilação de Nova Iorque, Washington e Israel, o Presidente Barack Obama realizava uma cimeira de segurança nuclear com 47 nações, a maior reunião de líderes mundiais em Washington desde que as Nações Unidas foram criadas.

"Redes terroristas como a Al Qaeda tentaram adquirir o material para uma arma nuclear", disse Obama no seu discurso de abertura aos líderes mundiais em abril de 2010, "e se alguma vez o conseguirem, com certeza que o usarão."

O que o Presidente não sabia era que, meses antes, o principal analista de informações de Israel tinha dito ao principal conselheiro de contra-terrorismo de Obama que possuía fotografias de satélite de uma base remota da Al Qaeda que ninguém alguma vez tinha visto, a qual o Código da Bíblia afirmava ser o esconderijo para armas nucleares.

Mas as informações americanas não fizeram qualquer esforço para olhar para la base terrorista, para encontrar as armas ou para as capturar.

A matriz no código que revela o futuro dizia quem, o quê, quando e onde, contra probabilidades de 100 milhões para 1. As probabilidades de Israel confirmar cada detalhe eram incalculáveis.

"Código da Bíblia" aparecia com "Bin Laden" e "atómico" e afirmava um período de tempo exato para o perigo — "começando em 2006" e terminando em "2011".

Quando o Presidente alertou o mundo na cimeira para a necessidade urgente de proteger ou destruir armas e materiais nucleares, a Al Qaeda poderá já ter tido armas nucleares há quatro anos. E se não o evitarmos agora, poderá haver um ataque terrorista nuclear no próximo ano.

Era a terceira previsão que enviei a Obama através da Oprah — "Poderá, como Presidente, evitar um ataque terrorista nuclear que, de outro modo, seria quase certo."

Na sua cimeira, Obama disse: "Apenas a mais pequena quantidade de plutónio — com o tamanho aproximado de uma maçã — poderia matar e ferir centenas de milhares de pessoas inocentes."

"Materiais nucleares que poderiam ser vendidos ou roubados e transformados numa arma nuclear existem em dezenas de nações."

Mas Obama não sabia que estava a tentar fechar a porta do estábulo depois de os cavalos já terem escapado. Na verdade, a mesma matriz do código que afirmava o perigo também afirmava claramente todo o pesadelo.

O Código da Bíblia que ligava "Bin Laden" a "Atómico" era cruzado por uma afirmação arrepiante: "No Iémen para terrorismo, e Khan construiu."

A. Q. Khan foi o cientista paquistanês que construiu as armas nucleares do seu país ao roubar a tecnologia à Europa Ocidental, e depois estabeleceu-se por conta própria. Khan vendeu projetos e tecnologia nucleares, na verdade fábricas inteiras de bombas, aos países mais perigosos do mundo — Irão, Coreia do Norte e Líbia — através de um mercado negro nuclear global. E aqui o código afirmava que Khan também vendeu ou entregou armas nucleares a Osama Bin Laden.

Na verdade, o próprio conselheiro da Casa Branca, John Brennan, que ignorou a confirmação do código por parte de Israel, deu uma conferência de imprensa na cimeira e falou aos repórteres sobre conversas de fogueira entre Bin Laden e dois cientistas nucleares paquistaneses que trabalhavam com Khan em agosto de 2001, mesmo antes do 11 de setembro.

Não existe conspiração mais perigosa possível do que a combinação letal de A. Q. Khan, o "pai da bomba islâmica", e Osama Bin Laden.

Um tinha demonstrado a sua capacidade de construir armas nucleares, o outro tinha declarado que as usaria.

Na verdade, Bin Laden tinha apelado a "uma Hiroxima americana". Mas o conselheiro de terrorismo de Obama, Brennan, nunca disse ao Presidente que os israelitas tinham confirmado o que o Código da Bíblia afirmava, nunca disse a Obama que lhe fora dada a localização exata onde a Al Qaeda poderia já ter armas nucleares, recusou-se a ver os códigos e recusou-se sequer a olhar para as fotografias de satélite israelitas.

"Arma Atómica" está codificada apenas uma vez na Bíblia. Nessa matriz do código, o perigo imediato de um ataque terrorista nuclear está muito claramente expresso.

"Ele atacará imediatamente" cruzava-se com "arma atómica". E "ele localizou ali" era cruzado por "atómico". Havia duas alternativas cruas expressas no código: ou tínhamos de atacar os terroristas imediatamente, ou os terroristas poderiam atacar-nos já em 2011.

Obviamente, não posso revelar neste livro a localização exata das armas nucleares de Bin Laden, claramente expressa no código, porque se o fizer, a Al Qaeda simplesmente mudá-las-á para uma localização nova e desconhecida. Mas tanto as informações americanas como as israelitas conhecem o local expresso no código com 3000 anos.

Este nomeava com precisão um ponto no deserto, entre todos os locais do mundo, como uma base da Al Qaeda, e descrevia com precisão cada estrutura na localização nunca antes vista, e tudo isso foi documentado pelos israelitas em fotografias de satélite que a Casa Branca se recusou a ver.

Quando o Professor Rips e eu encontrámos a matriz que liga "Bin Laden" e "atómico" ao cientista nuclear paquistanês "Khan", o quebra-cabeças quase se revelou por si próprio, até que toda a imagem horrorosa esteve perante os nossos olhos.

Primeiro encontrámos "Código da Bíblia" com "Bin Laden" e "atómico", mas "atómico" aparecia mais três vezes. Rips viu que a codificação completa afirmava "pai da ciência atómica". "Quem seria esse?", perguntou-me ele.

"Poderia ser Einstein, poderia ser Oppenheimer, que construiu a nossa bomba atómica, mas no mundo islâmico seria A. Q. Khan", disse eu. "Na verdade, ele é conhecido como 'o pai da bomba islâmica'."

Rips pesquisou por "Khan" na matriz. "Olhe para isto", disse ele, apontando para o ecrã do computador. Numa cadeia ininterrupta de 18

letras que cruzava “Bin Laden”, “Código da Bíblia” e “atómico”, estava a revelação de 100 milhões para 1: “No Iémen para terrorismo, e Khan construiu.”

“Isto é extraordinário”, disse Rips. “Diz o perigo sem uma única palavra desperdiçada. É claramente intencional, não poderia acontecer por acaso.”

A aparição seguinte de “atómico” foi igualmente extraordinária. Cruzava-se com “mega-ataque terrorista”. E o “atómico” final fazia parte de uma frase que afirmava “instrução atómica”, e cruzava-se com “pai da ciência atómica”, e isso ligava tudo ao “Iémen”, “terrorismo” e “Khan”.

Estava não só além do acaso, estava além da imaginação. O perigo supremo que o mundo enfrenta neste preciso momento estava codificado em detalhe, com nomes, locais e datas, num texto com 3000 anos.

And tudo isso foi deixado para nós encontrarmos, no único momento da história humana em que podíamos, quando o computador foi inventado — precisamente quando precisávamos dele para sobreviver.

A única questão real agora é se o Presidente Obama, que trouxe o mundo a Washington para combater o terrorismo nuclear, consegue fazer com que as suas próprias agências de informações terminem o trabalho que Israel começou. Podemos capturar ou destruir as armas que a Al Qaeda possui neste preciso momento e vencer a primeira batalha da Terceira Guerra Mundial com 30 comandos. A questão é se o faremos.

SE NÃO, ISTO pode acontecer amanhã:

É acordado com a notícia aterradora: “Um ataque nuclear destruiu Washington, D.C.”

O relato no seu rádio-despertador é o horror que toda a gente sabia que acabaria por acontecer, o perigo afirmado por todas as comissões do governo dos EUA desde o 11 de setembro, o Apocalipse previsto codificado na Bíblia há 3000 anos.

Ouve notícias tão avassaladoras que o 11 de setembro de 2001 se torna uma memória distante — “... que se crê serem terroristas, possivelmente um bombista suicida, e o número de mortos já ultrapassou um milhão.”

Na verdade, o Código da Bíblia prevê um ataque à "América" por "terrorismo" "nuclear", de facto por um "bombista suicida".

A 1 de dezembro de 2008, um painel de reputados especialistas mandatado pela Comissão do 11 de Setembro publicou um relatório, "World at Risk", que confirmava o Código da Bíblia: "A Comissão acredita que, a menos que a comunidade mundial aja decisivamente e com grande urgência, é mais provável do que não que uma arma de destruição maciça seja utilizada num ataque terrorista algures no mundo até ao final de 2013."

Há quinze anos que tento alertar toda a gente, desde o Presidente para baixo, sobre o perigo. Disse-o a George W. Bush um mês antes do 11 de setembro e avisei-o novamente um mês mais tarde: "Da última vez perdemos dois edifícios altos e 3000 pessoas. Da próxima vez poderemos perder uma cidade inteira."

Imagine-o. Washington foi varrida do mapa. Todo o nosso governo está aniquilado. A Casa Branca é o ponto zero.

Isso também está previsto no código.

"Casa Branca" está codificado com "atómico" "bombista suicida" no texto antigo da Bíblia.

Se acontecer — e todos os especialistas em terrorismo nuclear concordam que uma cidade americana será aniquilada se não agirmos neste preciso momento para o evitar —, o mundo mudaria para sempre. O que realmente preocupa os especialistas é exatamente o que o código avisa que viria a seguir. "Holocausto Atómico", "Guerra Mundial", ambos codificados com o "Fim dos Dias".

A questão, de acordo com todos os especialistas, é quando, não se.

Poderia realmente acontecer. Washington, ou qualquer grande cidade do mundo, poderá ser destruída amanhã por terroristas armados com armas nucleares.

"Uma única célula trabalhou durante seis anos para se preparar para o desvio dos jatos jumbo americanos que atacariam o World Trade Center e o Pentágono", escreveu Graham Allison, Subsecretário da Defesa tanto para Clinton como para Reagan. "Se uma célula semelhante estiver agora no seu quinto ou sexto ano de preparação para un ataque terrorista nuclear,

poderemos não saber até que uma nuvem de cogumelo engula uma cidade americana."

Imagine o horror:

Não haveria imagens de televisão após o primeiro terrível clarão de luz, mas sabemos que o inferno se seguiria. Toda a cidade seria aplanada instantaneamente. Os incêndios provocados pela explosão nuclear reunir-se-iam numa tempestade de fogo, uma enorme bola de fogo com milhas de largura. Um violento turbilhão criado pela explosão varreria as ruínas da cidade. O fogo e os ventos durariam horas. A radiação espalhar-se-ia por milhas e duraria anos.

Os detalhes provavelmente nunca seriam conhecidos. Os terroristas, a bomba e a cidade desapareceriam todos em segundos. Mas Washington seria muito provavelmente destruída por uma arma como a bomba atómica de 12,5 quilotoneladas que lançámos sobre Hiroxima em 1945. Atualmente, isso seria meramente uma arma nuclear tática, suficientemente pequena para ser carregada numa mochila por um "Shaheed", um bombista suicida.

E uma bomba nuclear explodida à superfície criaria um horror ainda maior do que a bomba de Hiroxima. Toda a população de Washington seria instantaneamente reduzida a pó, qualquer ser humano na cidade seria fumo e cinzas. Eles simplesmente desapareceriam. A população incinerada elevar-se-ia na nuvem de cogumelo que tinha sido Washington, D.C.

Ninguém na cidade ouviria a enorme explosão porque uma detonação nuclear criaria um vácuo. Mas, a milhas de distância, toda a gente ouviria o terrível trovão, diferente de tudo o que alguma vez tivessem ouvido antes.

As imagens de satélite revelariam finalmente a devastação. Ninguém seria deixado vivo. O Presidente, todo o Congresso, toda a gente em cada grande agência governamental estaria reduzida a pó radioativo. Nem um edifício seria deixado de pé. Washington deixaria de existir.

Nos dias seguintes, a radiação e a crescente tempestade de fogo consumiriam tudo e todos a milhas de distância do ponto zero. Não haveria nada senão as carcaças queimadas do que outrora fora a capital dos Estados Unidos.

E esse não seria o horror supremo.

O Código da Bíblia prevê que a Terceira Guerra Mundial poderá começar desta forma. Um ataque nuclear a Washington ou a Nova Iorque seria o início, não o fim.

COMO PODEMOS evitar que fanáticos religiosos destruam o mundo em nome de Deus? Precisamos de um milagre. Talvez o Código da Bíblia seja o milagre. Previu o perigo muito antes do 11 de setembro, muito antes de quase toda a gente conseguir sequer imaginar o terrorismo a essa escala.

"Em vez de uma guerra nuclear entre superpotências, o mundo poderá agora enfrentar uma nova ameaça — terroristas armados com armas nucleares", escrevi no meu primeiro livro do Código da Bíblia, publicado em 1997. "A Segunda Guerra Mundial terminou com uma bomba atómica. A Terceira Guerra Mundial poderá começar dessa forma."

Se o Código da Bíblia estiver certo, um "bombista suicida" poderá despoletar a próxima "Guerra Mundial", o ato definitivo de "terrorismo".

Esse foi o aviso que dei ao Primeiro-Ministro israelita Shimon Peres em janeiro de 1996. Quando nos reunimos novamente cinco anos mais tarde, Peres disse: "Quando o vi pela primeira vez, tudo isto era tão difícil de acreditar. Agora é quase senso comum banal. O mundo está a apanhar o Código da Bíblia."

Ao início, ninguém a não ser Peres acreditava no que o código previa. Após o 11 de setembro de 2001, aquilo que ninguém conseguia imaginar tornou-se aquilo que toda a gente temia. Se a Al Qaeda conseguia derrubar as Torres Gémeas e depois atingir o Pentágono armada apenas com x-atos, ninguém duvidava de que poderia um dia atacar com armas nucleares.

"América" está codificada na Bíblia duas vezes com "atómico", "nuclear" e "terror", ambas as vezes também com "bombista suicida".

O aviso de um ataque terrorista nuclear na América repete-se vezes sem conta no Código da Bíblia.

"América" era cruzada por "nuclear", tal como tinha aparecido com "atómico", e novamente com a palavra árabe para bombista suicida, "Shaheed". Os mesmos terroristas que tinham feito explodir um autocarro, um hotel ou um comboio, que atacaram no 11 de setembro, iriam para uma glória maior fazendo-se explodir a si próprios com uma cidade inteira.

O Professor Rips, o cientista israelita que descobriu o Código da Bíblia, calculou as probabilidades contra isto estar codificado duas vezes. Era de 10 milhões para 1. O aviso não podia ser mais claro.

Antes de avisar Obama, muito antes de ele se tornar Presidente, eu tinha estado na Casa Branca, tinha avisado tanto Clinton como Bush, tinha-me sentado com o Chefe da Mossad em Israel, tinha estado nos santuários interiores da CIA e do Pentágono, reunido com todo o comando do topo das informações militares americanas, e dito a todos que poderíamos ter apenas escassos anos para salvar o nosso mundo. Mas ninguém prestava ouvidos ao aviso.

Após o 11 de setembro, todos acreditaram em mim, mas ninguém fez nada.

O Presidente da Comissão do 11 de Setembro, o Governador Thomas Kean, disse no final de 2005: "Não temos maior medo do que um terrorista que esteja dentro dos Estados Unidos com uma arma nuclear. As consequências de um ataque desse tipo seriam catastróficas. A coisa mais marcante para nós é que a dimensão do problema ainda ridiculariza totalmente a resposta."

"Acreditamos que os terroristas atacarão novamente", dizia a declaração final de toda a Comissão, que emitiu um boletim de avaliação que dava à administração Bush uma nota de nega em armas de destruição maciça.

Avisei primeiro o Presidente Bush mais de um mês antes do 11 de setembro, mas ele ignorou a minha carta, tal como ignorou um relatório ultrassecreto da CIA que recebeu no mesmo dia. Intitulava-se "Osama bin Laden determinado a atacar em solo continental dos EUA".

"Precisamos de fazer hoje o que faríamos no dia seguinte a uma cidade inteira ser apagada do mapa", escrevi ao Presidente Clinton em outubro de 2005, esperando que ele, embora fora do cargo, pudesse fazer o que Bush, no cargo, não faria. Mas Clinton não interveio.

No dia seguinte, ninguém hesitaria. Teríamos finalmente a vontade de sobreviver, mas talvez não o caminho. Se uma cidade for aniquilada, cada líder mundial tentará evitar que a cidade seguinte, e a cidade a seguir a essa, finalmente toda a civilização humana, seja destruída. Mas se não o fazem agora quando o mundo está inteiro, como poderiam salvar o mundo depois de este estar despedaçado?

O Código da Bíblia pode ser um milagre, mas não é como a própria Bíblia. Não é nem uma ameaça de Castigo Divino, nem uma promessa de Salvação Divina. É apenas informação, como um relato de notícias, mas com antecedência, de há 3000 anos. Temos de usar a informação no código para encontrar a nossa própria solução, agora.

Agora, FINALMENTE, surgiu um líder mundial que poderá realmente ser capaz de realizar o milagre.

A partir de abril de 2009, Obama tentou soar o alarme.

"A proliferação de armas nucleares ou o roubo de material nuclear poderia conduzir ao extermínio de qualquer cidade no planeta", avisou ele na sua primeira viagem ao estrangeiro como Presidente.

Obama percebeu que a ameaça tinha mudado. O perigo já não era o perigo da Guerra Fria, com mísseis a voar pelo globo, apagando tudo em meia hora. Agora trata-se de terroristas armados com armas de destruição maciça.

"Numa estranha reviravolta da história, a ameaça de uma guerra nuclear global diminuiu, mas o risco de um ataque nuclear aumentou", disse Obama.

"Se a Al Qaeda já não tem armas nucleares, eles são incompetentes", disse-me um alto funcionário da CIA no quartel-general da agência em Langley, Virgínia. "E se já têm uma arma, poderiam atacar hoje ou amanhã."

"Poderá ser necessária a destruição de uma cidade inteira para acordar o mundo", disse o Professor Rips. Vários peritos de topo, com os seus avisos repetidos ignorados, chegaram à mesma conclusão.

Não precisa de ser Washington, poderá ser Nova Iorque, poderá ser Jerusalém, poderá ser Telavive, todas estão codificadas como estando em perigo e todas poderiam ser apagadas num único dia.

Quando me reuni com o Chefe da Mossad em Israel, mostrei-lhe que "Jerusalém" estava codificada com "atómico" "mega-ataque terrorista", cruzada por "Bin Laden" e "guerra".

É demasiado horroroso para imaginar, tão horroroso que até os homens cujo trabalho é evitá-lo tentam, em vez disso, negá-lo.

"Quando me reuni com o Diretor Adjunto da CIA, mostrei-lhe que 'Nova Iorque' também estava codificada com 'atómico' 'mega-ataque terrorista'. 'Como é que se escreve Nova Iorque em hebraico?', perguntou ele. 'Da mesma forma que se escreve Jerusalém em inglês', respondi eu. 'Mas como é que é possível atómico estar escrito em hebraico?', perguntou ele. 'Israel tem armas nucleares', respondi eu."

Por vezes, quando estou sozinho em casa em Nova Iorque, olho para uma das muitas matrizes do código que preveem um ataque terrorista nuclear na minha própria cidade e percebo que isso não só pode acontecer, mas que, se acontecer em algum lugar, quase de certeza que acontecerá em Nova Iorque, bem como em Washington. Não consigo esquecer o horror de ver o ataque de 11 de setembro ao World Trade Center a partir do telhado da minha casa, a apenas uma milha de distância, e às vezes, ao folhear os códigos, consigo ver um clarão de luz terrível e imaginar que a cidade inteira desapareceu.

"Nova Iorque" e "atómico" aparecem juntos novamente no código com "Obama" e "2011". O horror pode não estar longe. Um ataque terrorista nuclear em qualquer parte do mundo desencadeará uma reação em cadeia de ataques terroristas nucleares por todo o mundo. Se os Estados Unidos e Israel forem atacados, o país seguinte mais provável de estar em perigo é a Inglaterra, a cidade seguinte Londres. "Inglaterra" também está codificada com "atómico" "mega-ataque terrorista" e "guerra", mas com uma probabilidade menor do que a América ou Israel. Pode ser da autoria dos mesmos terroristas da Al Qaeda na mesma base no Iémen — tanto a Inglaterra como Londres estão codificadas com ela por nome.

Mas o ataque, se acontecer, pode não acontecer ao mesmo tempo. Em vez disso, o código sugere que poderá ser numa segunda vaga de ataques terroristas atómicos que certamente se seguiria à primeira. Continuaria quase de certeza até que cada grande cidade fosse destruída, milhões de pessoas assassinadas por um culto de morte que age em nome de Deus. Onde outrora se erguiam grandes cidades, definindo o mundo, a sua economia, a sua civilização, haveria apenas ruínas radioativas. Na verdade, o Código da Bíblia avisa que poderemos todos enfrentar um "Holocausto Atómico" antes do fim do primeiro mandato de Obama, em 2011. Seria, como o código avisa, um "holocausto atómico para todos". O mundo mudaria para sempre, num instante.

CONSEGUIREMOS AINDA alterar o nosso futuro? "Tudo o que os Estados Unidos e os seus aliados têm de fazer para evitar o terrorismo nuclear é evitar que os terroristas adquiram uma arma", diz o perito de topo, Graham Allison. Um ano antes da sua cimeira nuclear em

Washington, Obama surpreendeu toda a gente com um discurso histórico em Praga, apelando a "um mundo sem armas nucleares". Mas existem 25 000 armas nucleares no mundo e milhares de terroristas prontos a usá-las. Até Obama disse que não espera ver um mundo sem armas nucleares durante a sua vida.

A Rússia e os Estados Unidos possuem 90 por cento das armas. A maioria encontra-se em mísseis ainda apontados uns aos outros, 20 anos após a Guerra Fria ter terminado, em alerta de gatilho fácil de 5 minutos. Um falso alarme poderia causar uma catástrofe global. Não existe um plano para lidar com as armas ou com o urânio enriquecido no Paquistão, na Índia ou na Coreia do Norte, e nenhum plano realista para travar o Irão e outros países do Médio Oriente de se tornarem também potências nucleares. A cimeira nuclear de Obama em 2010 terminou com um apelo para proteger ou destruir todas as armas e materiais nucleares em 4 anos, mas a Comissão do 11 de Setembro disse que enfrentamos um ataque terrorista nuclear em 3 anos.

Mesmo o plano de 4 anos exigiria que a Rússia e a China se juntassem aos EUA. Mas não é claro se a França o fará. O Presidente está a liderar, mas ninguém o está a seguir. Até o próprio conselheiro de contra-terrorismo de Obama não está a fazer qualquer esforço para lidar com o perigo mais imediato, as armas nucleares que a Al Qaeda poderá já ter numa base conhecida no Iémen. A CIA e o Pentágono também estão a ignorar o perigo. E o Chefe de Gabinete de Obama não quer olhar para as provas, quanto mais intervir. É como se Washington tivesse, de facto, sido varrida do mapa. É como se o governo americano já não existisse.

O Presidente Bush disse que o terrorismo nuclear era a ameaça n.º 1, mas nada fez para o evitar. Obama herdou um mundo em risco. Osama bin Laden continua à solta, continuando a ameaçar com "uma Hiroxima americana". A Al Qaeda atacou Londres, Madrid, o Egito e a Jordânia. Declarou que "eliminar Israel é o dever de cada crente". Ninguém tem a mínima ideia de onde encontrar os terroristas. O nosso inimigo está em todo o lado. Vive anonimamente entre nós, em cada grande cidade, em cada grande país do mundo. Não há forma de saber se uma bomba nuclear já foi contrabandeada para Washington, Nova Iorque, Jerusalém, Telavive, Moscovo, Londres ou Paris, ou para qualquer outro lugar na Europa ou na Ásia, no Médio Oriente ou na América. Allison, um dos autores do relatório que avisava que um ataque nuclear é provável dentro de 3 anos, também afirmou: "Se os terroristas comprassem ou roubassem uma arma nuclear, poderiam detoná-la hoje." Agora, imagine novamente que é o dia seguinte. Washington foi aniquilada.

O mundo inteiro está em estado de choque. A civilização está a desintegrar-se rapidamente. Os gabinetes governamentais estão abandonados. Os hospitais estão desertos. Não há comida, não há combustível, não há ninguém para manter a ordem, quanto mais para defender o mundo. Ninguém sabe quando a próxima bomba explodirá, qual a cidade que poderá desaparecer amanhã. E num mundo agora dominado pelo terror e no caos, todas as milhares de armas nucleares estariam ainda mais vulneráveis, não haveria forma de as colocar sob controlo. Ninguém saberia onde encontrar os terroristas ou como travar o ataque seguinte. Um inimigo invisível, agora armado com armas nucleares, poderia derrubar uma cidade de cada vez ou cinco cidades de uma só vez.

No dia seguinte a uma cidade ser aniquilada, toda a gente estaria a fugir de cada grande cidade e os líderes mundiais estariam escondidos em bunkers subterrâneos. No dia seguinte, toda a gente se perguntaria como pudemos primeiro criar armas que podiam destruir o mundo e depois perder o controlo delas, por que razão deixámos as nossas armas mais perigosas cair nas mãos de lunáticos e depois nada fizémos para os travar. No dia seguinte, ninguém seria capaz de recompor um mundo despedaçado. O dia seguinte seria um dia demasiado tarde. OBAMA SABE-O, mas assumiu o cargo enfrentando um mundo mais claramente em crise do que qualquer Presidente desde Franklin Roosevelt.

Agora, como outrora, a economia mundial tinha desmoronado, ao mesmo tempo que poderemos enfrentar uma Guerra Mundial. Lembrei-me de uma carta selada que entreguei ao meu advogado em 1998 que fazia duas previsões: “Os avisos que estão mais claramente expressos no código são: (a) O mundo enfrentará um ‘colapso económico’ global; (b) Isto conduzirá a um período de perigo sem precedentes, à medida que nações com armas nucleares se tornam instáveis e os terroristas conseguem comprar ou roubar o poder para destruir cidades inteiras.” Quando li as previsões dez anos mais tarde, elas abalaram-me. Estávamos já no momento vaticinado.

Capítulo III

CRISE ECONÓMICA

PARECIA A DÉCADA de 1930 tudo de novo, mas a acontecer à velocidade vertiginosa do século XXI. Fazia com que a Grande Depressão parecesse ter acontecido a um ritmo quase vagaroso. Agora, todas as más notícias eram globais num instante, e por todo o mundo grandes economias estavam a cair. Começou em 2008. O mercado de ações dos EUA perdeu metade do seu valor, uma quebra de $8 triliões. Empresas emblemáticas da

América estavam à beira da falência — General Motors, General Electric e Citigroup.

O desemprego atingiu um nível recorde, e mais milhões ficariam sem trabalho em 2009, até em 2010, talvez em 2011. Estaremos a caminhar para um colapso ainda maior em 2012? É o perigo previsto no Código da Bíblia. Uma segunda Grande Depressão em 2012: eu tinha-a encontrado em outubro de 2007, um ano antes de a crise começar, quando o mercado de ações estava num máximo histórico, com o Dow Jones acima dos 14 000. Mas lembrei-me de que o mercado também tinha atingido o pico imediatamente antes de colapsar em 1929.

"Crise Económica" estava codificada na Bíblia apenas uma única vez. Mas exatamente no mesmo lugar aparecia "as Depressões", muito embora também constasse na Bíblia apenas uma vez. Isso era de mil para um. Na mesma matriz do código estava o ano bíblico "5690", 1929 no calendário moderno, o ano do grande colapso que despoletou a Grande Depressão. Isso era de três num milhão. Aparecia também outro ano, "5772", no calendário moderno 2012. O código afirmava que esta nova "crise económica" não terminaria, de facto poderia atingir o pico, no primeiro mandato de Obama. Isso era de um milhão para um.

Portanto, talvez não tenha sido por acaso que estava tudo codificado exatamente onde as palavras originais da Bíblia contavam a famosa história de José a ver o futuro ao interpretar os sonhos do Faraó, "sete anos de fartura e sete anos de fome".

O primeiro choque surgiu subitamente em meados de setembro de 2008. As seis semanas que se seguiram puseram a economia americana de joelhos, abalaram o mundo inteiro e tornaram Barack Obama Presidente. Mas também o deixaram a enfrentar a pior crise económica desde Roosevelt. Na altura em que Obama foi eleito, em novembro, toda a gente sabia que estávamos numa crise, mas ninguém imaginava ainda o quão má ela se tornaria.

Quando Obama prestou juramento a 20 de janeiro de 2009, o mercado de ações caiu mais 5 por cento, a sua maior queda em qualquer Dia de Tomada de Posse. Era um desastre em constante escalada numa escala quase bíblica, como as Dez Pragas do Egito. E estava tudo codificado na Bíblia há 3000 anos.

APENAS UM ANO após a Grande Recessão ter começado, contudo, quase toda a gente dizia que ela já tinha terminado. O Presidente da Reserva Federal, Ben Bernanke, anunciou oficialmente que era "muito

provável" que a recessão tivesse terminado, que uma recuperação económica tinha começado. Em outubro de 2009, o Dow ultrapassou os 10 000 pela primeira vez num ano. Wall Street festejava como se nunca tivesse havido um colapso em 2008.

Mas no 80.º aniversário do colapso de 1929, a 18 de outubro, a Bíblia do Capitalismo, o *Wall Street Journal*, levantou a mesma questão assombrosa que o Código da Bíblia:

"Será a década de 1930 tudo de novo?"

Porquê? O desemprego continuava em níveis recorde, perto dos 10 por cento. A crise da habitação que despoletou o colapso estava a "ficar ainda pior". E o pior de tudo, o défice do Governo dos EUA era de $1,4 triliões, o maior desde 1945.

"A última vez que a economia tentou sair de uma recessão profunda estando já assim tão profundamente endividada foi... na década de 1930", avisava o *Journal*. E novamente levantava a questão assombrosa: "Estaremos nós imersos numa repetição da Grande Depressão, uma era cheia de falsos amanheceres?"

Na verdade, o Código da Bíblia avisava que poderíamos estar.

"Depressão EUA" estava codificada com "começando em 2008", e também com "em 2012".

"Recessão Estados Unidos" estava também codificada paralelamente a "morte nas ações" e entre as duas a Bíblia afirmava "cinco anos".

O Professor Rips calculou as probabilidades. Disse-me que eram de mais de 2 milhões para 1 contra aquela sombria previsão financeira aparecer por acaso.

Arrependi-me de não ter contado a ninguém quando encontrei a previsão de "económica" em 2007, mas não havia a quem contar. Se tivesse tentado avisar a Casa Branca de Bush, ninguém teria acreditado que uma recessão de 5 anos fosse possível no auge do *boom*. Por isso, limitei-me a ligar para o meu corretor e disse-lhe para vender tudo.

"Estás louco", disse ele, "estamos no maior mercado de tendência ascendente (*bull market*) da história."

Mais uma vez, o Código da Bíblia tinha previsto o que ninguém acreditava ser possível, e mais uma vez já tinha começado a concretizar-se. TUDO COMEÇOU subitamente na segunda-feira, 15 de setembro de 2008. O mercado de ações teve o seu pior colapso de um dia desde o 11 de setembro. Desta vez não foi um ataque terrorista, mas o colapso do Lehman Brothers, uma das cinco maiores empresas de investimento de Wall Street, que despoletou a crise. Declarou falência no domingo à noite, desencadeando uma reação em cadeia que não deixou nenhuma das cinco de pé. O *Wall Street Journal* chamou-lhe "O FIM DE SEMANA EM QUE WALL STREET MORREU".

Muitos economistas acreditam que o dia 15 de setembro de 2008 foi o início da crise económica global. O mesmo dia no calendário bíblico, "15 de Elul", aparece com "as Depressões" no Código da Bíblia, e é cruzado por "em cada país". Logo abaixo, a matriz do código afirma "o fim do dinheiro". O detalhe da previsão das notícias de hoje num texto com 3000 anos é extraordinário. Nenhum jornal, nem o *Wall Street Journal* ou o *The New York Times*, nenhuma rede de televisão, absolutamente ninguém que relatava as notícias à medida que aconteciam previu a queda de um dia para o outro de uma empresa de investimento outrora poderosa, ou a série de crises que se seguiriam.

Mas estava no código, as notícias contadas há milhares de anos. O dia exato. Como seria possível estar codificado tão perfeitamente na Bíblia? O código tinha previsto o colapso de 2008 com um ano de antecedência, tinha antevisto a data em que começou e avisou sobre a crise económica que se seguiu. Foi tudo confirmado a 1 de dezembro de 2008, quando foi oficialmente anunciado que os Estados Unidos estavam em recessão há um ano completo, desde 17 de dezembro de 2007. Fiquei horrorizado ao ver o que tinha sido antevisto no Código da Bíblia a desenrolar-se diante dos meus olhos.

Nesse mesmo dia, enviei ao novo Secretário do Tesouro, Timothy Geithner, uma carta dizendo-lhe que o código avisava "que estamos apenas no início de uma recessão profunda que duraria pelo menos mais quatro anos, até 2012, todo o primeiro mandato de Obama". A minha carta não deu a Geithner falsas garantias. Não afirmei ter uma solução. "Se existe uma solução", escrevi, "essa poderá muito bem estar também codificada, mas isto não é uma bola de cristal — só conseguimos encontrar respostas para perguntas que sabemos fazer. O senhor poderá saber as perguntas." Geithner nunca respondeu. Duas horas após eu lhe ter enviado a minha carta, o *Wall Street Journal* noticiava que "o Dow fechou a perder quase

680 pontos no meio de receios crescentes de um abrandamento económico global prolongado".

A 10 de fevereiro de 2009, Geithner revelou o seu ansiosamente aguardado plano para estabilizar os mercados de crédito e salvar os bancos com $2,5 triliões em fundos governamentais e privados. Os preços das ações caíram imediatamente 382 pontos, a pior vaga de vendas desde o Dia de Tomada de Posse. Até ao final da semana, o mercado tinha caído mais 5 por cento em apenas quatro dias. Não importava quantos milhares de milhões, ou mesmo triliões, de dólares o governo federal injetasse nos bancos falidos, nas empresas e nos mercados hipotecários, toda a economia americana e mundial continuava simplesmente a cair em espiral.

ERA CLARO que a nossa economia tinha de ser reconstruída a partir da ruína total. No auge da sua campanha, a 16 de setembro, no dia seguinte à morte de Wall Street, Obama disse: "O que vimos nos últimos dias é nada menos que o veredicto final sobre uma filosofia económica que falhou por completo." Era a filosofia republicana do mercado livre, uma desculpa para a ausência de regulação de Wall Street, uma desculpa para uma política fiscal que dava ainda mais dinheiro à fração mais rica de um por cento, que já detinha mais de metade dos ativos da América.

Com apenas duas semanas no cargo, combatendo o Congresso para obter mais dinheiro para dar um arranque à economia, Obama disse: "A esta altura está claro para todos que herdámos uma crise económica tão profunda e grave como qualquer outra desde os dias da Grande Depressão." Pior ainda, ninguém parecia saber o que fazer, que indústrias salvar, quais deixar morrer, como fazer com que os bancos começassem a emprestar dinheiro às empresas que já não conseguiam pagar os seus salários e que, em vez disso, estavam a cortar centenas de milhares de postos de trabalho. Na sexta-feira, 13 de fevereiro de 2009, o Congresso aprovou finalmente o plano de estímulo de $787 mil milhões de Obama. Isso também estava previsto. "Obama" estava codificado com "resgate" e "recessão". O código afirmava que o novo Presidente tentaria salvar uma economia num impasse com gastos governamentais.

No final de fevereiro de 2009, Obama entregou um orçamento radical de $3,6 triliões ao Congresso, tentando apagar 30 anos da economia conservadora de Ronald Reagan e devolver a América ao *New Deal* de Franklin Roosevelt. No dia seguinte, o mercado de ações atingiu um novo mínimo de 12 anos, ligeiramente acima dos 7000, metade do seu pico em 2007, quando o código previu a crise. Remoldar a América, devolvendo-a à justiça económica e à sanidade, não ia ser fácil. "O que é bom para a General Motors é bom para o país", dissera famosamente o seu presidente

na década de 1950. Agora era uma ação que valia tostões, detida pelo povo americano.

A 1 de junho de 2009, a General Motors, o ícone empresarial definitivo da América, declarou falência. A GM, a empresa centenária, o maior fabricante de automóveis do mundo, tinha quase $100 mil milhões em dívidas e, para salvar toda a indústria, o governo teve de comprar 60 por cento da GM por $50 mil milhões em dinheiros dos contribuintes. Em outras palavras, nacionalização. "Nacionalização da GM" estava codificada na Bíblia, com "dívida numa crise financeira", e o ano, 2009.

O inimaginável tinha acontecido. E não fora o primeiro choque. Todo o sistema financeiro já tinha colapsado, forçando Obama a salvar o capitalismo ao assumi-lo. A Casa Branca desmentiu imediatamente os rumores de que os bancos também seriam nacionalizados em breve. Mas o Código da Bíblia previa que os bancos seriam, de facto, nacionalizados, e rapidamente. "Bancos" cruzava-se com "nacionalização". Ninguém lhe chamou "nacionalização", mas, conforme previsto, na primeira semana de maio de 2009, os "testes de esforço" (*stress tests*) mostraram que mais de metade dos maiores bancos do país poderiam não sobreviver sem mais dezenas de milhares de milhões em reservas de liquidez. Três dos principais bancos não conseguiram angariar o dinheiro e um, o maior do mundo, o Citigroup, vendeu um terço das suas ações ao governo federal. Em outras palavras, nacionalização.

Mudou radicalmente a economia americana, uma apropriação governamental da General Motors e do Citigroup, duas das maiores empresas do país. Os contribuintes já eram proprietários da maior companhia de seguros do mundo, a AIG, e dos dois maiores credores hipotecários — na verdade, estavam a sustentar todo o sistema financeiro. América, Lda. Foi um "último recurso" que, como tudo o resto, estava a acontecer tão depressa que as previsões do código se tornaram realidade enquanto eu ainda escrevia este livro.

Apenas ao colocar a rotativa de impressão do Tesouro dos EUA a trabalhar horas extraordinárias, criando novo dinheiro sem nada que o sustentasse a não ser mais dívida, a América foi capaz de evitar que a economia colapsasse inteiramente. E o medo tinha-se transformado em indignação. Porque é que ninguém tinha sido punido, porque é que o dinheiro dos contribuintes estava, de facto, a ser utilizado para pagar bónus de milhares de milhões de dólares aos mesmíssimos executivos empresariais que tinham afundado a economia?

SEM NENHUM polícia de prevenção, Wall Street criou papel sem valor, o que o *Washington Post* mais tarde chamou de "uma corrida frenética e temerária por comissões iniciais que deitou abaixo os mercados financeiros mundiais e despoletou o maior resgate federal da história". Quando se descobriu que um homem que todos consideravam um investidor brilhante, um pilar da comunidade financeira, Bernard Madoff, era afinal um vigarista descarado que roubou $60 mil milhões num esquema Ponzi, ele passou a personificar a loucura criminosa. Ele também estava codificado na Bíblia.

"Madoff" aparecia com "vigarista" e "ele sobressaiu". Esse era realmente todo o cerne do escândalo. Madoff sobressaiu — mas quão diferente era o seu crime dos crimes nunca perseguidos judicialmente da indústria do investimento como um todo? Finalmente, um ano após o resgate, o maior banco de investimento sobrevivente, o Goldman Sachs, foi processado por fraude pelo governo.

A SEC disse que o Goldman tinha criado títulos hipotecários desenhados para falhar, vendido milhares de milhões aos seus clientes e, ao mesmo tempo, apostado contra eles. Não era apenas uma cobertura de risco (*hedge*). O Goldman escolheu as piores hipotecas, aquelas com a certeza de irem à falência, rotulou-as de AAA, vendeu-as como um investimento sólido e ganhou milhares de milhões a apostar que elas falhariam. "Goldman Sachs" estava codificado na Bíblia com "vigaristas" e "crise financeira".

Ao contrário de Madoff, o Goldman tinha efetivamente ajudado a afundar a economia mundial. Pior ainda, muitos dos principais conselheiros financeiros de Obama tinham vindo do Goldman Sachs. Para muitos na América, parecia que eles tinham resgatado os seus amigos em Wall Street e deixado o resto do país a pagar a conta.

POR TODA a América, de facto por todo o mundo, as pessoas estavam a perder as suas casas, os seus empregos e as suas pensões. Quase 15 milhões de pessoas estavam agora desempregadas nos Estados Unidos. Em todo o lado no mundo, o emprego estava no seu nível mais baixo desde a Segunda Guerra Mundial. A mesma coisa estava a acontecer por toda a Europa, e a Standard & Poor's declarou que a Grã-Bretanha estava em perigo de perder a sua notação de crédito AAA. O país inteiro. "Inglaterra" aparecia com "recessão" "crise" e "fim do dinheiro".

O novo Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, David Cameron, eleito com a promessa de curar la crise financeira da sua nação, avisou em junho de 2010 para a necessidade urgente de cortar drasticamente a dívida

nacional. Duas semanas mais tarde, a 22 de junho, o seu Chanceler do Erário Público apresentou ao Parlamento um "orçamento inevitável", com severos cortes na despesa, aumentos de impostos e uma taxa sobre os bancos para reduzir um dos piores défices do mundo. Estava tudo previsto no Código da Bíblia. "Inglaterra" aparecia com "dívida numa crise financeira" e o ano de 2010. Cameron colocou a Grã-Bretanha, a par da maior parte da Europa, em rota de colisão com Obama, que avisou que os cortes na despesa arriscariam qualquer oportunidade de uma recuperação económica mundial, que mal estava a começar. A crise económica era global.

"Recessão Global" estava codificada com "2012". Novamente, 2012 parecia ser menos o fim da crise do que o seu pico. Nem Roosevelt tinha sido capaz de dar a volta à economia no seu primeiro mandato, e parecia que Obama também poderia não o conseguir. A verdadeira questão parecia ser se 2012 terminaria com a crise — ou se seria o ano em que a economia mundial cairia finalmente por uma ravina abaixo. Algures no Código da Bíblia talvez houvesse uma solução. Ao início, a única boa notícia que consegui encontrar veio do Professor Rips, que citou um comentário antigo sobre a Bíblia que dizia que Deus, na sua misericórdia, transformou os previstos "sete anos de fome" de José em apenas dois. Mas eu procurava uma resposta que não dependesse da intervenção Divina. Finalmente, encontrei-a no Código da Bíblia.

Uma matriz do código sugeria que a economia poderia dar a volta em 2010 — em si mesmo um milagre, mas de nossa autoria. "Obama" cruzava-se com "ano 2010" e "financeira" aparecia no mesmo lugar, com "códigos". Em hebraico, "ano 2010" também se lia como "ele mudou 2010". O Presidente da Reserva Federal, Bernanke, ecoando o Código da Bíblia, disse que a recessão continuaria ao longo de todo o ano de 2009, mas que 2010 poderia ser um "ano de recuperação". No seu primeiro discurso ao Congresso, o Presidente Obama ofereceu esperança: "Embora a nossa economia possa estar enfraquecida e a nossa confiança abalada, embora estejamos a viver tempos difíceis e incertos, quero que cada americano saiba isto — Nós vamos reconstruir, nós vamos recuperar, e os Estados Unidos emergirão mais fortes do que antes." Havia profetas da desgraça. O economista laureado com o Nobel, Paul Krugman, escreveu no *New York Times*: "As coisas continuam a piorar." "O máximo que se pode dizer é que as coisas estão a piorar mais lentamente", disse Krugman. "Mesmo na Grande Depressão as coisas não foram direitas ao fundo." Ele estava preocupado: "Isto assemelha-se terrivelmente ao início de uma segunda Grande Depressão. Portanto, este é o nosso momento da verdade. Faremos de facto o que é necessário para evitar a Grande Depressão II?"

O que mais me preocupava não era a economia, mas o horror que poderia seguir-se ao seu colapso, não a Grande Depressão II, mas a Terceira Guerra Mundial. Foi uma crise económica global que despoletou a Segunda Guerra Mundial, e outra depressão global poderia criar o caos total num mundo já de si perigoso, e desencadear uma terceira Guerra Mundial. Ou um ataque terrorista nuclear poderia criar uma crise económica, na verdade enviar o mundo de volta para o sistema de troca direta. E até Warren Buffett, o investidor definitivo, disse: "O terrorismo nuclear é, infelizmente, inevitável." Por isso, claro, eu queria acreditar que tudo seria resolvido em 2010.

O código apenas nos diz as probabilidades, não o resultado final. Nós decidiremos o nosso próprio destino. À medida que avançávamos para a primavera em março de 2010, o *Wall Street Journal* festejava uma notável recuperação de um ano, com o Dow a subir mais de 60 por cento desde o seu mínimo assustador em março de 2009. "A AMÉRICA VOLTOU!", proclamou a *Newsweek* numa história de capa em abril de 2010. Mas o desemprego continuava perto dos 10 por cento, uma em cada quatro casas estava "submersa", com as hipotecas agora maiores do que o valor dos imóveis, e o défice da América estava tão fora de controlo que se estimava que a dívida nacional seria 90 por cento da economia por volta de 2020.

Na Europa as coisas estavam ainda piores. A Grécia estava falida, a sua dívida declarada como "obrigações de lixo" (*junk bonds*). Espanha e Portugal tinham sofrido uma redução da nota de crédito, e parecia que a Itália era a seguinte. Toda a Zona Euro poderia colapsar, e a dívida britânica era a segunda logo a seguir à da Grécia. Mas o Dow tinha ultrapassado os 11 000 e toda a gente em Wall Street andava em festas como se estivéssemos... nos Loucos Anos 20.

Depois, na quinta-feira, 6 de maio de 2010, o Dow caiu subitamente quase 1000 pontos em cinco minutos, um vislumbre retrospectivo das vendas em pânico de 2008. Embora a queda livre tenha durado apenas minutos, expôs uma linha de falha nos mercados e deixou-os abalados. Teria a festa terminado? Conseguirá Obama realmente dar a volta à economia americana e, com ela, à economia mundial, evitar uma depressão e uma guerra, em apenas dois anos, em 2010? Continua a ser uma questão. Na verdade, em hebraico, o ano 2010 escreve-se com letras que também grafam uma pergunta — "Salvarás?".

CAPÍTULO QUATRO

NOTÍCIAS DE MANCHETE

HAVIA DUAS eleições improváveis previstas no Código da Bíblia: Obama como Presidente dos Estados Unidos em 2008, e o primeiro governo de coligação total da Grã-Bretanha desde a Segunda Guerra Mundial em 2010. Ninguém poderia ter previsto que o candidato desconhecido de um terceiro partido, Nick Clegg, o Liberal Democrata, decidiria a batalha em 2010 entre o Gordon Brown do Labour e o David Cameron do Conservative. Mas estava codificado na Bíblia há 3000 anos.

"Cameron" aparecia com "N. Clegg" e o ano em que a Inglaterra assistiu a um notável braço de ferro de cinco dias para nomear o novo Primeiro-Ministro. Foi um *thriller* diferente do que a Inglaterra alguma vez tinha visto. A eleição de 6 de maio de 2010 terminou realmente a 11 de maio quando Clegg, que tinha saltado para as atenções nacionais no primeiro debate televisivo de Inglaterra, escolheu o seu rival ideológico Cameron para entrar no número 10 de Downing Street. O improvável governo de coligação direita-esquerda foi o produto de uma invulgar corrida a três que se focou na crise financeira. "Cameron" estava codificado novamente com "Clegg", o ano de 2010, e "numa crise" "financeira". Mas deixou Cameron, o mais jovem Primeiro-Ministro desde 1812, a lidar com o pior desastre económico de Inglaterra desde a década de 1930. Poderia David Cameron, o líder improvável de uma coligação mais do que improvável, liderar a Grã-Bretanha para fora da sua profunda "recessão"?

Enquanto o país dava um salto para o desconhecido político, muitos preocupavam-se que a Inglaterra pudesse estar a caminho de uma crise maior, um colapso político e económico. Poderia Cameron, aos 43 anos, manter unido o que chamou de um governo "Liberal Conservador" com Clegg, a quem o novo Primeiro-Ministro tinha uma vez chamado a sua "piada política favorita"? Seria o seu plano financeiro de "décadas de austeridade" o caminho para sair de, ou o caminho para entrar noutra Grande Depressão? Em todo o caso, o Código da Bíblia tinha previsto tudo, incluindo a "tensa" eleição sem maioria absoluta (*hung election*), terminando com o estranho casal "Cameron" e "N. Clegg".

EVENTOS QUE AINDA ontem faziam manchetes encontram-se consistentemente codificados na Bíblia, num texto que tem 3000 anos. Na verdade, o passado recente aparece em detalhes tão precisos que o futuro previsto parece as manchetes de amanhã. As notícias relatadas no Código da Bíblia há milhares de anos são as mesmas que as notícias relatadas no *The New York Times*, *Washington Post* ou *Wall Street Journal* no dia em que acontecem. E não são apenas tão precisas, são por vezes mais precisas.

A 11 de setembro de 2001, logo após as Torres Gémeas caírem, o Professor Rips descobriu uma matriz de código extraordinária. “Torres Gémeas” cruzava o equivalente à data bíblica do 11 de setembro. No mesmo lugar, as palavras originais da Bíblia diziam: “E morreram do povo naquele dia cerca de 3000 homens”. Rips ligou-me no dia do ataque. “O código diz 3000, mas deve estar errado”, disse ele, “porque todos os relatos das notícias dizem 6000.” Não foi senão meses mais tarde que se determinou que o número real de mortos era ligeiramente inferior a 3000. Mas o Código da Bíblia declarava o verdadeiro número de mortos no dia do ataque. Na altura em que soubemos disso, os Estados Unidos planeavam uma guerra contra Saddam Hussein, uma invasão do Iraque.

Fui convocado a Washington para me reunir com todo o comando do topo das informações militares americanas no Pentágono. A 21 de fevereiro de 2003, os almirantes e generais que projetavam a invasão sentaram-se comigo durante uma hora para descobrir o futuro vaticinado no Código da Bíblia. “O que diz sobre o Iraque?”, perguntou Lin Wells, o diretor da C3I, abreviatura militar para Comando, Controlo, Comunicações e Informações. “Boas notícias”, disse eu, entregando-lhe uma matriz de código. “Saddam Hussein cairá em 2003.” “Então o resultado já está determinado?”, perguntou um General do Estado-Maior Conjunto. “Não”, disse eu.

“O Código da Bíblia não é uma bola de cristal. Revela probabilidades, nada está escrito em pedra.” Mas a 14 de dezembro de 2003, Saddam Hussein foi de facto capturado, escondido num buraco no chão, depois de um membro do seu clã ter aceitado um suborno de $50 milhões da CIA. Mais tarde ele foi enforcado, “morte”, exatamente como o código tinha previsto. Como é óbvio, isso não travou a Al Qaeda. Saddam Hussein não tinha atacado a América no 11 de setembro. O Iraque era irrelevante para a guerra contra o terrorismo. O perigo era Osama bin Laden, como eu tinha tentado dizer a todos os funcionários de informações no Pentágono.

A 11 de março de 2004, a Al Qaeda fez explodir quatro comboios de passageiros em Madrid, matando 191 pessoas e ferindo mais de 1700. Foi uma vingança pela participação de Espanha na guerra do Iraque. Mas fora a Al Qaeda que atacou. Na verdade, Bin Laden tinha avisado: Todos os que cooperam com os americanos contra o Iraque são hostis ao Islão.

A 7 de julho de 2005, a Al Qaeda atacou novamente contra um aliado americano, a Inglaterra. Uma célula terrorista local treinada no Paquistão bombardeou o Metropolitano de Londres, matando 52 pessoas e ferindo mais de 700. Novamente, estava codificado na Bíblia. “Metropolitano” “comboio” e “bombas” apareciam todos com julho de 2005. Numa segunda matriz, “metropolitano” era cruzado por “terror” e “Londres”. “Porque

foste à guerra" aparecia nas palavras originais da Bíblia logo abaixo de julho de 2005. A Al Qaeda culpou o Primeiro-Ministro britânico Tony Blair pelo ataque, que enviou tropas para o Iraque. As palavras da Bíblia — "porque foste à guerra" — ecoavam o número dois de Bin Laden, Al-Zawahiri: "Blair trouxe-vos a destruição no centro de Londres, e ele trará mais disso, se Deus quiser."

A 26 de novembro de 2008, no ataque terrorista mais descarado desde o 11 de setembro, militantes islâmicos do Paquistão estreitamente ligados à Al Qaeda cercaram durante três dias o centro comercial da Índia, Bombaim. Setenta militantes armados com metralhadoras e granadas de mão, agindo com precisão militar, atacaram dois hotéis de luxo, a estação ferroviária principal e um hospital, matando 172 pessoas. Muitos suspeitaram que as informações paquistanesas estavam envolvidas, que 70 militantes não poderiam ter assumido o controlo de uma grande cidade sozinhos.

O ataque terrorista trouxe duas nações armadas com armas nucleares, a Índia e o Paquistão, à beira da guerra. Mostrou como militantes, mesmo sem uma arma nuclear, poderiam despoletar um holocausto nuclear. Estava tudo codificado na Bíblia em detalhe surpreendente. No terceiro dia do ataque, como um ato final, os terroristas executaram cinco reféns num centro judaico, a Chabad House, em Bombaim, a cidade chamada *Bombay* quando os britânicos governavam a Índia. "Terror" "em Bombaim" aparecia com "na Chabad House". O Professor Rips mostrou-me algo extraordinário na matriz. Durante o ataque ao centro judaico, um rolo da Torá foi atingido por tiros, rasgando parte de dois versículos da Bíblia. Foi exatamente nesse lugar na Bíblia que "Terror" "Bombaim" e "na Chabad House" apareceram no código.

Um mês mais tarde, a 27 de dezembro de 2008, militantes paquistaneses ligados à Al Qaeda atacaram novamente, assassinando Benazir Bhutto. A antiga Primeira-Ministra tinha regressado para trazer a democracia de volta ao Paquistão após anos de regime militar. "Assassinato de Bhutto" estava codificado na Bíblia com o seu primeiro nome, "Benazir", e "alvo". Ela era vista como uma amiga do Ocidente e uma ameaça tanto para a Al Qaeda como para a junta militar que governava o Paquistão. A CIA concluiu que a Al Qaeda tinha conspirado com outros militantes islâmicos para a matar, mas, novamente, muitos acreditavam que a própria agência de informações do Paquistão tinha conspirado com os assassinos.

O homicídio teve lugar numa cidade-guarnição sob rigoroso controlo militar, na verdade, o Quartel-General do Exército do Paquistão, onde a

ainda mais poderosa agência de Serviços de Informações Inter-Departamentais (ISI) na realidade governava. A ISI tinha ajudado a criar a Al Qaeda e os outros grupos militantes que agora acusava de matar Bhutto. À semelhança do ataque à Índia um mês antes, levantou a questão de saber se existia alguma diferença real entre os governantes do Paquistão e os terroristas a quem dava um porto seguro. Em todo o caso, o assassinato de Bhutto mergulhou a nação armada com armas nucleares mais instável do que nunca do mundo numa crise ainda mais profunda.

A NATUREZA PODE ser tão perigosa como o terrorismo. Apenas um grande desastre natural pode ameaçar o mundo tanto quanto um ataque nuclear, e os grandes desastres naturais estão também codificados na Bíblia exatamente como apareceram nas manchetes dos jornais. A 27 de dezembro de 2004, o *The New York Times* noticiou que "o sismo mais poderoso do mundo em 40 anos eclodiu debaixo de água ao largo da ilha indonésia de Samatra, e enviou muralhas de água a avançar a toda a velocidade por milhares de milhas através do Sudeste Asiático". Toda a gente lhe chamou "o Tsunami Asiático" e o número final de mortos atingiu os 178 000, com 50 000 desaparecidos e presumivelmente mortos. "Ásia" cruzava-se com "Tsunami" no código uma única vez, e logo acima as palavras originais da Bíblia falavam de uma "muralha de água à direita e à esquerda".

"Muralha de água" aparecia uma segunda vez, usando exatamente as mesmas palavras que o relato do *Times* sobre as ondas de 40 pés de altura que viajavam a velocidades de até 500 milhas por hora e que se abateram sobre a Índia, Sri Lanka, Tailândia e Malásia, bem como sobre a Indonésia. "Muralha de água" vinha de uma passagem famosa na Bíblia que contava a história de Moisés a abrir o Mar Vermelho, permitindo que os antigos israelitas caminhassem através dele em terra seca, afogando depois os egípcios que os perseguiam. Notavelmente, no mesmíssimo lugar na Bíblia, Êxodo 14, as palavras "Ásia" e "Tsunami" cruzam-se de forma única no texto com 3000 anos.

A 29 de agosto de 2005, o Furacão Katrina atingiu Nova Orleães e, no dia seguinte, dois diques romperam-se, inundando a cidade e matando mais de 1300 pessoas. Isso também estava codificado na Bíblia. "Em Nova" "Orleães" aparecia com "tempestade" cruzada por "morte". Novamente, o mesmo relato que estava no *Times*, na CNN, que fazia manchetes em todo o lado no mundo, estava também codificado e previsto na Bíblia. Foi o pior desastre natural na América em 100 anos, e levantou uma questão assustadora para o país.

Se o nosso governo não conseguiu salvar o povo de Nova Orleães de um furacão sabendo com 3 dias de antecedência que ele vinha a caminho, como poderia lidar com um desastre muito maior, que viria sem aviso prévio, como um ataque terrorista nuclear? O Katrina, e os corpos a flutuar em Nova Orleães, tornaram-se a imagem que, tanto quanto o Iraque, deitou abaixo o Presidente Bush. A 12 de janeiro de 2010, um sismo maciço atingiu o Haiti, matando pelo menos 200 000 pessoas. O epicentro foi a capital do país insular, Port-au-Prince, uma cidade de mais de dois milhões de habitantes na nação mais pobre do hemisfério ocidental. "Haiti destruído de um só golpe" está codificado com "sismo", e "morte de um povo" aparece na mesma matriz. Era como se o código estivesse a relatar a morte de um país.

Tinha sido atingido por dois grandes furacões em 2008 e agora pelo pior sismo em mais de 200 anos, conforme noticiou o *Times*, "trazendo ainda mais sofrimento a uma nação que já era a mais pobre e mais propensa a desastres". Mais uma vez, o Código da Bíblia ecoava a manchete do *The New York Times*, "Sismo Feroz Devasta a Capital Haitiana".

"Haiti" está também codificado com "em 2010 o avassalou", sobreposto por "eles morreram". O código completo captou a série interminável de aflições em termos bíblicos — "Job" está codificado logo abaixo de Haiti, comparando o país à personagem mais fustigada por pragas do Antigo Testamento. A natureza voltou a mostrar o seu poder terrível a 20 de março de 2010, quando um vulcão entrou em erupção na Islândia, lançando tanta cinza para o céu que esta cobriu o Oceano Atlântico Norte e a maior parte da Europa. Todo o tráfego aéreo de e para a Europa sofreu uma paragem súbita. Durante 5 dias, e novamente semanas mais tarde, o mundo tecnológico moderno ficou paralisado por um vulcão numa minúscula e distante ilha.

"Na Islândia" estava codificado na Bíblia com "vulcão" e "cinza". Vezes sem conta, o código antevia o que os meios de comunicação relatavam.

A 20 de abril de 2010, uma gigantesca plataforma petrolífera, destinada ao poço de petróleo mais profundo do mundo, explodiu no Golfo do México. "Ano 2010" cruzava-se com "derramamento de petróleo". Foi o pior desastre ecológico provocado pelo homem na história dos Estados Unidos. Audiências no Congresso alegaram que a BP tinha causado o desastre ao assumir riscos para aumentar os lucros, e não tinha qualquer plano para lidar com os 2,5 milhões de galões de petróleo que jorravam para o golfo todos os dias. Ninguém sabia quando o poço poderia ser tapado, quanto petróleo iria poluir a linha costeira desde o Texas até à

Florida e depois subindo pela costa leste, mas a cada 4 dias estava a expelir uma quantidade igual ao maior derramamento de petróleo anterior da América. E ninguém conseguia explicar por que razão a BP tinha recebido autorização para perfurar um poço a uma milha de profundidade debaixo de água, sem ser capaz de o fazer em segurança.

As "Alterações Climáticas" poderão ser a maior ameaça a longo prazo que enfrentamos. Está codificado com "hoje" cruzando "dia e noite, sete dias". A mensagem é clara — está a acontecer neste preciso momento, 24 horas por dia, 7 dias por semana. O impacto a longo prazo está também codificado na mesma matriz, uma "onda de calor" que pode causar uma "inundação", na verdade um Dilúvio à escala bíblica. Esta é exatamente a visão consensual dos cientistas, de que o aquecimento global causado pelas emissões de carbono produzidas pelo homem a partir de todas as fábricas, automóveis, habitações, todos os combustíveis fósseis, acabará por fazer com que as calotes polares derretam, criando uma inundação mundial que deixará todas as zonas costeiras debaixo de água. O antigo Vice-Presidente Al Gore, o homem que mais do que qualquer outro tornou o perigo das alterações climáticas conhecido no mundo e ganhou um Prémio Nobel por fazê-lo, estava também codificado.

O Código da Bíblia parecia indicar que Obama estava a assumir um risco. "Guerra" do "Afeganistão" estava codificada com "perigo, cuidado". Preocupava-me que fosse um risco desnecessário, que Obama pudesse estar a combater a guerra errada. Muitos, até no próprio partido de Obama, o diziam — que a guerra de oito anos no Afeganistão não servia para qualquer propósito, e assim era desde que se permitira que Bin Laden escapasse para o Paquistão. Pensava-se que Bin Laden continuava no Paquistão, um país que também possuía 100 armas nucleares instaladas em mísseis. E o nosso comandante militar, o General David Petraeus, disse ao Congresso que havia poucos combatentes da Al Qaeda, ou nenhuns, no Afeganistão.

Precisaria a Al Qaeda de uma base afegã? O ataque do 11 de setembro foi concebido na Malásia e planeado por uma célula da Al Qaeda em Hamburgo, na Alemanha. Depois eles aprenderam a voar e desviaram jatos na América. Os 19 homens que executaram o ataque vinham do Egito e da Arábia Saudita. Bin Laden apenas abençoou o plano no Afeganistão. Poderia tê-lo feito a partir do Paquistão, ou na verdade, a partir de qualquer local do mundo.

Obama nomeou corretamente o nosso verdadeiro inimigo, a Al Qaeda, num discurso em West Point. Mas embora também tenha afirmado corretamente que a ameaça era o "terrorismo nuclear", tal como o Código

da Bíblia avisava, não disse como é que 100 000 tropas americanas no Afeganistão poderiam proteger Nova Iorque ou Washington de um ataque nuclear. Mais tarde, foi revelado que antes de Obama enviar mais tropas para o Afeganistão, tanto o Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente como o seu Conselheiro de Contra-Terrorismo se tinham reunido com os chefes militares do Paquistão e entregado uma mensagem contundente — combatam a Al Qaeda, ou os próprios Estados Unidos levariam a batalha para o Paquistão.

"As negociações não levarão os líderes da Al Qaeda a depor as armas", disse o Presidente. Obama, afinal de contas, parecia estar focado no perigo real — a Al Qaeda e o terrorismo nuclear. Mas a manchete de amanhã poderia continuadamente ser o perigo expresso no Código da Bíblia, porque o código revela que a Al Qaeda poderá já ter armas nucleares. E ninguém nas informações americanas está a lidar com o perigo.

NEGAÇÃO

No Dia de Natal, 25 de dezembro de 2009, um jovem nigeriano treinado pela Al Qaeda no Iémen embarcou num avião em Amesterdão com destino a Detroit. Tinha explosivos suficientes escondidos na sua roupa interior para desparar a queda do aparelho. Deveria ter sido o início de um grande despertar nas informações dos EUA. Incrivelmente, tudo o que era necessário para travar o terrorista era conhecido antes de Abdul Mutallab embarcar no avião, e contudo ninguém o travou. Sabia-se que um nigeriano estava a treinar com a Al Qaeda no Iémen para atacar os Estados Unidos. O seu pai tinha avisado a Embaixada dos EUA e a CIA na Nigéria de que Mutallab se tinha tornado um militante perigoso. Sabia-se inclusivamente que o ataque estava planeado para o Natal, e no entanto nada foi feito para o evitar.

Um Presidente Obama enfurecido chamou-lhe uma "falha sistémica" das informações americanas. Mas Obama não sabia que o mesmíssimo homem que nomeou para a investigar, o seu Conselheiro de Contra-Terrorismo John Brennan, estava naquele preciso momento a ignorar um novo aviso vindo do Iémen — de terrorismo nuclear.

Durante o fim de semana de Ano Novo, liguei para Brennan para a sua casa e disse-lhe que as informações israelitas tinham confirmado uma base da Al Qaeda no Iémen onde Osama bin Laden poderia já ter armas nucleares. Não mencionei imediatamente o Código da Bíblia, mas no código com 3000 anos estava toda a informação sobre o atentado falhado de Natal e o perigo muito maior vindo do Iémen, o terrorismo nuclear.

"Época de Natal" estava codificada com o nome do terrorista nigeriano de 23 anos, "Mutallab". Logo abaixo do seu nome, ele era precisamente identificado como "bombista suicida, jovem". Até o nome da companhia aérea, "Delta", estava codificado com "avião". A bomba não explodiu. Mutallab não conseguiu ignorá-la. Mas o avião teria caído quando estava prestes a aterrar em Detroit se os passageiros não o tivessem travado. E a mesma matriz do código que nomeava Mutallab também afirmava "do Iémen". Subitamente, no Natal, a conspiração falhada do atentado focou as atenções de todos no Iémen. Mas o conselheiro de Obama, Brennan, continuou a ignorar o aviso de terrorismo nuclear vindo do Iémen.

Na noite de sábado, 1 de maio de 2010, o foco de toda a gente voltou a mudar subitamente. Um paquistanês estacionou um SUV em Times Square, o coração da cidade de Nova Iorque. No veículo estava uma bomba que poderia ter matado milhares de pessoas. Não foi detetada pela polícia ou por qualquer uma das centenas de câmaras de vigilância, mas sim por um vendedor de rua. As autoridades americanas disseram que Faisal Shahzad fora enviado pelos Talibã, um grupo islâmico militante estreitamente ligado à Al Qaeda. Mas o carro-bomba não explodiu. Estava tão mal feito que muitos duvidaram que os Talibã tivessem realmente treinado o paquistanês.

"Times" "Square" estava codificado com "ele fugiu do carro" e "ele foi capturado". O terrorista não foi melhor a esconder a sua identidade do que a fazer uma bomba. Foi rapidamente encontrado através da pessoa a quem comprou o veículo na Internet. Mas ele, ainda assim, quase escapou porque a lista de exclusão aérea (*no fly list*) que era suposto ser de ferro desde o atentado falhado de Natal continuava a não funcionar. O paquistanês escapou a uma vigilância do FBI na sua casa, embarcou facilmente num avião no JFK e teve de ser retirado do voo para o Dubai escassos minutos antes da descolagem.

Como disse o Presidente da Câmara de Nova Iorque, Michael Bloomberg: "Claramente o tipo estava no avião e não devia estar. Tivemos sorte."

As informações dos EUA alegaram que o atentado falhado de Natal e o atentado falhado de Times Square provavam que a Al Qaeda já não conseguia encenar um ataque em grande escala como o 11 de setembro. Na verdade, o Conselheiro de Contra-Terrorismo de Obama, Brennan, que falhou em agir perante o meu aviso para evitar um ataque terrorista nuclear, apressou-se a afirmar que o fracasso destes dois ataques terroristas era prova do sucesso das informações americanas.

"Eles estão agora remetidos a tentar fazer estes ataques rudimentares", vangloriou-se Brennan na CNN, "mostrando que têm capacidades e treino ineptos."

Todos os relatórios de peritos apontando que a Al Qaeda procurava armas de destruição maciça, de que um ataque terrorista nuclear era provável até 2013, foram esquecidos. O que toda a gente falhou em ver foi que os dois ataques terroristas falharam unicamente porque os terroristas eram incompetentes. O que ninguém mencionou foi que o atentado falhado de Times Square expôs a incompetência das informações americanas exatamente como o atentado falhado de Natal o fizera.

"Este é o momento mais perigoso que já vi desde o 11 de setembro", disse o chefe da Comissão do 11 de Setembro, Thomas Kean. "A Al Qaeda está constantemente a aprender as nossas fraquezas e a comunidade de informações dos EUA está disfuncional."

"Se não nos organizarmos, vamos estar em sérios apuros", disse Kean. "Não podemos contar com que os terroristas sejam incompetentes para sempre."

Aquilo que toda a gente, em vez disso, fingia, de que Bin Laden desistiria do seu plano para "uma Hiroxima americana", era apenas uma ilusão. Na verdade, o Código da Bíblia afirmava que a conspiração do terrorismo nuclear já estava em curso.

Durante anos tentei avisar a América e Israel de que a arma nuclear viria do Paquistão, mas seria utilizada pela Al Qaeda no Iémen. Contudo, em vez de amadores, o perigo era o cérebro do 11 de setembro, Osama bin Laden, e o cientista que construiu as próprias armas do Paquistão, A. Q. Khan.

O código dizia que um ponto no deserto do Iémen era, ou seria em breve, o quartel-general da Al Qaeda e o esconderijo para as armas nucleares. Na verdade, "Bin Laden" estava codificado cruzando "quartel-general do exército" e o nome exato da pequena aldeia onde estava

localizado, com informação detalhada sobre um local que nenhuma agência de informações alguma vez tinha visto.

Mostrei essa matriz ao diretor adjunto da CIA, ao diretor de todas as informações militares no Pentágono e ao principal analista de informações de Israel, a todos ao mesmo tempo. As informações israelitas, com um satélite, conseguiram confirmar a maior parte do que o código afirmava numa questão de semanas. O ponto no deserto era uma base da Al Qaeda e cada estrutura que o código nomeava foi também fotografada pelo satélite. As informações americanas, com mais satélites do que o resto do mundo combinado, falharam em ver o que quer que fosse. Não conseguiram sequer encontrar um local relacionado que estava no Google Earth.

Também mostrei aos americanos e israelitas uma tabela de código que afirmava claramente "Iémen" como o "santuário" para a "Al Qaeda" e avisava de um "grande golpe". E mostrei aos líderes das agências de informações de ambos os países uma afirmação verdadeiramente arrepiante do código — o nome da base confirmada da Al Qaeda com "guerra" "atómica".

Não podia ser mais claro. O Código da Bíblia afirmava que um ponto no deserto mais remoto do Iémen era o quartel-general da Al Qaeda e de Bin Laden, e a zona de preparação para um ataque terrorista nuclear contra Israel e os Estados Unidos. Era igualmente claro no código que o Paquistão, e o seu cientista nuclear Khan, seriam a fonte das armas nucleares.

"Se fôssemos mapear o terrorismo e as armas de destruição maciça hoje, todos os caminhos se cruzariam no Paquistão", afirmou o painel do 11 de setembro, confirmando o Código da Bíblia. O Paquistão está codificado apenas uma vez na Bíblia. E, no entanto, "do Paquistão" aparece com "terrorismo" cruzando "no Fim dos Dias". "Khan" é nomeado logo abaixo.

"O próximo ataque terrorista contra os Estados Unidos é provável que tenha origem no Paquistão", concluiu o painel do 11 de setembro. O que o código afirma é que a arma viria do Paquistão, mas o ataque viria da Al Qaeda no Iémen.

Israel confirmou a localização além de qualquer dúvida. Cada detalhe expresso no código foi fotografado por satélite.

O GENERAL YOSSI KUPERWASSER, o principal analista de informações de Israel, ligou para o conselheiro de topo de terrorismo de

Obama, Brennan, na Casa Branca, em janeiro de 2010. Uma semana mais tarde, Brennan enviou um oficial da CIA da embaixada americana para ver Kuperwasser na sua casa em Telavive.

Kuperwasser confirmou que o Código da Bíblia tinha nomeado com precisão um uádi desértico remoto, um ponto no planeta, como uma base da Al Qaeda. Deu as coordenadas exatas. Mas instou Brennan a contactar-me sobre a informação crítica que faltava, a localização das armas nucleares. Israel continuaria a sua busca, mas Kuperwasser disse não estar seguro de que o seu país conseguisse terminar o trabalho sozinho.

Mas o Código da Bíblia sugeria que uma "Arma Atómica" no "Iémen" poderia ser encontrada, talvez por um "satélite" mais avançado.

Brennan, contudo, ignorou a pista israelita.

Liguei para o homem que tinha sido chefe de Brennan na CIA, o seu antigo Diretor Executivo, Buzzy Krongard, que já tinha aconselhado Brennan a reunir-se comigo. Krongard disse: "Diz aos israelitas para darem ao John as fotografias de satélite. É prova concreta que ninguém pode ignorar."

No início de março contactei Brennan novamente. O meu fax para o seu gabinete na Casa Branca afirmava:

"Acabei de falar com o General Kuperwasser, que me disse que possui novas fotografias de satélite do local no Iémen que poderá ser a nossa melhor pista para armas nucleares que a Al Qaeda já possui.

Tudo o que Israel conseguiu ver por satélite foi confirmado, mas Israel poderá carecer dos recursos para encontrar as armas.

O perigo não são os terroristas locais no Iémen, mas sim Bin Laden, a Al Qaeda central e a rede Khan.

A nossa oportunidade de os travar é agora. Teremos uma oportunidade de o fazer bem. Se falharmos, poderemos perder Nova Iorque e Washington."

Brennan nunca respondeu, nunca mais contactou Kuperwasser, e recusou-se inclusivamente a olhar para as fotografias de satélite.

A negação é um instinto mais forte do que a sobrevivência. O auto-engano não começou com John Brennan. Começou nos anos de Bush, antes do 11 de setembro.

Muito antes do ataque, a CIA sabia que 2 dos 19 desviadores, que já constavam de uma lista de vigilância terrorista, estavam nos Estados Unidos, mas não informou o FBI. Contudo, apenas o FBI tinha autoridade para os investigar ou deter dentro do país. O FBI possuía informações das suas próprias delegações que a sua sede em Washington ignorou — árabes estavam a frequentar lições de voo na América que deveriam ter acendido sinais de alarme. Eles não queriam aprender a descolar ou a aterrar. Apenas queriam aprender a fazer curvas apertadas em pleno ar.

A 10 de setembro de 2001, a Agência de Segurança Nacional (NSA), que escuta o mundo inteiro, intercetou duas mensagens em árabe. Afirmavam: "Amanhã é a hora zero." Mas ninguém traduziu as interceções até ao dia 12 de setembro. Em circunstâncias normais, o aviso explícito teria sido ignorado durante meses, porque todas as informações americanas dispunham de apenas 12 tradutores de árabe. Apenas o ataque do 11 de setembro fez com que a NSA traduzisse as mensagens que poderiam ter travado o ataque no dia seguinte.

No dia do ataque, a falha foi ainda maior. A força militar mais poderosa do mundo foi incapaz de colocar um único caça no ar com ordens para intercetar os quatro jatos desviados durante o ataque a Nova Iorque e a Washington. Na verdade, foi incapaz de proteger o Pentágono, o quartel-general militar americano, quase 2 horas após o primeiro das Torres Gémeas ter sido atingido. Apenas os passageiros do quarto jato desviado combateram os terroristas e evitaram que a Casa Branca fosse também destruída.

Como pôde isso ter acontecido? A Comissão do 11 de Setembro explicou-o mais tarde. Ninguém nas informações americanas conseguia acreditar que pessoas sem canalização interior pudessem sequer atacar os Estados Unidos, cujo solo continental não tinha sido atacado em duas Guerras Mundiais.

"Uma organização como a Al Qaeda", afirmou a Comissão, "num país do outro lado da Terra, numa região tão pobre que a eletricidade ou os telefones eram escassos, conseguia, não obstante, planear empunhar armas de um poder destrutivo sem precedentes nas maiores cidades dos Estados Unidos."

"O maior perigo de um outro ataque catastrófico nos Estados Unidos materializar-se-á se os terroristas mais perigosos do mundo adquirirem as armas mais perigosas do mundo."

"A Al Qaeda tentou adquirir ou fabricar armas nucleares durante pelo menos dez anos."

Contudo, 10 anos após o 11 de setembro, continuamos totalmente impreparados para o ataque que toda a gente sabe que está para vir. Estamos à procura do próximo bombista de cuecas ou do bombista de carro, e não do bombista nuclear. Mas o governo não é capaz de travar sequer os amadores. No Natal de 2009, tal como no 11 de setembro, foram os passageiros que travaram os terroristas, e não qualquer funcionário governamental. Em Times Square, a 1 de maio de 2010, foi um vendedor de rua.

Como o *New York Times* perguntou no seu editorial após o atentado falhado de Natal: "PORQUE É QUE NÃO O VIRAM?" O *Times* dizia: "É inacreditável, e assustador, que o governo não consiga fazer pelo menos um trabalho tão bom a atualizar e a correlacionar rapidamente as informações como o Google." O editorial observava que, se um analista de informações tivesse introduzido "nigeriano, Mutallab, Iémen" no Google, teria obtido uma resposta em segundos. Porque é que o nosso Centro Nacional de Contra-Terrorismo não conseguiu de todo encontrar a resposta?

O Código da Bíblia também foi capaz de interligar os pontos há 3000 anos, e eu fui capaz de encontrar toda a informação relacionada numa única matriz de código. Fizemos a mesma coisa no 11 de setembro. Na verdade, o código fê-lo melhor do que qualquer agência de informações. Ainda assim, nenhuma agência de informações americana quer olhar para os códigos que preveem um ataque terrorista nuclear a partir do Iémen, ou sequer para as fotografias de satélite israelitas que confirmam a base da Al Qaeda.

O Professor Rips anteviu o momento: "Quanto mais óbvio se torna que o código é real, que o que ele prevê está certo, mais depressa as pessoas fugirão de ti."

NÓS CRIÁMOS cada monstro que enfrentamos hoje. A Al Qaeda, e Osama bin Laden, devem a sua existência ao Diretor da CIA de Ronald Reagan, que financiou secretamente os combatentes árabes para ajudar a derrotar os soviéticos no Afeganistão, há quase 30 anos. O resultado imprevisto: o 11 de setembro.

Em dezembro de 2001, escassos três meses após o 11 de setembro, as tropas americanas que invadiam o Afeganistão tinham Bin Laden encurralado nas suas grutas nas montanhas de Tora Bora, na fronteira com o Paquistão. A CIA intercetou a sua voz numa transmissão de rádio. Mas Bush deixou menos de 100 soldados americanos para bloquear a fuga de Bin Laden.

"Bin Laden" estava, de facto, codificado com "Tora Bora", mas também com "ele escapou" e "ele transportará o terror". Bush e Cheney, na sua urgência em lançar as nossas Forças Especiais no Iraque, deixaram os senhores da guerra afegãos encarregues de capturar o líder da Al Qaeda, o homem por detrás dos ataques a Nova Iorque e a Washington. Em vez disso, ajudaram Bin Laden a escapar para o Paquistão. Ele não voltou a ser visto ou ouvido desde então.

Um ano mais tarde, quando os Estados Unidos planeavam lançar uma invasão em grande escala do Iraque, fui convocado a Washington para fazer uma apresentação a todo o comando do topo das informações militares americanas no Pentágono.

Quando cheguei, a 21 de fevereiro de 2003, a Casa Branca tinha acabado de colocar o país em "alerta terrorista elevado", Washington estava sob forte vigilância, com caças F-16 a voar no céu e veículos blindados equipados com mísseis antiaéreos Stinger a patrulhar as ruas da capital da nação.

Às 9 horas da manhã, todos os homens que tinham estado reunidos dia e noite para lançar uma guerra contra Saddam Hussein reuniram-se comigo para obter uma explicação sobre um código na Bíblia que revelava o futuro. Estavam sob ordens do arquiteto da guerra do Iraque, o Subsecretário da Defesa, Paul Wolfowitz. Mas tentei convencê-los de que o Iraque era o alvo errado, de que o perigo continuavam a ser os terroristas que atacaram no 11 de setembro, a Al Qaeda.

"Não creio que o verdadeiro perigo seja Saddam Hussein, mas sim Osama bin Laden", disse eu aos almirantes e generais. "De toda a informação que encontrámos no Código da Bíblia, uma coisa sobressai como a mais útil — uma localização claramente expressa onde Bin Laden, o quartel-general da Al Qaeda e todas as suas armas mais perigosas poderiam ser encontrados."

Houve um silêncio estupefacto. "Isso seria útil", disse o funcionário mais sénior presente, o Almirante Jake Jacoby, o Diretor da Agência de Informações da Defesa.

Foi a primeira vez que dei às informações americanas o nome do esconderijo onde o código afirmava que a Al Qaeda viria a ter armas nucleares.

"Há um problema", disse eu quando a reunião de uma hora estava a chegar ao fim. "Posso dizer-vos onde procurar, mas não quando. Nunca vi nada tão claramente codificado como o nome desta base terrorista, mas o código não indica um ano."

O Professor Rips e eu ainda não tínhamos encontrado "começando em 2006" ou a data de término "2011" com "Bin Laden" e "Atómico" e "Khan". Mas o Almirante Jacoby, que presidia à reunião, não se mostrou perturbado.

"Se olhássemos para a Normandia num dia, era apenas uma praia", disse ele. "Se olhássemos no dia seguinte, era o Dia D."

Parecia que ele tinha acabado de dar as ordens ao nosso comando de informações militares — apontem os nossos satélites para a localização que o Código da Bíblia nomeou, e não parem de procurar até a encontrarem.

Enquanto descia as escadas do Pentágono, senti-me seguro de que tinha cumprido a minha missão. Tinha estado no centro do santuário interior do governo invisível. Tinha-me reunido com os seus líderes, e eles tinham acreditado em mim. Mas, num mês, as forças militares americanas estavam no Iraque, e todos os nossos recursos de informações estavam focados em Saddam Hussein, e não em Osama Bin Laden.

VOLTEI-ME NOVAMENTE para a CIA.

Em julho de 2006, liguei para o último homem com quem me tinha reunido na CIA, o seu terceiro funcionário na hierarquia, Buzzy Krongard. Disse-lhe que os israelitas poderiam ter confirmado o local exato onde a Al Qaeda já tinha armas nucleares.

A Agência estava em tumulto. O seu Diretor de longa data tinha sido forçado a sair, assumindo as culpas por Bush devido à mentira que a Casa Branca tinha contado ao povo americano — de que tínhamos de ir para a guerra no Iraque porque Saddam Hussein tinha armas de destruição maciça. O desacreditado Diretor da CIA dissera famosamente ao Presidente: "É canja (*slam dunk*)."

Agora, um novo Diretor Adjunto, um respeitado veterano da CIA, estava de regresso, e Krongard disse-me que poderia organizar uma reunião.

"Mas o meu conselho é que fiques com os israelitas", disse ele. "Pelo que me contas, parece que o que é necessário é uma operação inteligente e pequena. É isso que os israelitas fazem bem e nós nunca fazemos."

"Além disso, a CIA é uma confusão agora, e ninguém vai ser capaz de a colocar a funcionar decentemente durante anos."

Pedi ao Buzzy que fizesse uma tentativa, que fizesse a chamada.

A 26 de julho de 2006, reuni-me com o Diretor Adjunto Stephen Kappes no quartel-general da CIA em Langley, Virgínia. Era o seu segundo dia no cargo. Kappes era lendário na CIA, o homem que outrora tinha estado encarregue do tipo de ações encobertas que se veem nos filmes, exceto, claro, que na vida real nunca corre tão bem como em Hollywood.

Mas Kappes negociou efetivamente um acordo com Muammar Kadhafi, quando a Líbia abdicou do seu programa de armas nucleares em 2003, e isso revelou um mercado negro nuclear global montado pelo cientista paquistanês dissidente A. Q. Khan.

Trazia comigo uma matriz de código de 100 milhões para 1 que nomeava Khan como a fonte da arma nas mãos da Al Qaeda. Perante isto, e com a confirmação por satélite de Israel sobre o ponto no deserto que o código nomeava como uma base da Al Qaeda, pensei que esta reunião seria uma formalidade absoluta.

Kappes, um ex-fuzileiro de cabelos grisalhos que ainda exibia um corte de cabelo militar à escovinha, agradeceu-me por ter vindo ajudar, por ser um "Bom Americano". Mas esse foi o ponto alto da reunião.

Ele fez-me imediatamente uma série de perguntas sobre o código, todas as quais reconheci como sendo provenientes de publicações aleatórias na Internet. Tornou-se óbvio para mim que Kappes tinha simplesmente pesquisado no Google sobre o Código da Bíblia.

"Se pesquisasse no Google sobre a CIA, descobriria que a sua Agência matou o Kennedy e esteve por detrás do 11 de setembro", disse eu. "Se não acredita que isso seja verdade, então provavelmente quererá uma fonte melhor para a sua informação sobre o Código da Bíblia."

“Mas o código em si é irrelevante”, acrescentei. “Tudo o que importa é se consegue confirmar o que ele afirma, e uma vez que indica quem, o quê, quando e onde, o senhor pode fazê-lo.”

Menos de 15 minutos após a reunião ter começado, apareceu uma secretária que disse a Kappes que a Casa Branca estava ao telefone.

“Tenho obviamente de atender esta chamada, mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta antes de sair”, disse Kappes. “Se a Bíblia tem milhares de anos, então como podem palavras como ‘atómico’ estar nela? Como pode sequer existir uma palavra hebraica para ‘atómico’?”

Fiquei consternado. Kappes não compreendia sequer o ABC do código. Este contava o futuro. “Atómico” estava codificado exatamente como cada detalhe do 11 de setembro tinha estado. Com todos os recursos da CIA ao seu comando, Kappes tinha, em vez disso, confiado na Internet.

“O hebraico não é apenas a língua da Bíblia”, expliquei. “É também a língua de um Estado moderno que possui armas atómicas e, portanto, obviamente, tem uma palavra para ‘atómico’.”

“Tenho de atender esta chamada”, disse Kappes, “mas, por favor, diga aos meus colaboradores como é que ‘atómico’ pode estar na Bíblia.”

Com isto, Kappes desapareceu e não voltei a vê-lo senão mesmo no final da reunião de hora e meia com a sua equipa.

Eles eram irrecuperáveis. Tentei explicar que o que estava codificado na Bíblia era diferente da própria Bíblia. Que revelava eventos modernos, que palavras como “atómico” apareciam porque o terrorismo nuclear era o perigo.

Limite-me a entregar-lhes a matriz do código que continha tanto “Nova Iorque” como “atómico”. Afirmava que o perigo era em “2011”.

Não teve qualquer impacto. Nenhum dos agentes sabia ler hebraico, e era óbvio que continuavam a não acreditar em mim.

“Deveríamos realmente focar-nos no perigo”, sugeri novamente, “porque poderemos não ter tempo para salvar Nova Iorque e Washington.”

“Está a dizer-me que o código diz realmente ‘Nova Iorque’ e ‘Washington’?”, perguntou um dos três agentes. “Como pode isso estar na Bíblia, e como poderia isso estar em hebraico?”

“Da mesma forma que nós escrevemos ‘Jerusalém’ em inglês”, respondi eu.

Três agentes olharam para mim fixamente, sem expressão. Percebi que nunca lhes tinha ocorrido que Jerusalém era um nome hebraico. Tinham andado a ler a Bíblia toda a vida em inglês e assumiram que Jerusalém era um nome inglês.

A CIA nunca tentou sequer confirmar a base da Al Qaeda no Iémen. Contactei o Senador Edward Kennedy, e este perguntou ao Diretor de Informações Nacionais o porquê. Em resposta, Kappes afirmou que a CIA não tinha encontrado provas que apoiassem a minha alegação. Nunca mencionou que a CIA nunca tentou encontrar qualquer prova, nunca procurou de todo.

“E SE DEUS quiser destruir o mundo?”

Sentado do outro lado da secretária estava o General James Clapper, o homem encarregue de todos os satélites espiões americanos que orbitam a Terra. Estávamos a 3 de janeiro de 2005, ainda nos anos de Bush.

Eu tentava contornar o Pentágono e a CIA, ambos ainda inteiramente focados no Iraque. Clapper era o Diretor da Agência Nacional de Informação Geoespacial. Ele dirigia os nossos olhos no céu que tiram fotografias em tempo real de toda a gente e de tudo, em qualquer lugar, que possa constituir uma ameaça para os Estados Unidos.

Reunimo-nos durante duas horas, e foi tudo muito profissional mesmo até ao fim, quando o General fez subitamente a sua surpreendente pergunta.

“Se usarmos este código para evitar a nossa destruição”, perguntou ele, “estaremos a interferir com Deus, estaremos a frustrar a Sua vontade?”

Fiquei chocado com a sua mentalidade apocalíptica. Tinha temido que Clapper me descartasse como um profeta da desgraça religioso, mas, em vez disso, o General era o verdadeiro crente; eu acreditava apenas no código.

“Não sou religioso”, disse eu a Clapper. “Não acredito em Deus —”

“Não?!”, perguntou o General. Agora era ele que estava chocado.

“Mas o famoso cientista israelita que descobriu o Código da Bíblia é profundamente religioso, e ele acredita que o código, tal como a própria Bíblia, provém de Deus”, continuei, tranquilizando Clapper.

“Se acredita que a Bíblia provém de Deus —” “Acredito”, disse Clapper. “Então penso que deve acreditar que o código também provém, porque o código é inerente à Bíblia.” “Portanto”, concluí, “ao usá-lo não estamos a frustrar a vontade de Deus, mas sim a cumpri-la.” “É lógico”, disse o General.

Nos anos de Bush, toda a gente, em toda a parte no governo dos EUA, era religiosa, principalmente evangélica. O próprio Presidente era um cristão nascido de novo. Éramos uma teocracia, a direita religiosa tinha assumido o controlo, e a palavra “Bíblia” abria quase todas as portas. Mas havia um reverso da medalha. Por exemplo, Clapper, que em breve seria promovido a Subsecretário da Defesa e controlaria 80 por cento de todas as informações americanas — o General que era suposto proteger-nos do terrorismo nuclear —, estava a preparar-se para o Dia do Juízo Final.

Não sabia disso quando a nossa reunião começou. Encontrava-me no centro de informações mais avançado do mundo e temia que o seu diretor me visse como um profeta da desgraça.

“O perigo é imediato”, disse eu ao General. “Estamos no Fim dos Dias neste preciso momento.”

As palavras da profecia bíblica soavam-me discordantes, mesmo enquanto as proferia. Clapper, contudo, não reagiu de todo. O General nunca questionou que o verdadeiro Armagedão pudesse ser encontrado através de um código na Bíblia que contava o futuro. Apenas queria mais detalhes.

“Li o teu livro”, disse Clapper, referindo-se ao meu livro original do Código da Bíblia que, 10 anos antes, tinha tornado o código e o perigo conhecidos no mundo. “Espero que não se concretize desta vez”, acrescentou ele, preocupado.

Disse ao General qual era a nossa missão — encontrar Osama bin Laden e as suas armas nucleares. E apresentei-lhe o meu plano — usar o Código da Bíblia com 3000 anos para apontar a tecnologia de espionagem mais avançada do mundo contra o terrorista mais perigoso do mundo com as armas mais perigosas do mundo.

Entreguei a Clapper uma impressão do código. “Bin Laden” aparecia com “mega-terror” e “Estados Unidos”. Clapper ordenou ao seu analista-chefe de satélites que procurasse a base da Al Qaeda nomeada no código.

Mesmo antes do Dia de Ação de Graças, a 23 de novembro de 2005, Clapper e eu reunimo-nos novamente. Disse-me que os seus satélites ainda não tinham confirmado a base terrorista. Inclinei-me sobre a secretária e entreguei-lhe um novo conjunto de impressões de computador do texto original da Bíblia. O perigo estava detalhado em antigos caracteres hebraicos.

“América está codificada com nuclear e atómico e terror”, disse-lhe eu. “Bombista suicida está codificado com os três.”

Tinha agora a total atenção de Clapper. “O matemático que descobriu o Código da Bíblia calculou as probabilidades”, disse-lhe eu. “É de pelo menos 10 milhões para 1.”

“Tens alguma ideia de quão difícil é reorientar um satélite espião?”, perguntou Clapper. “Temos um mundo inteiro para vigiar.”

“Nomeia o local exato onde Osama bin Laden será encontrado”, disse eu. Entreguei ao General uma série de impressões de computador que lhe davam o nome de um esconderijo desértico remoto cruzando-se com “Bin Laden”. Numa das tabelas de código, o texto oculto da Bíblia dizia: “Quartel-General do Exército em X”.

“Vou estar a arriscar o meu pescoço”, disse Clapper.

Mostrei-lhe outra tabela de código com uma matriz que nomeava o mesmo local, conjugada com um aviso arrepiante: “A partir do esconderijo X o terrorismo será coordenado.” Estava cruzada pelas palavras originais da Bíblia que diziam: “No Fim dos Dias”.

“Vou estar a ir completamente para fora da cadeia de comando”, disse Clapper.

Mostrei-lhe mais duas tabelas de código. A primeira nomeava a mesma base terrorista, cruzada por “Atómico” e “Guerra”. A segunda dizia “Arma Atómica” e nomeava novamente o esconderijo no deserto.

“Como vou explicar isto ao Pentágono?”, perguntou Clapper.

Entreguei ao General uma nova matriz de código. Avisava explicitamente de um "ataque terrorista atómico" nos Estados Unidos. Na verdade, "Estados Unidos" aparecia duas vezes, e as duas codificações cruzavam-se.

"O que queres que eu faça?", perguntou Clapper. "Evita-o", disse eu. "Mas Deus pode querer que o mundo acabe", respondeu o General, novamente preocupado com a possibilidade de perturbar um plano Divino. Clapper fez uma pausa para refletir, talvez para procurar orientação superior. "Vou fazê-lo", disse ele. "Vamos procurar, e vamos continuar a procurar."

Clapper acreditava claramente que o cérebro da Guerra Santa contra a América, à solta desde o 11 de setembro de 2001, poderia ser encontrado através de um código antigo na Bíblia. Não questionava que o código pudesse ajudar a evitar um ataque terrorista nuclear.

Mais uma vez, saí de uma reunião com o nosso governo secreto crente de que a missão tinha sido lançada. Mas descobri mais tarde que ninguém nas informações americanas, com mais satélites espiões avançados do que o resto do mundo combinado, conseguia encontrar o que os israelitas encontraram em duas semanas com apenas um satélite — a base da Al Qaeda no Iémen. Na verdade, ninguém nas informações americanas conseguia encontrar o que eu conseguia no Google Earth.

Após o atentado falhado de Natal, a 30 de dezembro de 2009, enviei uma carta a Clapper no Pentágono, onde ele era agora chefe de todas as informações militares dos EUA. "É mais importante do que nunca agora", disse-lhe eu, "porque é no Iémen" — o país onde a Al Qaeda tinha treinado o bombista. Clapper nunca respondeu.

Em junho de 2010, James Clapper, o General que não queria interferir com o plano de Deus para destruir o mundo, foi promovido novamente, desta vez pelo Presidente Obama. É agora o Diretor de Informações Nacionais, o principal mestre de espionagem da América. na sua audiência de confirmação no Senado, a 20 de julho de 2010, Clapper foi questionado de forma incisiva, na sequência da publicação de uma investigação de dois anos do *Washington Post* que confirmava a minha própria experiência de dez anos.

"O governo construiu um sistema de segurança nacional e de informações tão grande, tão complexo e tão difícil de gerir que ninguém sabe realmente se está a cumprir o seu propósito mais importante: manter os seus cidadãos seguros", relatou o *Post*. As informações americanas

tinham-se tornado também "tão secretas" que ninguém sabia o que andavam a fazer, ou se sequer funcionavam.

O General Clapper, citado na reportagem, disse: "Existe apenas uma entidade em todo o universo que tem visibilidade — que é Deus."

A MOSSAD

Num edifício sem nome, numa estrada sem marcação, num local que oficialmente não existe, reuni-me a 20 de março de 2009 com o Chefe da Mossad, a agência de informações ultrassecreta de Israel.

"Nunca desistes, pois não, Michael?", perguntou o General Meir Dagan assim que entrou na sala de conferências. "Pelo menos não até que tu o faças, Meir", respondi.

Dagan e eu tínhamo-nos reunido três vezes antes, embora ele nunca se tivesse reunido com outro repórter. Mas na nossa primeira reunião ele disse: "Li o teu livro em hebraico e acredito neste Código da Bíblia."

Sabia que Dagan estava focado no Irão, na ameaça de que este viria em breve a ter armas nucleares. O seu trabalho era evitar isso.

"Temo que estejas focado no segundo ataque nuclear que Israel poderá enfrentar, em vez do primeiro", disse eu. "E, claro, o segundo não importa se não evitares o primeiro." "Então o que me escapou?", perguntou o Chefe da Mossad. "Um ponto no deserto do Iémen já confirmado pela Aman como uma base da Al Qaeda", disse eu, referindo-me às informações militares israelitas.

A Mossad assemelha-se mais à CIA, uma agência secreta que faz o tipo de operações clandestinas (*black ops*) nunca admitidas que vemos nos filmes.

"Poderá ser a zona de preparação para ataques terroristas nucleares contra Israel e os Estados Unidos", continuei. "Sabes o nome deste local?", perguntou Dagan. Disse-lho, e ele anotou-o num bloco de notas legal. "Está codificado como o quartel-general de Bin Laden", disse eu, "e especificamente como o local onde a Al Qaeda poderá já ter armas nucleares." "Podes mostrar-me isso no Código da Bíblia?", perguntou Dagan.

Abri o meu portátil e iniciei uma apresentação em PowerPoint que o Professor Rips tinha preparado para mim. Primeiro, apenas "Código da Bíblia" aparecia na matriz. Depois, mesmo ao lado, "Bin Laden". Finalmente, logo abaixo, "Atómico".

Pressionei uma tecla no computador novamente e surgiu "Al-Libi", ligando "Atómico" a "Bin Laden". Al-Libi era o número três na Al Qaeda, o seu chefe de operações.

A outra figura central na conspiração do terrorismo nuclear, a fonte da arma, também estava nomeada no código. Bati na tecla novamente e adicionei uma sequência extraordinária de 18 letras cruzando "Atómico" e "Bin Laden" — "No Iémen para terrorismo, e Khan construiu".

A. Q. Khan, o cientista paquistanês que desenvolveu as armas nucleares do seu país e depois vendeu os projetos e a tecnologia para construir uma bomba a pelo menos três países — Irão, Líbia e Coreia do Norte —, era bem conhecido de Dagan. "É uma má combinação, Bin Laden, Al-Libi e Khan, penso que é o teu pior pesadelo", disse eu. "Se for verdade, não é bom", disse Dagan. "Sabes quando?"

Bati na tecla do meu computador novamente, e "começando em 2006" foi adicionado ao jogo de palavras cruzadas no ecrã. Bati no botão outra vez e surgiu "2011".

"O meu palpite é que as armas nucleares estão lá desde 2006, e que em 2011 eles vão atacar-vos, se vocês não os atacarem primeiro", disse eu.

Dagan, continuando a tirar notas, agora muito focado, fez outra pergunta: "Sabes a data?"

Apontei para as letras que apareciam onde "atómico" se sobrepunha a "mega-ataque terrorista". "Há duas datas, talvez sugerindo um intervalo de tempo, '3 de Elul' e '10 de Elul'", disse eu. No calendário moderno, o mês bíblico de Elul coincide habitualmente com agosto e setembro.

"E as armas?", perguntou Dagan. "É por isso que estou aqui", disse-lhe eu. "A Aman ainda não viu armas nucleares no local, mas claro que é isso que o teu inimigo manterá mais oculto." "Então por que haveria eu de acreditar nisto?", perguntou o Chefe da Mossad. "Porque está codificado contra probabilidades de 100 milhões para 1", disse eu. "Mas podes esquecer o código e olhar apenas para o que a Aman já confirmou", acrescentei. "Uma vez que o código está certo sobre tudo o que o teu satélite conseguiu ver, penso que deves assumir que o código poderá

também estar certo sobre as armas." "Será difícil confirmar as armas", disse Dagan. "É melhor do que a alternativa", respondi.

QUANDO TROPECEI pela primeira vez no nome da base terrorista no Iémen, anos antes, não conseguia imaginar que este poderia ser o segredo para vencer a primeira batalha da Terceira Guerra Mundial.

Em abril de 2002, quando Israel invadiu novamente a Cisjordânia, na maior ofensiva desde a Guerra dos Seis Dias em 1967, reuni-me com o cientista-chefe do Ministério da Defesa em Telavive, o General Isaac Ben-Israel. Mostrei-lhe uma curiosa anomalia no código. O nome de um local continuava a aparecer com cada codificação de grande perigo, com todos os alvos prováveis de ataques terroristas.

"Onde fica este local?", perguntou o Isaac. "Não sei", respondi. "Existem pelo menos duas aldeias remotas com o mesmo nome, uma no Irão, a outra no Iémen. Ambas são obviamente possibilidades para uma base terrorista." "Devias ir ver o General Kuperwasser", disse o Isaac. "Ele está encarregue de toda a análise de informações e será capaz de encontrar cada local no mundo com esse nome."

Reuni-me com Yossi Kuperwasser na Kirya, o quartel-general militar israelita amuralhado e fortemente guardado, no coração de Telavive. Ele já tinha encontrado um terceiro local com o mesmo nome na Arábia Saudita.

"Os três são possibilidades", disse o General. Entreguei-lhe uma série de impressões de código que mostravam a localização suspeita com "holocausto atómico", "Jerusalém" e "Telavive". Dei ao Yossi outro conjunto de códigos que ligavam o mesmo local a "Bin Laden" e "Al Qaeda". "Vamos olhar para as três localizações", disse Kuperwasser. But cada vez que eu voltava a verificar com ele, dizia-me que nada tinha sido encontrado. "Poderás estar a procurar demasiado cedo", disse eu. "Esse é o problema com o código. É sobre o futuro."

Quanto mais de perto pesquisava no Código da Bíblia pela base terrorista, mais aparente se tornava que este local era, ou seria em breve, a zona de preparação para ataques terroristas massivos. Estava com cada perigo e estava com cada alvo, não apenas em Israel, mas também nos Estados Unidos, muito claramente com a minha casa, Nova Iorque.

Então, finalmente, no verão de 2006, Rips e eu encontrámos a matriz de código de 100 milhões para 1 que revelava tudo. "Bin Laden", "Atómico", "Khan" e "Iémen" — tudo com "começando em 2006". Voei para Israel e mostrei-a a Kuperwasser.

“Agora podemos procurar”, disse o Yossi. “Isto é o que se chama os quatro W — quem, o quê, quando e onde (*who, what, when, and where*).” Ele encarregou imediatamente o satélite de Israel de revistar o Iémen, e quando viu as fotografias duas semanas mais tarde, pediu-me para o ir ver novamente.

“É uma área de atividade terrorista, é a Al Qaeda, e cada estrutura que o código dizia que estaria lá está lá”, disse o General Kuperwasser. “Ainda não encontrámos armas nucleares, mas estamos à procura.”

Foi uma confirmação extraordinária de quase todos os pormenores do código. Eu tinha indicado um lugar no meio do nada, um ponto no deserto escolhido entre todos os lugares do mundo, como o local onde estava a ser planeado um ataque terrorista nuclear pela Al-Qaeda com a ajuda da rede Kahn. E agora os serviços secretos israelitas tinham confirmado que se tratava, de facto, de uma base da Al-Qaeda. “Podem enviar uma equipa de reconhecimento terrestre?”, perguntei. “Não posso autorizar isso”, respondeu Kuperwasser. “Quem pode?”, perguntei.

“O conselheiro militar do Primeiro-Ministro, o General Shamni”, respondeu ele. “Pode arranjar-me um encontro com ele?”, perguntei. “Estamos no meio de uma guerra em duas frentes”, disse Kuperwasser. Eu tinha chegado a Israel para o encontrar no meio de outra guerra, desta vez com o Hezbollah no Líbano e o Hamas em Gaza, e a guerra não estava a correr bem. Mas insisti com Yossi. “Se o perigo do terrorismo nuclear é real, não estamos a seguir o meu calendário nem o vosso calendário; estamos a seguir o calendário da Al-Qaeda”, disse eu.

E, em plena guerra do Líbano, a 17 de Agosto de 2006, reuni-me com o General Gadi Shamni no gabinete do Primeiro-Ministro. Shamni já tinha sido informado por Kuperwasser, por isso sabia que os serviços secretos israelitas tinham confirmado a base da Al-Qaeda identificada por um código na Bíblia. Na verdade, pelas perguntas que fez, percebi que Shamni tinha lido o meu livro. Entreguei ao General a tabela do código que Kuperwasser confirmara. “O famoso matemático israelita que descobriu o código afirmou que isto não poderia ter surgido por acaso”, disse eu. “Não estou a sugerir que tomem uma acção militar baseada no Código da Bíblia, mas estou a sugerir que, dada a confirmação por parte da Aman de que o local é uma base terrorista, enviem uma equipa de reconhecimento para averiguar se existem armas nucleares.” “Vamos investigar”, respondeu Shamni, levantando-se para encerrar a reunião. “Mas não lhe direi como. E qualquer acção que tomemos será classificada.”

Telefonei a Kuperwasser depois da reunião. Ele já tinha falado com Shamni. “A boa notícia é que o Gadi levou isto muito a sério”, disse Yossi, “e já enviou pedidos de informação a todos os principais responsáveis militares e dos serviços de informações acerca do possível perigo.” Mas Israel não tomou qualquer medida em 2006 e não houve nenhum ataque de terrorismo nuclear. Kuperwasser continuou a vigiar a base da Al-Qaeda no Iémen, mas nunca encontrou as armas nucleares. Eu próprio começava quase a duvidar do aviso contido no Código da Bíblia quando Rips e eu encontrámos novos pormenores. O ano do perigo era 2011, embora o plano da Al-Qaeda aparentemente tivesse começado em 2006.

O ano bíblico “5771”, correspondente a 2011 no calendário moderno, aparecia na mesma matriz de código que indicava quem, o quê, quando e onde, e que afirmava “começando em 2006”. Era o mesmo intervalo de seis anos que a Al-Qaeda levou a conspirar, planear, ensaiar e finalmente executar o 11 de Setembro. E, se existia alguma dúvida de que 2011 estava codificado intencionalmente, essa dúvida desaparecia com as palavras que se sobrepunham ao ano: “Calcularás o tempo.” Cruzando o ano de 2011 surgiam dois desfechos possíveis — “inimigos que conhecia, ele invadirá” e “alvos”.

“Alvos” significava claramente os lugares que a Al-Qaeda aniquilaria: Israel, Nova Iorque e Washington. “Inimigos que conhecia, ele invadirá” era o ataque preventivo que poderia impedir isso. Voltei a Israel em Março de 2009 para me reunir com o chefe da Mossad, o General Dagan. Antes de ver Dagan, encontrei-me com o Professor Rips. Queria perguntar-lhe quais eram as probabilidades de estes novos pormenores aparecerem na mesma matriz de código que já revelara uma base da Al-Qaeda no Iémen, os nomes dos terroristas, todas as estruturas existentes no local e agora também os anos que assinalavam o início e o fim do plano para atacar Israel e os Estados Unidos. “Pode esquecer o código, esquecer as probabilidades de cem milhões para um de quem, o quê, quando e onde estarem codificados”, disse Rips.

“Considere apenas as probabilidades muito maiores, incalculáveis, de tudo isso ser confirmado por satélite.” Fui à Universidade Hebraica encontrar-me com um matemático laureado com o Prémio Nobel, Robert Aumann. Mostrei-lhe a mesma tabela de código e fiz-lhe a mesma pergunta. “Esqueça as probabilidades do código”, disse Aumann. “Tudo o que importa são as probabilidades de isso ser confirmado pelos serviços secretos israelitas.” “Quais são essas probabilidades?”, perguntei. “São incalculáveis”, respondeu Aumann. “Porque não bombardeamos o maldito lugar?”

Expliquei que bombardear o uádi do deserto e as montanhas que o rodeavam não destruiria armas nucleares escondidas num túnel numa das montanhas. A única forma de capturar ou destruir as armas seria enviar comandos, e isso não poderia ser feito até encontrarmos a sua localização exacta. Fui encontrar-me com o principal físico de Israel, Yakir Aharonov, que era amplamente considerado um futuro vencedor do Nobel. Mostrei-lhe a matriz e voltei a perguntar-lhe quais eram as probabilidades. "Não sei quais são as probabilidades de tudo isto aparecer no código, mas esqueça o código", disse Aharonov.

"Considere as probabilidades de o nosso satélite ter visto tudo aquilo que o código dizia que estaria lá." "Quais são essas probabilidades?", perguntei. "São incalculáveis", respondeu Aharonov. "Porque não bombardeamos o maldito lugar?" Fui então encontrar-me com o chefe da Mossad. "Todos os cientistas a quem perguntei, três dos maiores cientistas de Israel, disseram-me exactamente a mesma coisa", disse ao General Dagan. "As probabilidades de os serviços secretos israelitas confirmarem cada pormenor codificado na Bíblia são tão grandes que ultrapassam qualquer cálculo. Na verdade, eles querem que o senhor bombardeie o local." "Isso não serviria de nada", respondeu Dagan. "Eu sei, mas não acha que chegou a altura de enviar uma equipa de comandos?", perguntei. "Isso não serviria de nada", repetiu Dagan. "Temos de saber exactamente onde as armas estão localizadas." "Há duas formas de Israel confirmar que as armas nucleares estão lá", disse eu.

"Façam o que for necessário para as encontrar e depois enviem os comandos. Ou esperem até Telavive e Jerusalém, juntamente com Nova Iorque e Washington, serem aniquiladas." "E os americanos?", perguntou Dagan. "Esta é realmente uma missão para a Mossad", respondi. "Israel não deve contar com a América para o salvar. Acho muito mais provável que seja Israel a salvar os Estados Unidos." Dagan sabia-o. Os serviços secretos americanos estavam em péssimo estado. Nada tinha mudado desde o 11 de Setembro, exceto o facto de Obama ter substituído Bush e colocado novas pessoas à frente das agências. Mas seriam precisos anos para reparar os danos que Bush causara.

"Posso vir a encontrar-me com o Presidente", disse eu a Dagan. Entreguei-lhe outra impressão do código. Nela lia-se: "B. Obama é Presidente." "Encontrámos isto antes de ser depositado o primeiro voto, quando a eleição de Obama era mais do que improvável", disse ao General. "O Presidente tem uma carta minha que contém três previsões", disse eu a Dagan. "Então a primeira é que ele seria eleito", observou. "Quais são as

outras duas, se me permite perguntar?" "A segunda é que a sua vitória poderá provocar o seu assassínio", respondi.

"A terceira é que o terrorismo nuclear é quase inevitável, mas pode ser evitado." "Não facilita a vida a ninguém", disse Dagan. "Então, como termina tudo isto? O que diz o seu código?" "Penso que isso depende de nós, talvez de si", respondi. "Mas sou sempre otimista. Acho que os bons vencem." "Otimista?", perguntou Dagan. "É judeu?" "Não é permitido?", respondi. "Talvez", disse Dagan. "Mas é invulgar." Foi uma boa reunião e também era invulgar que o chefe da Mossad se reunisse durante hora e meia com alguém. E, antes de eu partir, Dagan disse-me que se tinha encontrado comigo apesar de não ser religioso. "Vou contar-lhe uma história", disse. "O meu pai era religioso, foi educado numa yeshivá, mas depois do Holocausto deixou de conseguir acreditar em Deus." "Eu também não acredito, Meir", respondi.

"Mas acredito no código, porque continua a concretizar-se, e acredito certamente nas fotografias de satélite israelitas." "Concordo com os cientistas: esqueçamos o código, observemos aquilo que foi confirmado por satélite e descubramos se também existem armas nucleares na base da Al-Qaeda." "Temos os nossos métodos", respondeu o chefe da Mossad. Não perguntei quais eram, mas confiava no General Dagan. E sabia que o Presidente Obama poderia estar a planear uma guerra global contra a Al-Qaeda.

Capítulo Sete

A GUERRA DE OBAMA

"A GUERRA DE OBAMA" está codificada na Bíblia juntamente com "Salvar o Mundo". Não é aquilo que eu esperava e não creio que seja aquilo que o próprio Presidente espera. Talvez ainda possamos evitá-la. Mas uma grande guerra pode ser o preço que teremos de pagar para salvar o mundo. Isso é afirmado repetidamente no Código da Bíblia. "Guerra de Obama" está codificada juntamente com dois anos, "2011" e "2012". Pode estar já iminente. "Terror tornado claro" aparece na mesma matriz de código.

E imediatamente abaixo, as palavras originais da Bíblia afirmam: "Salvar o Mundo". "É mais do que 'Salvar o Mundo'", disse o cientista israelita que descobriu o código, o Professor Rips. "É 'Redimir o Mundo', mudá-lo para sempre, salvá-lo permanentemente." Para Rips, como para

todos os judeus, cristãos e muçulmanos verdadeiramente religiosos, uma guerra para salvar o mundo, uma Batalha Final entre o bem e o mal, é necessária, esperada e aceite. Para mim, e presumo que para Obama, é um último recurso. Mas uma visão fria e realista do mundo conduz quase inevitavelmente à conclusão de que pode ser necessária.

O principal especialista em terrorismo nuclear, Graham Allison, afirmou: "Precisamos de fazer hoje aquilo que não hesitaríamos em fazer no dia seguinte à aniquilação de uma grande cidade." Se tivermos de travar essa guerra, é vital que o façamos antes que terroristas armados com armas nucleares eliminem Washington, Nova Iorque, Israel ou os três no mesmo dia. Não seremos capazes de o fazer no dia seguinte. "Terror tornado claro" deve significar o nosso reconhecimento do perigo, uma guerra preventiva, e não a nossa reação a uma perda catastrófica da qual o mundo talvez nunca recupere. Não sou religioso, mas acredito que esta seria uma guerra entre o bem e o mal e que, se a perdermos, será a Batalha Final. BARACK OBAMA PODE ainda não estar a planear travar uma guerra global, mas o Pentágono, certamente com a sua aprovação, está a preparar-se para ela.

No dia 30 de Setembro de 2009, «o principal comandante americano no Médio Oriente ordenou uma ampla expansão das atividades militares clandestinas para desorganizar grupos militantes e contrariar ameaças no Irão, na Arábia Saudita, na Somália e noutros países da região», segundo o *New York Times*.

A diretiva secreta assinada pelo General David Petraeus autoriza as Forças Especiais dos Estados Unidos a operar tanto em países aliados como hostis em todo o Médio Oriente, Ásia Central e Corno de África, para «preparar o terreno para possíveis ataques militares».

Vai muito além da guerra já travada no Afeganistão e até das guerras encobertas no Iémen e no Paquistão.

O documento de sete páginas autoriza especificamente operações no Irão para preparar uma guerra «caso as tensões em torno das suas ambições nucleares aumentem». O Pentágono possui, de facto, «planos de guerra detalhados» para o caso de o Presidente Obama autorizar um ataque militar.

A directiva, oficialmente denominada *The Joint Unconventional Warfare Task Force Execute Order*, estabelece claramente as bases para a ainda não declarada «Guerra de Obama» codificada na Bíblia.

O seu objetivo declarado é preparar as forças armadas americanas para combater a Al-Qaeda em qualquer parte do mundo e impedir ataques terroristas contra os Estados Unidos.

A guerra que o Presidente ainda não declarou, mas para a qual evidentemente ordenou ao Pentágono que se preparasse, está codificada na Bíblia.

O código prevê uma «Grande Guerra», aparentemente a próxima «Guerra Mundial», e claramente uma guerra contra o terrorismo.

«Grande guerra» surge codificada juntamente com «terrorismo» e «bombista suicida».

«No Fim dos Dias», um pequeno grupo de militantes, ou até um único homem, pode desencadear a Batalha Final mitificada na Bíblia.

«Guerra Mundial» também aparece associada a «terrorismo» e «bombista suicida».

A Terceira Guerra Mundial, tal como é prevista no código, será muito diferente da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Em vez de grandes exércitos a chocarem em todo o globo, é retratada como uma luta amarga até ao último homem pelo destino da Terra, uma «guerra sem tréguas».

E esta é a guerra que Barack Obama poderá ter de liderar.

OBAMA FOI ELEITO com uma promessa de esperança, que muitos interpretaram como uma promessa de paz.

Mas o próprio Presidente sempre deixou claro que teríamos de combater os terroristas que nos atacaram a 11 de Setembro de 2001, a Al-Qaeda liderada por Osama bin Laden.

É a verdadeira Guerra contra o Terror que o Presidente Bush nunca combateu.

«Numa estranha reviravolta da História, a ameaça de uma guerra nuclear global diminuiu, mas o risco de um ataque nuclear aumentou», declarou Obama num discurso histórico em Praga.

O perigo já não é o perigo da Guerra Fria, com mísseis a cruzarem o globo e a destruírem tudo em meia hora. Agora são fanáticos religiosos que querem destruir o mundo em nome de Deus, armados com armas de destruição maciça.

A Al-Qaeda, disse Obama, está «determinada a comprar, construir ou roubar» uma arma nuclear, e o mundo não está a fazer o necessário para o impedir.

«Se acreditarmos que a proliferação das armas nucleares é inevitável, então estamos a admitir perante nós próprios que a utilização de armas nucleares é inevitável», afirmou.

Se não conseguirmos travar o terrorismo nuclear, Obama poderá terminar a sua Presidência não na Casa Branca, mas num bunker subterrâneo.

«B. Obama» surge codificado com «do bunker», e isso é cruzado por «ataque megaterrorista atómico».

«Presidente sobreviveu» cruza «Obama», sugerindo que o ataque terrorista foi previsto ou até evitado por um ataque preventivo contra a Al-Qaeda.

Mas também pode significar que Washington será aniquilada e que Obama escapará apenas porque não se encontra lá.

Em qualquer dos casos, o mundo mudaria para sempre.

Obama e todos os líderes mundiais estariam em bunkers subterrâneos, independentemente da cidade que fosse aniquilada. Teriam de travar um tipo completamente novo de Guerra Mundial contra um inimigo invisível, e fazê-lo escondidos.

Na verdade, «de Raven Rock», o nome do bunker presidencial, surge codificado juntamente com «Obama» e «a guerra».

Raven Rock é mais do que um abrigo antinuclear para o Presidente. É um vasto Pentágono subterrâneo, uma sala de guerra enterrada profundamente numa montanha de granito a cerca de seis milhas do retiro presidencial de Camp David.

Foi criado no auge da Guerra Fria para que o governo sobrevivente dos Estados Unidos pudesse combater uma guerra nuclear caso fosse atacado.

Nenhum ano está claramente codificado com essa imagem apocalíptica, mas a «Grande Guerra», a «Guerra Mundial» e a «Guerra de

Obama» parecem todas previstas antes do final do primeiro mandato presidencial, em 2012.

DEPOIS DO 11 DE SETEMBRO, todos acreditaram naquilo que o Código da Bíblia tinha previsto muitos anos antes: que o terrorismo nuclear era a maior ameaça que enfrentávamos. Mas ninguém fez nada para o impedir.

Mesmo depois de os serviços secretos israelitas terem informado a Casa Branca de que haviam confirmado a localização exata onde a Al-Qaeda poderia já possuir armas nucleares, o governo dos Estados Unidos continuou a ignorar a informação.

Mas o código sugere que o Presidente Obama dará atenção ao aviso a tempo.

«Ataque preventivo» aparece juntamente com «ameaça atómica» e com «Presidente» «Obama».

Há também um ano, 2010. No antigo calendário bíblico é «5770». Em hebraico, as mesmas letras que designam o ano colocam uma pergunta: «Salvarás?»

Parece existir apenas um cenário que começa e termina bem.

Ataques preventivos no Paquistão e no Iémen: o primeiro para apreender as cem armas nucleares que o Paquistão instalou em mísseis; o segundo para capturar as armas que o Paquistão já teria entregue à Al-Qaeda.

Obama poderá estar a planear o primeiro neste exato momento.

«As forças armadas dos Estados Unidos estão a analisar opções para um ataque unilateral no Paquistão caso um atentado bem-sucedido em território americano seja atribuído às zonas tribais daquele país», noticiou o *Washington Post* no final de Maio de 2010.

Foi a fracassada tentativa de atentado na Times Square por um paquistanês que confessou ter recebido treino dos talibãs nas zonas tribais sem lei que desencadeou a ameaça de uma ação militar americana.

«Obama afirmou durante a campanha presidencial que estaria disposto a ordenar ataques no Paquistão, e a Secretária de Estado Hillary Clinton declarou numa entrevista televisiva após a tentativa da Times Square que

“se, Deus nos livre, um ataque como este, que possamos associar ao Paquistão, viesse a ser bem-sucedido, haveria consequências muito severas”», relatou o *Post*.

«Obama enviou o seu Conselheiro de Segurança Nacional, James Jones, e o diretor da CIA, Leon Panetta, para Islamabad nesse mês [Maio de 2010] para transmitir uma mensagem semelhante às autoridades paquistanesas.»

O aviso presente no Código da Bíblia refere-se a uma ameaça muito maior proveniente do Paquistão.

«O paquistanês» «atómico» «terrorista» surge codificado juntamente com «Obama».

É uma afirmação explícita do ataque terrorista supremo, talvez desta vez uma bomba nuclear na Times Square.

E isso sugere que o plano de atacar o Paquistão apenas após um atentado terrorista bem-sucedido poderá constituir um erro catastrófico.

Não é necessário esperar por provas de que as armas nucleares do Paquistão representam um perigo para a América. Há anos que se sabe que o cientista que criou essas armas, A. Q. Khan, também vendeu fábricas de bombas ao Irão, à Líbia e à Coreia do Norte, e que dois cientistas da sua rede clandestina de comércio nuclear se encontraram com Bin Laden imediatamente antes do 11 de Setembro.

De facto, na mesma matriz que alerta para um «terrorista atómico paquistanês», «Khan» também surge codificado juntamente com «criador».

As armas que ele criou encontram-se agora sob controlo do ISI, os serviços secretos paquistaneses, que por sua vez criaram a Al-Qaeda. Na prática, as cem ogivas nucleares do Paquistão já estão nas mãos de militantes. Mas o perigo imediato continua a ser a Al-Qaeda no Iémen.

Se os Estados Unidos e Israel conseguirem usar o Código da Bíblia para localizar armas nucleares que a Al-Qaeda já possui antes de estas serem utilizadas, uma equipa de trinta comandos poderá vencer a primeira batalha da Terceira Guerra Mundial.

Uma vitória à última hora contra o ataque terrorista supremo é prevista no código, na base da Al-Qaeda no Iémen já confirmada por Israel.

«Ataque megaterrorista atómico» cruzado por «Iémen» aparece juntamente com «em 5770 (2010) descobriram». Isto sugere fortemente que, aproveitando a oportunidade em 2010, poderíamos evitá-lo.

Os Estados Unidos já travam uma guerra encoberta no Iémen, mas ela visa impedir grupos locais da Al-Qaeda, não um ataque de terrorismo nuclear conduzido por Bin Laden e Khan.

Mas «arma atómica capturada» surge codificada juntamente com «impedido 2010».

E, mais uma vez, é claro que será necessária força militar — «em batalha» surge codificado juntamente com o ataque-surpresa à base da Al-Qaeda no Iémen.

Podemos vencer a primeira batalha contra o terrorismo nuclear se atuarmos preventivamente.

Em vez de uma «Guerra Mundial», uma «Grande Guerra», a «Guerra de Obama», uma equipa de comandos poderá destruir ou capturar armas nucleares no Iémen, naquele ponto do deserto primeiro identificado pelo código e depois fotografado por um satélite israelita.

E essa dramática vitória de última hora sobre Bin Laden poderá despertar o mundo inteiro para o perigo global.

METADE DE TODAS as armas nucleares e do urânio enriquecido existentes no mundo encontram-se atualmente vulneráveis aos terroristas.

Um ataque preventivo que nos salvasse de uma ameaça atómica imediata não eliminaria o perigo do terrorismo nuclear.

Vencer a primeira batalha da Terceira Guerra Mundial poderia apenas permitir-nos combater o resto da guerra e impedir para sempre que os terroristas obtenham novamente armas nucleares.

«Atómico» cruza «armas protegidas». «No mundo» aparece na mesma matriz.

Mas o código sugere que talvez não consigamos assegurar todas as armas nucleares do mundo sem combate. «Em batalha» volta a surgir, cruzando «atómico» e «armas protegidas».

Não podemos matar todos os terroristas do mundo. Nem sequer conseguimos encontrá-los a todos. Mas sabemos que países possuem armas nucleares e podemos garantir a segurança de todas elas.

«Tudo o que os Estados Unidos e os seus aliados têm de fazer para impedir o terrorismo nuclear é impedir que os terroristas adquiram armas nucleares», afirma Graham Allison, o principal especialista no tema.

«A aplicação dessa política deve começar com isolamento político e sanções económicas», disse ele, «mas também deve incluir a disponibilidade para recorrer a força militar secreta ou aberta, se necessário.»

«Confiscação de armas» surge codificada juntamente com «atómico» e «lei do mundo».

Mas esta nova ordem mundial, segundo o código, provavelmente exigirá ação militar.

Ninguém acredita que o Irão, a Coreia do Norte ou o Paquistão renunciem voluntariamente aos seus arsenais nucleares. O Paquistão criou um mercado negro nuclear, a Coreia do Norte continua a vender projetos nucleares e o Irão é o principal patrocinador mundial do terrorismo.

«Temos agora de avançar para uma guerra contra o terrorismo nuclear», afirma Allison, antigo Secretário-Adjunto da Defesa e atualmente professor em Harvard. É um académico, não um guerreiro.

Mas é um realista que compreende que a civilização humana não sobreviverá a menos que estejamos preparados para proteger armas nucleares onde pudermos e removê-las pela força onde não pudermos.

«Nuclear» também surge juntamente com «Obama» e «confiscar» cruza o nome do Presidente. «Pelo mundo» está codificado na mesma matriz e, em hebraico, significa igualmente «para sempre».

Os Estados Unidos têm de liderar, mas não podem vencer sozinhos a guerra global.

A América e a Rússia possuem noventa por cento de todas as armas nucleares, mas terão de se unir à China para criar uma nova ordem mundial.

Nenhum dos três países, especialmente a Rússia, garantiu sequer totalmente a segurança dos seus próprios arsenais nucleares.

Mas a maior ameaça provém dos países menos poderosos que possuem capacidade nuclear.

E basta a quantidade de plutónio que cabe numa lata de Coca-Cola para fabricar uma arma capaz de destruir uma cidade inteira.

«Seguindo a trajetória atual, o terrorismo nuclear é inevitável», afirma Allison. «Ninguém que tenha estudado os factos duvida de que está a caminho outro ataque terrorista catastrófico.»

«Se quisermos evitar o desastre iminente e a consequente sucessão de explosões nucleares nas nossas cidades, os Estados Unidos terão de envolver as principais nações numa campanha global para impedir agora o terrorismo nuclear.»

«Ao fazê-lo, poderão preservar todas as nações do pesadelo de um mundo em que terroristas nucleares destruam a civilização tal como a conhecemos.»

«Ameaça atómica» está codificado na Bíblia. «Golpe muito grande» surge no mesmo local, mas, em vez de um ataque terrorista, trata-se de um ataque contraterroristas «por parte de Obama».

Na verdade, o Código da Bíblia afirma que «Obama», a partir de um «bunker», poderá ter de conduzir «todo o seu povo à guerra».

«Tempo de batalha» está codificado juntamente com «Obama» na mesma matriz.

Não escaparemos à «ameaça atómica» sem lutar. Mas podemos evitá-la, se atuarmos a tempo.

A batalha será necessária. Mas poderá conduzir à paz.

Existem duas formas de escrever «mega-terror» em hebraico; elas aparecem juntas apenas uma vez na Bíblia e «atómico» está codificado no mesmo local.

Curiosamente, «paz» também aparece na matriz.

Contudo, segundo o código, trata-se de uma paz que só surgirá «de uma batalha feroz» travada pelo «Presidente».

Perder a primeira batalha da Terceira Guerra Mundial significaria quase certamente perder a guerra inteira. Talvez nunca recuperássemos do pesadelo do terrorismo nuclear.

A questão crucial é saber se travamos a batalha antes do pesadelo — ou se despertamos para o verdadeiro Armagedão.

Capítulo Oito

SALVAR O MUNDO

TROMBETAS SOARAM quando Barack Obama percorreu o longo corredor da imponente sala cerimonial em Oslo, na Noruega, para receber o Prémio Nobel da Paz, a 10 de Dezembro de 2009.

O presidente do Comité Nobel evocou a história de Martin Luther King Jr., vencedor do mesmo prémio em 1964, ao dirigir-se ao Presidente e dizer: «O sonho do Doutor King tornou-se realidade.»

E então Obama chocou toda a gente por não ser King, por não pregar a não-violência, mas por dizer ao mundo que tinha de aceitar o conceito de uma «guerra justa».

«Devemos começar por reconhecer uma verdade difícil», afirmou o Presidente. «Não erradicaremos os conflitos violentos durante as nossas vidas. Haverá momentos em que as nações considerarão o uso da força não apenas necessário, mas moralmente justificado.»

Fez-se um silêncio atónito na grande sala.

«O mundo pode já não estremecer perante a perspetiva de uma guerra entre duas superpotências nucleares», disse Obama, «mas a proliferação nuclear pode aumentar o risco de catástrofe. O terrorismo é há muito uma tática, mas a tecnologia moderna permite que alguns homens insignificantes, movidos por uma raiva desmedida, assassinem inocentes numa escala horrível.»

Não era este o discurso que alguém esperava. Em vez de repetir o seu apelo a um «mundo sem armas nucleares», falou do perigo de um mundo em que até loucos aleatórios possam obter armas nucleares.

«Encaro o mundo tal como ele é», disse o Presidente. «Não tenham dúvidas: o mal existe no mundo.»

Um novo tipo de guerreiro acabava de aceitar o Prémio Nobel da Paz. E tudo isso estava codificado na Bíblia há três mil anos.

A matriz do código era perfeita. «Obama Nobel» aparecia juntamente com «o seu prémio» e «paz».

Tinha sido previsto milhares de anos antes, embora o *New York Times* tenha noticiado que «deixou estupefactas pessoas desde a Noruega até à Casa Branca».

E «Obama Nobel» com «paz» repetia-se num segundo código.

Aí, o seu significado mais amplo também era declarado: «Para prolongares os teus dias na Terra.»

No exterior da sala, em Oslo, enquanto o Presidente recebia o prémio, uma multidão entoava palavras de ordem e erguia uma faixa amarela onde se lia: «Obama, ganhaste-o; agora merece-o.»

Aquilo que nem a multidão dentro da sala nem a que estava cá fora compreendiam era o que o Presidente compreendia e tentava explicar-lhes — que, no mundo real, há momentos em que a única forma de alcançar a paz é através da guerra.

HÁ QUASE QUINZE ANOS que tento alertar líderes mundiais para o facto de a antiga profecia de um Apocalipse estar prestes a concretizar-se, de o verdadeiro Armagedão estar codificado na Bíblia.

Agora, finalmente, surgiu um líder mundial que poderá realmente ser capaz de realizar um quase milagre — e impedi-lo.

«Salvar o Mundo» está codificado na Bíblia. «Obama» e «com um código» aparecem no mesmo local, juntamente com o ano de 2010.

Em hebraico, as mesmas letras que formam o ano formam também uma pergunta — «Salvarás?»

Inicialmente visto como uma figura quase messiânica, Obama sempre procurou deixar claro que não anda sobre as águas.

Mas é Presidente num momento decisivo da história mundial, que poderá determinar se sobreviveremos.

Conseguirá o Presidente Obama derrotar um inimigo oculto mais perigoso do que Hitler em apenas dois anos?

A probabilidade muito maior indicada no código é a de que o perigo se prolongue durante 2011 e 2012, até ao final do primeiro mandato de Obama. Mas não tem necessariamente de terminar num cataclismo global.

«Salvar o mundo» e «vida na Terra» aparecem juntamente com «guerra» e «2011».

O código afirma claramente que Obama pode impedir o Armagedão.

«Ele salvará o mundo» está codificado juntamente com «Obama» e «Presidente», exatamente no local onde também surge «arma atómica poderosa», juntamente com um ano: 2012.

Não é apresentado como uma pergunta, mas codificado como a resposta.

O Código da Bíblia ecoa aquilo que Obama afirmou em Oslo, mas numa escala tão vasta que só pode ser expressa pelas palavras da profecia bíblica.

A apreensão de armas nucleares que a Al-Qaeda possa já possuir, bem como impedir que os terroristas voltem alguma vez a obtê-las, exigirá ação militar, talvez a derradeira guerra pela sobrevivência.

«Salvar o Mundo» aparece juntamente com «no Fim dos Dias», cruzado por «terrorismo».

Mais uma vez, em eco das palavras de Obama, a terrível necessidade é a «guerra».

Assim, não se trata de uma promessa de Salvação Divina, nem de uma promessa de paz fácil, mas da afirmação de que nós, aqui na Terra, podemos salvar-nos a nós próprios.

Talvez com a ajuda do Código da Bíblia.

«TENHO APENAS UMA razão para acreditar que o mundo sobreviverá», disse o cientista que descobriu o Código da Bíblia, Eliyahu Rips.

«A promessa de Deus, a promessa do Criador após o Dilúvio de nunca mais destruir o mundo.»

Estava a citar o Génesis, a promessa de Deus a Noé:

«Estabelecerei a Minha aliança convosco, e toda a vida nunca mais será destruída pelas águas de um Dilúvio. Nunca mais haverá um Dilúvio para destruir a Terra.»

«Coloquei o Meu arco-íris nas nuvens, e ele será o sinal da aliança entre Mim e a Terra.»

Era Março de 2009. Eu estava em Israel para me encontrar com o chefe da Mossad, mas primeiro reuni-me com o Professor Rips na sua casa, em Jerusalém. Para mim, o tema era o terrorismo nuclear; para Rips, como sempre, era Deus.

Perguntei a Rips se acreditava que a promessa de Deus de não destruir o mundo era também uma promessa de não nos deixar destruir o mundo.

Rips respondeu que nunca tinha considerado essa questão antes.

«É uma nuance interessante», disse. «A promessa do Criador inclui também impedir que a humanidade se destrua a si própria?»

Eu não tinha qualquer fé na aliança de Deus nem no arco-íris, mas tinha fé na humanidade.

«Acredito que a humanidade decidirá o seu próprio destino», disse eu. «Não penso que seja fácil e não penso que a nossa vitória venha sem um preço, mas penso que sobreviveremos.»

Toda a nossa conversa decorreu simultaneamente num contexto religioso, sobre o «Fim dos Dias», e no contexto do perigo real do Armagedão — o terrorismo nuclear.

Mencionei uma teoria segundo a qual todas as espécies inteligentes do universo acabariam por se autodestruir. Foi formulada pela primeira vez pelo astrónomo Carl Sagan, o primeiro cientista de relevo a sugerir que existia vida inteligente para além do nosso planeta — uma teoria hoje aceite pela maioria dos cientistas.

Sagan afirmava que era inevitável que, em determinado momento, todas as formas de vida inteligente criassem os meios para se destruírem a si próprias, como nós fizemos, e que acabariam por fazê-lo.

Eu acreditava, com base no Código da Bíblia e nos acontecimentos mundiais, que estávamos precisamente nesse momento decisivo da história

humana. Também o acreditam a maioria dos especialistas em terrorismo nuclear. E também o Presidente Obama.

Gostaria de ter a fé de Rips num Deus que salvaria a Sua criação.

«Tudo o que acontece no mundo decorre sob uma espécie de supervisão sobrenatural», disse Rips. «Ela está intencionalmente escondida, nos bastidores, e por isso simplesmente não a conhecemos.»

Perguntei-lhe sobre o livre-arbítrio, citando um antigo comentário à Bíblia, o Talmude: «Tudo é previsto, mas a liberdade de ação é concedida.»

Durante quase dois mil anos, grandes sábios debateram este aparente paradoxo, sempre em termos religiosos — como pode existir livre-arbítrio humano se Deus sabe antecipadamente o que irá acontecer?

O Código da Bíblia torna essa questão real para o mundo moderno, até para pessoas como eu, inteiramente seculares. Como pode o futuro ser conhecido e, ainda assim, ser alterado?

«O livre-arbítrio existe, evidentemente», respondeu Rips, «mas é apenas um dos jogadores em campo.»

Como era o único jogador com o qual eu podia lidar, continuei a tentar usar o Código da Bíblia para convencer os líderes mundiais de que enfrentávamos, naquele exato momento, o maior perigo da história do mundo, mas que podíamos mudar o nosso futuro.

Procurei «Mudar o Futuro» no código. Apareceu apenas uma vez — num local que me espantou.

Imediatamente acima de «Mudar o Futuro» encontravam-se precisamente as palavras do Génesis que Rips me tinha citado um ano antes:

«E Deus disse: “Este é o sinal da aliança que estabeleço entre Mim e vós e todos os seres vivos. Coloquei o Meu arco-íris nas nuvens e ele será o sinal da aliança entre Mim e a Terra.”»

A aliança, o arco-íris — fiquei chocado. De repente, todo o meu ceticismo foi posto em causa.

Já estava a escrever o final deste livro e tinha afirmado a minha descrença na promessa de Deus quando procurei no Código da Bíblia a expressão «Mudar o Futuro».

De repente, surgiu no ecrã do meu computador a resposta.

«Mudar o Futuro», a nossa forma de nos salvarmos, estava claramente ligada de forma intencional à promessa de Deus de não destruir o mundo.

Teria Rips razão? Seria tudo, afinal, uma questão de Deus?

Quase senti que Ele observava por cima do meu ombro enquanto eu escrevia, via a minha falta de fé n'Ele e no arco-íris e, através do código, respondia ao meu ceticismo.

Disse a Rips que, sempre que parecia que o código me estava a falar, que Deus me estava a falar, isso me deixava desconfortável.

«Não é a primeira pessoa para quem isso é desconfortável», respondeu Rips. «Adão também se sentia muito desconfortável com isso.»

Nunca acreditei realmente que Deus ou o código estivessem em contacto comigo a nível pessoal. Mas muitas vezes parecia ser assim — como se eu estivesse ligado em linha direta com o Codificador.

Perguntei a Rips se alguma vez sentia que se tratava de um diálogo a decorrer em tempo real.

«Sempre», respondeu. «Mesmo que esteja a fazer as perguntas "agora" e a Bíblia tenha sido codificada num "passado" distante, do ponto de vista do Codificador tudo acontece ao mesmo tempo — incluindo o "futuro" que Ele revela através do código.»

Não era apenas Rips, um homem religioso que acredita num Deus eterno, quem conseguia imaginar que o tempo fosse simultâneo. Foi também o que Einstein afirmou:

«A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, embora persistente.»

Para mim, contudo, existia uma diferença clara entre ontem, hoje e amanhã. E qualquer que fosse a realidade superior que pudesse existir, no nosso mundo o tempo estava a esgotar-se rapidamente.

O código destinava-se claramente a este momento. «Mudar o Futuro», codificado apenas uma vez na Bíblia, cruzava este ano, 2010.

Não podia ser acaso. O nosso momento para salvar o mundo, para mudar o nosso futuro, era agora.

NA VERDADE, «SALVAR» estava codificado paralelamente a «mudar o futuro».

Perguntei a Rips se pensava que a mudança viria de nós ou de Deus.

«Não é claro se o homem o fará com Deus a torná-lo possível, ou se será feito inteiramente por Deus», respondeu.

A própria existência do Código da Bíblia sugeria uma parceria. Obviamente, o código não veio de nenhum de nós.

Rips tinha a certeza de que vinha de Deus, porque a própria Bíblia vinha de Deus. Eu apenas podia ter a certeza de que provinha de outra inteligência, que eu esperava estar a tentar ajudar-nos a sobreviver.

Certamente precisávamos de mudar o nosso futuro.

Procurei outra forma de expressar a mesma ideia — «Ele mudará o futuro». Notavelmente, apareceu juntamente com «No Fim dos Dias» e «Paz».

O código afirmava claramente, pelo menos, a possibilidade de um futuro pacífico, em vez de um Apocalipse. O Fim não precisava de ser o fim.

O hebraico original podia, de facto, ser lido de duas maneiras — «No Fim dos Dias», o fim do mundo, ou «nos Últimos Dias», a nossa própria época, este momento no tempo, o futuro previsto há três mil anos.

«Ele mudará o futuro.» Predizia um desfecho positivo num período de grande perigo.

Mas quem era esse «Ele»? Era Deus? Ou era o homem?

Se não se tratava de uma parceria entre o homem e Deus, era pelo menos uma parceria entre nós e o Código da Bíblia.

Por isso continuei a tentar dizer aos líderes mundiais aquilo que o código revelava.

Um acaso colocara-me numa posição muito estranha. Eu estava a dizer o futuro às pessoas que governavam o mundo; elas frequentemente acreditavam em mim, mas não sabiam como mudá-lo, o que fazer.

Sempre que me encontro com um Presidente, um Primeiro-Ministro ou o diretor de um serviço de informações, há sempre duas perguntas.

«Se está previsto, o que posso fazer?», perguntam-me.

Estou sempre à espera de incredulidade e, em vez disso, ouço resignação. Digo-lhes sempre que se trata de um aviso, não de uma previsão inevitável; que aquilo que nós fazemos, aquilo que eles fazem, pode mudar o futuro.

Mas há sempre uma segunda pergunta. As pessoas que governam o mundo voltam-se para mim e perguntam: «O que devo fazer?»

Essa é a pergunta que me assusta. É como se eu estivesse na cabine de pilotagem com o piloto, a dez mil metros de altitude, e ele de repente me perguntasse: «Sabe pilotar isto?»

Eu sou apenas um jornalista. E o código apenas revela informação, não soluções.

O código não veio acompanhado de um manual de instruções. Ou, se veio, ainda não o encontrámos. Eu não tinha poderes mágicos nem ilusões messiânicas. Era jornalista desde os vinte anos e continuava a ver-me como jornalista, apenas alguém que deixara de contar o que acontecera ontem e passara a contar o que aconteceria amanhã.

Não podia mudar o futuro sozinho.

Ainda assim, aquilo que permaneceu escondido na Bíblia durante três mil anos e que agora era revelado pelo computador era a chave para a nossa sobrevivência.

NO CÓDIGO DA BÍBLIA, tanto o próprio código como o Presidente Obama são anunciados como as duas chaves para vencer a verdadeira batalha entre o bem e o mal no Fim dos Dias.

«Obama» aparece novamente juntamente com «ele salvará o mundo», mas a mesma matriz também afirma «código ele verá».

Será que o Presidente, com o código, salvará o mundo?

«O mundo será salvo», prevê o Código da Bíblia, mas apenas através de um «golpe muito grande» de Obama — exatamente as palavras codificadas juntamente com «ameaça atómica».

Mesmo com a ajuda do código, o Presidente Obama poderá não ter outra escolha senão aquela que invocou ao receber o Prémio Nobel da Paz: uma «guerra justa».

A «Guerra de Obama», que o Pentágono vinha a planear desde Setembro de 2009, já não é apenas um plano.

As Forças Especiais dos Estados Unidos já operam em setenta e cinco países, segundo uma reportagem do *Washington Post* de Junho de 2010.

«Existem planos para ataques preventivos ou retaliatórios em numerosos locais do mundo», afirmava o *Post*.

A Casa Branca declarou abertamente que a América não esperará por um ataque terrorista, mas que «levará a luta à Al-Qaeda».

«Paz Mundial» também está codificada na Bíblia. É cruzada pela expressão «para prolongar os teus dias na Terra».

«Ele salvará» aparece no mesmo local.

Há esperança.

Mas, na mesma matriz, a dura realidade de que talvez tenhamos de lutar pela «Paz Mundial» é igualmente muito clara.

«Todo o seu povo para a guerra» também está codificado, e «Presidente» e «lutará» aparecem imediatamente acima.

O próprio Obama declarou que os próximos anos determinarão o destino do mundo.

A ameaça não é apenas o terrorismo nuclear; são todos os perigos que agora enfrentamos.

O Presidente continua em risco de ser assassinado, e o destino de Obama é impedir o terrorismo nuclear. Se perdermos sequer uma grande cidade, deixará de existir economia.

Existe apenas um mundo. Tudo está interligado. Mas continua a existir um perigo predominante.

Ou impediremos o terrorismo nuclear, travaremos os fanáticos religiosos de destruírem o mundo em nome de Deus e salvaremos as nossas grandes cidades, ou a civilização humana não sobreviverá.

Nenhum líder isolado, nem sequer o próprio código, nos salvará. Será o mundo inteiro a agir como um só.

E o relógio continua a contar rapidamente em direção ao Armagedão.

Coda

PENSEI QUE CONSEGUIRIA fazê-lo sem magia. Mas agora parecia ser talvez a única solução, para além da guerra.

Eu estava concentrado em alertar o Presidente Obama para uma ameaça de ataque terrorista nuclear atribuída a Bin Laden, aquilo a que o líder da Al-Qaeda chamou um dia «uma Hiroshima americana».

Mas, por mais que tentasse escapar daquilo que sempre me pareceu demasiado fantástico para ser verdade, o Código da Bíblia continuava a conduzir-me de volta a uma «Chave do Código», o objeto mágico necessário para desbloquear completamente o código e ver claramente todo o nosso futuro.

O código afirma repetidamente que ela está enterrada numa península que se projeta para o Mar Morto a partir da Jordânia, chamada «Lisan».

Percorri aquele terreno a pé, uma paisagem lunar completamente árida que brilha branca sob o sol do deserto. É um lugar que parece saído diretamente da mitologia, a região mais baixa de todo o planeta, o umbigo da Terra, que os antigos diziam ligar-nos ao sobrenatural.

Durante doze anos tentei organizar uma expedição arqueológica para desenterrar a Chave do Código, mas, no Médio Oriente, até a arqueologia é tornada impossível pela política da religião.

Por isso deixei o assunto de lado. De qualquer forma, a minha busca da chave parecia irrelevante perante a ameaça do terrorismo nuclear.

Mas o Código da Bíblia não me deixava em paz. Continuava a conduzir-me de volta à chave, até eu perceber que ela poderia ser a única solução.

«Esta é a solução» aparece apenas duas vezes nas palavras originais da Bíblia.

As palavras são pronunciadas pelo mais conhecido intérprete de sonhos e adivinho do Antigo Testamento, José.

Vendido como escravo pelos irmãos invejosos, José ascendeu até se tornar o governante de facto do Egipto ao revelar o futuro ao Faraó.

Mas as suas palavras — «esta é a solução» — também aparecem no Código da Bíblia juntamente com «Ataque Terrorista Atómico» e novamente com «Bin Laden».

E a cruzar «esta é a solução», em ambas as ocorrências, encontra-se o nome da árida península junto ao Mar Morto: «Lisan».

«Ataque Terrorista Atómico» está codificado apenas uma vez na Bíblia, e «esta é a solução» e «Lisan» cruzam-no.

«Bin Laden» também está codificado juntamente com «esta é a solução» e «Lisan».

O perigo que enfrentamos hoje — um «Ataque Terrorista Atómico» de «Bin Laden» — aparece juntamente com «esta é a solução» e «Lisan» num texto com três mil anos de antiguidade.

A MINHA BUSCA da chave que permitiria desbloquear completamente o código começou no pequeno e apertado gabinete do Professor Rips, na sua casa em Jerusalém.

Ele disse que o Código da Bíblia era como um gigantesco puzzle e que apenas possuíamos algumas peças.

«Acha que algum dia conseguiremos ver o código completo?», perguntei.

«Se algum dia encontrarmos a chave», respondeu Rips.

Todo o código possui uma chave. É assim que os militares ou os serviços secretos enviam mensagens secretas que apenas podem ser lidas pelo destinatário pretendido.

Mas qual era a chave do Código da Bíblia?

Rips acreditava que o código vinha de Deus. Eu não sabia em que acreditar, mas era evidente que não tinha sido criado por nenhum de nós.

Numa noite abri o meu computador portátil e procurei «Chave do Código» na Bíblia.

O que apareceu foi mais do que uma surpresa.

«Obeliscos.»

Não era aquilo que eu esperava encontrar a cruzar «Chave do Código». Imaginara uma fórmula matemática ou um conjunto de instruções, não um objeto físico, muito menos obeliscos.

Já tinha visto obeliscos, altos pilares de pedra terminando numa ponta piramidal. Alguns tinham cerca de trinta metros de altura, quatro mil anos de antiguidade e continuavam de pé no Egipto, gravados com hieróglifos relatando os feitos dos antigos faraós.

Mas o que tinham eles a ver com o Código da Bíblia?

Não havia dúvida de que a codificação era intencional. «Obeliscos» aparecia juntamente com «Chave do Código» duas vezes, cruzando-a efetivamente em ambas as ocasiões. Rips disse-me que as probabilidades contra isso eram de um milhão para um.

«Nenhum outro par apresentou estatísticas tão elevadas na história da investigação do código», afirmou. «Dois acertos diretos não podem acontecer por acaso. Isso é matematicamente certo.»

Mas o código dizia muito mais. Esses obeliscos não eram meros pilares de pedra; de alguma forma eram oráculos. Revelavam o futuro.

Nas duas ocasiões em que «Obeliscos» cruza «Chave do Código», as palavras originais da Bíblia formam a expressão «Boca dos Obeliscos».

E havia ainda outra expressão, ainda mais misteriosa: «Senhor do Código».

Senhor do Código. Seria Deus? Ou alguma inteligência para além da minha imaginação, mas inferior ao Criador?

Poderia ser uma forma bíblica de dizer «Mestre do Código», ou seja, o desconhecido «Codificador».

Talvez naquela península árida junto ao Mar Morto estivesse enterrada a prova física do Código da Bíblia, mas muito mais do que isso.

O objeto poderia também revelar a origem do código, quem o criou. Mas seria ainda mais do que isso.

Seria a primeira prova física de que não estamos sós.

O potencial cósmico desta aventura arqueológica era irresistível.

Ainda assim, era difícil para mim acreditar que antigos obeliscos fossem a chave do código, muito menos a chave da nossa sobrevivência, a forma de impedir o verdadeiro Armagedão, o terrorismo nuclear.

De qualquer forma, apenas um telefonema da Casa Branca para o Rei da Jordânia parecia capaz de pôr fim a doze anos de tentativas inúteis para desenterrar a «Chave do Código», os «Obeliscos» de Lisan.

Por isso procurei no código «Obama Obelisco» e encontrei algo mais do que notável.

«OBAMA COORDENARÁ O OBELISCO CONSIGO» aparecia como uma única matriz de código ininterrupta.

Será que Barack Obama se juntaria realmente à minha procura dos Obeliscos?

Rips calculou as probabilidades. Eram de quarenta milhões para um de aquela sequência de dezasseis letras estar codificada por acaso.

Nem Obama nem eu existíamos quando a Bíblia foi escrita. E, no entanto, o código mencionava-o pelo nome e parecia responder às minhas perguntas em tempo real. Era simultaneamente inacreditável e matematicamente impossível de atribuir ao acaso.

O próprio Obama tinha de ver esta extraordinária matriz.

E, na mesma tabela de código que um ano antes anunciava a sua eleição — «B. Obama é Presidente» — aparecia também tudo o que dizia respeito à minha expedição arqueológica paralisada.

«O meu código», «na chave» e «Obelisco» estavam todos codificados juntamente com a previsão de que «Obama» seria «Presidente».

Era como se a previsão não apenas estivesse anunciada no código descoberto por computador, mas já tivesse sido antecipada, até destinada, na Chave do Código gravada no antigo obelisco.

E «Obama» aparecia novamente com os «Obeliscos» num código que sugeria que a chave explicaria a sua improvável vitória e talvez até previsse a sua reeleição.

«Obama» está codificado numa matriz que, em hebraico, possui dois significados muito diferentes, mas inteiramente claros: «Eleição explicada» e «nos Obeliscos explicada», cruzados por «Presidente» duas vezes.

«O meu código» e «antigo» aparecem no mesmo local, assim como a explicação prometida — «ele enfiou uma agulha, passou por uma abertura estreita».

Era perfeito. Obama realmente passara por uma abertura que quase não existia.

Em pilares de pedra com milhares de anos, enterrados na península do Mar Morto, um triunfo moderno tão miraculoso como qualquer história mitológica podia estar descrito com exatidão.

Um homem negro tornou-se Presidente dos Estados Unidos talvez no único momento da história americana em que isso poderia ter acontecido, na sequência do colapso da Presidência Bush, numa eleição determinada pelo colapso da economia nas suas semanas finais.

E agora eu precisava que Obama cumprisse a promessa do código e me ajudasse a encontrar a chave do código.

Ela poderia ser a derradeira ferramenta de inteligência, um objeto que revelaria todo o nosso futuro — a tempo de o mudar.

SEM UM MILAGRE, poderíamos não sobreviver.

A «chave», os «Obeliscos», voltavam a aparecer juntamente com «mega-terror».

Também surgiam a localização exata, a península da Jordânia chamada «Lisan», e o ponto exato da península, uma pequena aldeia chamada «Mazra».

Na Antiguidade era um porto situado numa pequena enseada do Mar Morto, e isso também estava codificado: «Lisan, língua do mar».

A cruzar a localização exata, na matriz com «mega-terror», apareciam as palavras «chave antiga», e as mesmas letras em hebraico também significavam «mapa de sensor».

No código com três mil anos de antiguidade existia um mapa do tesouro e instruções sobre como utilizá-lo.

O inimigo, «Al-Qaeda», também estava codificado na Bíblia numa matriz que voltava a sugerir que o Obelisco ajudaria a derrotá-la.

«Do Obelisco ele bloqueou» aparece juntamente com «Al-Qaeda» e com o perigo, «terrorismo».

A «batalha» para eliminar a ameaça atómica imediata da Al-Qaeda era apresentada como uma «profecia no Obelisco».

Mais uma vez, não se tratava apenas de uma previsão codificada na Bíblia, mas da sua própria chave, num Obelisco tão antigo que não existia qualquer registo da sua existência, exceto no código.

Finalmente, a resposta definitiva para a ameaça global — «armas atómicas protegidas» — também aparecia juntamente com as mesmas palavras originalmente encontradas com «Chave do Código» — «Boca do Obelisco» e «Senhor do Código».

Tudo isto estava muito para além do acaso, muito para além da imaginação comum, mas era matematicamente certo.

Com «ameaça atómica», com «mega-terror», com «Al-Qaeda», e com a resposta para os três, surgia também uma descrição detalhada da minha aventura arqueológica.

Talvez realmente fosse, como disse José, o intérprete de sonhos, «a solução».

«A solução» aparecia juntamente com a Chave do Código, o objeto proveniente de além do nosso mundo que nos permitiria ver o nosso mundo como se fosse através dos olhos de Deus.

«Chave» estava codificado duas vezes juntamente com «Salvar o Mundo», numa matriz que, mais uma vez, indicava a localização exata.

Uma promessa — «Eu salvarei» — aparecia juntamente com «Lisan», o nome da península na Jordânia, e novamente com o local preciso, «Mazra».

«Salvar o Mundo» voltava a aparecer codificado juntamente com «chave».

Tal como aqui apresentado, explicou-me o Professor Rips, não se tratava apenas de salvar o mundo, mas de o redimir, de o salvar permanentemente.

E, na mesma matriz, a Chave do Código é identificada como a própria origem da nossa salvação — «Viste a partir da Chave».

E aqui também surgia a afirmação derradeira da batalha que poderia ser necessária: «Guerra de Deus».

Guerra de Deus. Eu não conseguia acreditar sequer nesse conceito. Mas tudo relacionado com o Código da Bíblia, tudo relacionado com a Chave do Código, contrariava tudo aquilo em que eu conseguia acreditar acerca do mundo.

E, no entanto, não há qualquer dúvida de que o código é real. Na verdade, eu não tinha qualquer dúvida de que a sua chave está enterrada exatamente onde o código afirma e de que a poderíamos utilizar para ajudar a salvar o nosso mundo.

Eu esperara que a Chave do Código nos conduzisse a uma solução pacífica.

Em vez disso, parecia afirmar que não haveria paz sem guerra.

A chave poderia continuar a ser «a solução», mas para travar o terrorismo nuclear e vencer a primeira batalha da Terceira Guerra Mundial.

No mundo real, habitado tanto por Barack Obama como por Osama bin Laden, a sobrevivência poderia exigir mais do que magia.

Como Winston Churchill afirmou celebremente na véspera da Segunda Guerra Mundial, poderia exigir «sangue, suor e lágrimas».

Poderá Obama ser Churchill? Poderá ser Roosevelt?

Todo este livro, que começa com uma carta dirigida a Obama, é uma carta aberta ao Presidente.

Ele poderá precisar do código, e até da chave, para salvar o mundo.

NOTAS DOS CAPÍTULOS

O PROFESSOR RIPS utilizou o texto hebraico padrão da Bíblia, conhecido como *Textus Receptus*, no seu programa informático do Código da Bíblia, que constitui a base da investigação citada neste livro.

O software que utilizei foi desenvolvido por Rips e pelo seu programador informático, o Dr. Alex Rotenberg.

Todas as Torás — os cinco primeiros livros da Bíblia em hebraico — que existem atualmente são idênticas letra por letra e não podem ser utilizadas se uma única letra estiver incorrecta.

A edição mais conhecida desse texto, *The Jerusalem Bible* (Koren Publishing Co., 1992), contém a tradução inglesa do Antigo Testamento mais amplamente aceite e é a principal fonte das citações do texto original utilizadas neste livro.

Também consultei e, por vezes, utilizei uma tradução preferida por alguns estudiosos, da autoria do Rabino Aryeh Kaplan, *The Living Torah* (Moznaim, 1981).

As citações do Novo Testamento provêm principalmente da *King James Version*, embora eu também tenha consultado uma tradução moderna conhecida como *New International Version*.

As declarações de Rips citadas ao longo deste livro resultam de uma série de conversas que mantive com ele ao longo de sete anos, sobretudo na sua casa em Jerusalém, no seu gabinete da Universidade Hebraica e em centenas de entrevistas telefónicas.

Muitos dos acontecimentos descritos neste livro foram testemunhados por mim. Os relatos de outros acontecimentos baseiam-se em entrevistas com pessoas diretamente envolvidas ou foram confirmados por notícias publicadas.

Os acontecimentos codificados na Bíblia utilizam o mesmo hebraico que aparece no texto bíblico ou o mesmo hebraico utilizado atualmente em Israel.

Os nomes de pessoas e lugares foram retirados de fontes de referência padrão, como a Enciclopédia Hebraica. As grafias hebraicas de acontecimentos mais recentes são as utilizadas pelos jornais israelitas, sobretudo o *Haaretz*.

As traduções de todas as codificações foram confirmadas pelo dicionário hebraico-inglês de referência de R. Alcalay (*Massada*, 1990) e pelo dicionário hebraico integral de A. Even-Shoshan (*Kiryat Sefer*, 1985).

Os anos codificados na Bíblia pertencem ao antigo calendário hebraico, que começa nos tempos bíblicos, 3760 anos antes do calendário moderno.

O ano atual, 2010, corresponde aproximadamente ao ano hebraico 5770. Contudo, os anos bíblicos começam em Setembro ou Outubro, de acordo com o calendário lunar, e terminam em Setembro ou Outubro do ano seguinte.

Todas as matrizes do Código da Bíblia apresentadas neste livro foram demonstradas como estando codificadas para além da probabilidade matemática. As estatísticas são calculadas automaticamente pelo programa informático Rips-Rotenberg. O computador avalia as correspondências entre palavras através de dois testes: a proximidade entre elas e se os saltos que formam as palavras pesquisadas são os mais curtos existentes na Bíblia.

As probabilidades de todos os códigos mais importantes — todos aqueles cuja ocorrência é apresentada com probabilidades superiores a 10 000 para 1 — foram calculadas pelo Professor Rips utilizando software mais avançado.

Todas as probabilidades indicadas medem quão improvável seria que palavras, nomes, lugares e datas aparecessem juntos por acaso na Bíblia. O código não nos diz qual a probabilidade de as previsões se concretizarem.

Contudo, parece existir uma ligação clara entre a probabilidade de um acontecimento estar codificado e a sua ocorrência efetiva. Como tenho dito aos líderes mundiais, seria insensato ignorar avisos de grandes perigos que aparecem na Bíblia muito para além do acaso. Com demasiada frequência acabam por concretizar-se.

Cada palavra pesquisada determina a forma como o computador apresenta o texto da Bíblia, isto é, o tipo de palavras-cruzadas que é formado. A ordem original das letras nunca é alterada.

Por exemplo, «B. Obama é Presidente» aparece apenas uma vez na Bíblia com um salto de 1404. Assim, o computador dividiu toda a Bíblia original — a sequência completa de 304 805 letras — em 217 linhas de

1404 letras. A impressão do Código da Bíblia (p. 4) mostra apenas o centro dessa tabela.

Se «B. Obama é Presidente» fosse formado com um salto de 100, as linhas teriam 100 letras. Se o salto fosse de 1000, as linhas teriam 1000 letras. Em qualquer caso, as linhas são empilhadas umas sobre as outras sem nunca alterar a ordem original das letras da Bíblia.

Há três mil anos, a Bíblia foi codificada para que a previsão «B. Obama é Presidente» surgisse uma única vez, exatamente no local onde «Obama» e «Presidente» voltam a aparecer juntamente com o mês em que foi eleito.

A citação inicial de Albert Einstein foi proferida pouco depois da Segunda Guerra Mundial, em Maio de 1947, e publicada em *The New Quotable Einstein* (Princeton University Press, 2005, p. 173). Vi-a pela primeira vez numa exposição do manuscrito original da Teoria da Relatividade, patente no Museu de Israel, em Jerusalém.

A citação do Talmude, antigo comentário à Bíblia, acerca da coexistência entre livre-arbítrio e presciência, é atribuída ao Rabino Akiva (*Mishna Avot* 3:15).

Durante quase dois mil anos, os sábios debateram este aparente paradoxo — como pode existir livre-arbítrio humano se Deus conhece antecipadamente tudo o que acontecerá? O Código da Bíblia coloca a mesma questão, mesmo para os seculares. A resposta parece ser aquela que a ciência propõe: existem apenas probabilidades; não existe apenas um futuro, mas muitos futuros possíveis. Somos nós que determinamos o resultado.

CAPÍTULO UM: OBAMA

A carta que enviei a Barack Obama através de Oprah Winfrey em 28 de Maio de 2008 foi confirmada como enviada pela assistente pessoal de Oprah, Libby Moore, a 5 de Junho, e confirmada como recebida pela melhor amiga e principal conselheira de Obama, Valerie Jarrett, numa conversa telefónica comigo alguns dias depois.

Enviei-a a Oprah acompanhada de uma nota na qual previa que Obama seria Presidente, mas alertava para uma possível tentativa de assassínio. A minha carta a Oprah afirmava:

«Penso que só poderei ajudar o Senador Obama se conseguir chegar-lhe diretamente — eu não consigo, mas você consegue.»

Nunca acreditei plenamente na previsão da eleição de Obama feita pelo Código da Bíblia, descoberta antes das primeiras eleições primárias e discutida com o Professor Rips em Dezembro de 2007, até a CNN o declarar vencedor na noite das eleições, a 4 de Novembro de 2008.

Quando vi Obama reclamar a vitória, pouco antes da meia-noite, perante cem mil pessoas num parque junto à frente ribeirinha de Chicago, tive a sensação de que ele próprio mal conseguia acreditar. Vi Oprah na multidão, a chorar.

As citações do seu discurso foram transcritas à medida que falava e confirmadas pela reportagem do *New York Times*.

O *Times* foi também a minha principal fonte para acompanhar a campanha presidencial, embora consultasse regularmente o *Washington Post*.

Ouvi falar pela primeira vez do Código da Bíblia por acaso, em Junho de 1992, após uma reunião com o General Uri Saguy, então chefe dos serviços de informações militares israelitas.

Conheci o Dr. Rips pela primeira vez na sua casa em Jerusalém, no final de Junho de 1992. A codificação relativa à Guerra do Golfo que ele me mostrou nessa noite tinha sido originalmente descoberta pelo seu colega Doron Witztum. Rips confirmou que Witztum lhe comunicara a data do primeiro ataque de mísseis Scud contra Israel e que ele próprio a viu codificada na Bíblia três semanas antes do início da Guerra do Golfo.

Chaim Guri reuniu-se comigo em sua casa, em Jerusalém, a 1 de Setembro de 1994. Nessa noite telefonou para o gabinete de Rabin e, na manhã seguinte, o motorista do Primeiro-Ministro recolheu a minha carta alertando para o assassínio codificado e entregou-a a Rabin. A carta estava datada de 1 de Setembro de 1994.

Rabin foi assassinado num comício pela paz em Telavive na noite de 4 de Novembro de 1995. Yigal Amir, um judeu ortodoxo de vinte e seis anos, disparou três tiros, atingindo Rabin duas vezes nas costas. O código previu o assassínio com um ano de antecedência e indicou o ano bíblico em que Rabin seria morto. Também identificou o assassino em quase todas as codificações, mas não conseguimos percebê-lo até conhecermos o seu nome.

Os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 foram testemunhados por mim e os seus pormenores foram confirmados por notícias publicadas no *New York Times*, na *Time* e na *Newsweek*. Não vi qualquer cobertura televisiva imediata porque todas as emissões que recebia provinham das Torres do World Trade Center.

O Dr. Rips enviou-me por correio eletrónico a mesma tabela do Código da Bíblia que eu encontrei minutos depois da queda das torres, mas as linhas telefónicas estavam congestionadas e a mensagem só me chegou no dia seguinte. O aspeto que mais o impressionou, enquanto matemático, foi o facto de as três palavras que qualquer pessoa procuraria automaticamente — «gémeas», «torres» e «avião» — estarem codificadas juntas no mesmo local com probabilidades de dez milhões para um.

Em Israel, o World Trade Center é conhecido como as «Torres Gémeas», exatamente a designação utilizada no título do *New York Times*.

A experiência original de Rips foi publicada na revista *Statistical Science* em agosto de 1994 (Vol. 9, n.º 3), pp. 429-438, sob o título «Equidistant Letter Sequences in the Book of Genesis», de Doron Witztum, Eliyahu Rips e Yoav Rosenberg. O estudo relatava que os nomes de 32 rabinos que viveram após os tempos bíblicos coincidiam com as datas dos seus nascimentos e mortes no Código da Bíblia, contra probabilidades de 4 em um milhão. Numa série de experiências posteriores, verificou-se que as probabilidades reais eram de 1 em 10 milhões.

John Podesta, Chefe de Gabinete da Casa Branca, disse-me que o Presidente Clinton tinha o meu livro consigo em Camp David, quando aí se reuniu, em julho de 2000, com Yasir Arafat e Ehud Barak. Encontrei-me com Podesta na Casa Branca a 16 de outubro de 2000.

A minha carta ao Presidente Bush tinha a data de 3 de agosto de 2001 e telefonei para a Casa Branca a 10 de setembro de 2001. Foi-me dito que o seu Chefe de Gabinete, Andrew Card, e a sua Conselheira de Segurança Nacional, Condoleezza Rice, a tinham ambos recebido.

A procura de Sir Isaac Newton por um código na Bíblia foi descrita num ensaio, «Newton, the Man», do famoso economista John Maynard Keynes (*Essays and Sketches in Biography*, Meridian Books, 1956). Richard S. Westfall, em *The Life of Isaac Newton* (Cambridge University Press, 1993, p. 125), citou igualmente os cadernos de notas de Newton e afirmou que o físico «acreditava que a essência da Bíblia era a profecia da história humana».

Na afirmação de Rips de que Newton não conseguiu encontrar o código porque este estava «selado até ao tempo do Fim», ele está a citar o Livro de Daniel 12:4.

A lendária forma original da Bíblia ditada por Deus a Moisés — «contínua, sem separação de palavras» — foi referida pelo sábio do século XIII Nachmanides no seu *Comentário à Torá* (Shilo, 1971, Charles Chavel, ed., Vol. I, p. 14). A continuidade da Bíblia também é expressa na sua forma tradicional de rolo, um único pergaminho contínuo que se desenrola.

CAPÍTULO UM

O criptógrafo da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Harold Gans, contou-me os resultados da sua experiência independente em duas entrevistas telefónicas, em janeiro de 1993 e dezembro de 1996.

Gans afirmou que as probabilidades de também encontrar os nomes das cidades codificados juntamente com os nomes dos rabinos eram de 1 em 200 000.

Quando encontrei pela primeira vez a previsão de que Obama seria Presidente, em dezembro de 2007, antes mesmo das primeiras primárias no Iowa, telefonei a Rips para sua casa em Jerusalém e ele, tal como eu, viu imediatamente que a frase «foi assassinado» aparecia no mesmo local. Na verdade, o perigo estava entrelaçado com quase todas as previsões da vitória de Obama.

O primeiro relato público de destaque de que figuras importantes da campanha de Obama temiam um assassínio apareceu no *The New York Times* de 25 de fevereiro de 2008.

Barbara Walters perguntou ao Presidente eleito sobre isso numa entrevista pouco antes do Dia de Ação de Graças de 2008, e a CNN referiu abertamente o perigo na sua cobertura do Dia da Tomada de Posse, em 20 de janeiro de 2009.

O discurso de tomada de posse de Obama foi transcrito enquanto eu o observava e confirmado pelo *The New York Times*.

Falei pela primeira vez com Valerie Jarrett por telefone a 12 de março de 2008 e enviei-lhe uma carta para o Senador Obama a 14 de março, que ela encaminhou para os Serviços Secretos.

Enviei uma nova carta a Obama a 28 de maio por fax através de Oprah Winfrey, que contactou Jarrett, e voltei a falar com Jarrett a 10 de junho. No dia seguinte, Jarrett enviou-me um e-mail com o assunto «re: Senator Obama/Secret Service», afirmando: «Contactei imediatamente o responsável pela equipa de proteção de Barack depois da nossa conversa.»

A 18 de junho enviei-lhe um memorando intitulado «Preventing Obama Assassination» («Prevenir o assassínio de Obama») e segui-o com outro, a 14 de agosto, que ambos continham pormenores, um perfil do potencial assassino e a forma como poderia tentar cometer o homicídio, salientando o segundo que Obama poderia estar em perigo quando aceitasse a nomeação democrata num estádio de futebol aberto em Denver, a 28 de agosto.

Pouco antes de Jarrett partir para a Convenção Democrata, a 22 de agosto, enviei-lhe um novo e-mail: «Estou a tentar ajudar os Serviços Secretos a salvar a vida do Senador Obama. Por mais ocupada que esteja a preparar a Convenção, por favor não ignore o passo mais importante: fazer tudo o que puder para garantir que o Senador sobrevive.» Nesse mesmo dia recebi uma chamada da sede dos Serviços Secretos em Washington confirmando que os meus memorandos tinham sido recebidos através de Jarrett.

Finalmente falei com Richard K. Elias, Diretor-Adjunto para a Inteligência dos Serviços Secretos, a 18 de setembro de 2008. Ele tinha claramente lido os meus memorandos, assinalou cada um dos principais pormenores e, embora se recusasse a reunir-se comigo, garantiu-me que todas as pessoas na sede dos Serviços Secretos e todos os que protegiam Obama no terreno tinham recebido a informação que eu enviara através de Jarrett.

Quando afirmei que «os Serviços Secretos nunca impediram um assassínio», Elias não contestou a afirmação, limitando-se a dizer que «agora somos muito melhores» do que da última vez que um Presidente foi baleado, Ronald Reagan, em 1981. Elias não mencionou que os Serviços Secretos ainda utilizavam um computador central dos anos 1980, conforme noticiado pela ABC News a 26 de fevereiro de 2010.

Reagan não foi salvo, como muitos pensam, pelos Serviços Secretos. Na verdade, foi empurrado para a linha de fogo pelos agentes que o protegiam. Só anos mais tarde se soube que o chefe da equipa cirúrgica de Reagan afirmou que ele quase morreu na mesa de operações.

Na mesma conversa de 18 de setembro de 2008, Elias concordou que Obama estaria em maior perigo quanto mais se aproximasse da Casa Branca e que continuaria em perigo enquanto Presidente.

De facto, segundo o *The New York Times* de 6 de dezembro de 2009, as ameaças de assassínio contra Obama aumentaram drasticamente depois da sua eleição, antes da tomada de posse e nos primeiros meses da sua Presidência.

Os Serviços Secretos informaram que as ameaças de matar Obama após este se tornar Presidente aumentaram 400 por cento. Ver *In the President's Secret Service*, de Ronald Kessler (Random House, 2009, p. 282). Ver também «The Guns of August», de Frank Rich, *New York Times*, 23 de agosto de 2009, para um relato de ameaças ainda mais abertas que começaram com a ascensão do Tea Party.

CAPÍTULO DOIS: TERROR NUCLEAR

O Código da Bíblia afirma que a Al Qaeda já possui armas nucleares e identifica o local exato, que revelei aos serviços de informações americanos e israelitas, mas que obviamente não revelarei neste livro, porque isso ajudaria os terroristas em vez das autoridades que tentam impedir os ataques.

Todos os principais especialistas governamentais, incluindo o Presidente Obama, afirmam que a Al Qaeda procura obter armas nucleares. Rolf Mowatt-Larsson, veterano da CIA durante 23 anos que liderou o seu grupo de trabalho sobre a Al Qaeda e armas de destruição maciça, publicou um relatório a 25 de janeiro de 2010 afirmando que Bin Laden continua a procurar armas nucleares. O Diretor do FBI, Robert Mueller, declarou o mesmo em depoimento perante o Congresso a 17 de março de 2010.

A cimeira de segurança nuclear de Obama, com a participação de 47 nações, realizou-se em Washington nos dias 12 e 13 de abril de 2010, onde o Presidente reafirmou que a Al Qaeda procurava uma arma nuclear «e que, se alguma vez a obtivesse, certamente a utilizaria», segundo o *The New York Times*.

A reportagem do *Times* também citava o Conselheiro Antiterrorista da Casa Branca, John Brennan, a propósito do encontro de Bin Laden com cientistas nucleares paquistaneses.

Contactei Brennan pela primeira vez por fax para o seu gabinete na Casa Branca a 30 de dezembro de 2009, imediatamente após o atentado falhado do Natal por um nigeriano treinado pela Al Qaeda no Iémen.

O meu fax para Brennan afirmava: «Tenho informações que podem ser urgentes para a Casa Branca sobre a Al Qaeda no Iémen, já em grande parte confirmadas pelos serviços de informações israelitas, mas desconhecidas pelos serviços de informações americanos.»

Segui-o com uma chamada telefónica para Brennan em casa, a 3 de janeiro de 2010, e, a seu pedido, organizei uma chamada do General Yossi Kuperwasser, que confirmou por satélite o local exato que eu indicara como base da Al Qaeda quando era o principal analista de informações de Israel. Kuperwasser telefonou para o gabinete de Brennan na Casa Branca a 6 de janeiro de 2010. Brennan enviou um responsável da CIA da Embaixada Americana em Israel para se reunir com Kuperwasser uma semana depois, mas nunca mais voltou a contactá-lo.

A 5 de março enviei um fax a Brennan afirmando: «Acabei de falar com o General Kuperwasser, que me disse possuir fotografias de satélite do local no Iémen que podem ser a nossa melhor pista para as armas nucleares que a Al Qaeda já possui.»

Brennan nunca pediu as fotografias de satélite a Israel, nunca contactou Kuperwasser e nunca me respondeu, nem respondeu às duas perguntas que lhe coloquei no meu fax de 5 de março de 2010: «(1) Os serviços de informações dos EUA estão a seguir a pista fornecida por Israel?; (2) Irá solicitar as fotografias de satélite que provam que as informações que forneci a Israel são totalmente exatas?»

Rips e eu encontrámos a matriz «Bible Code», «Bin Laden», «atomic», «Khan», «Yemen» na sua casa em Jerusalém, e Rips calculou que as probabilidades de tudo aquilo aparecer em conjunto em apenas alguns versículos da Bíblia eram de pelo menos 100 milhões para 1. Disse que era matematicamente impossível que estivesse codificado em conjunto por acaso.

A descrição do impacto de um possível ataque terrorista nuclear contra Washington baseia-se em vários relatórios especializados, incluindo *Nuclear Terrorism*, de Graham Allison (Henry Holt, 2005), *The Fate of the Earth*, de Jonathan Schell (Knopf, 1982), e uma série de relatórios do Belfer Center da Kennedy School of Government da Universidade de Harvard e da Nuclear Threat Initiative dirigida pelo antigo presidente da Comissão das Forças Armadas do Senado, Sam Nunn.

A afirmação citada de um painel da Comissão do 11 de Setembro de que um ataque terrorista nuclear é provável «até ao final de 2013» foi publicada numa edição autorizada do relatório *World at Risk* (Vintage Books, dezembro de 2008, p. xv).

O nome oficial do painel de especialistas é Comissão para a Prevenção de Armas de Destruição Maciça, e o relatório foi oficialmente enviado ao Presidente Bush e ao Congresso a 2 de dezembro de 2008, acompanhado de uma carta de apresentação que afirmava: «a realidade preocupante é que os riscos estão a crescer mais depressa do que as nossas defesas; a nossa margem de segurança está a diminuir, não a aumentar.»

As minhas cartas ao Presidente Bush alertando para o mesmo perigo indicado no código tinham as datas de 3 de agosto de 2001, mais de um mês antes do 11 de Setembro, e de 1 de outubro de 2001.

A afirmação de Allison de que a Al Qaeda passou seis anos a planear os ataques de 11 de Setembro e que provavelmente levaria pelo menos tanto tempo a planear um ataque terrorista nuclear é citada do seu livro *Nuclear Terrorism*, p. 216.

O Código da Bíblia apontava para o perigo do terrorismo nuclear muito antes do 11 de Setembro. Falei disso ao Primeiro-Ministro israelita Shimon Peres quando nos encontrámos a 26 de janeiro de 1996 no seu gabinete em Jerusalém. Ele nunca tinha reconhecido anteriormente esse perigo, mas apenas alguns dias depois, a 30 de janeiro, fez um discurso em Jerusalém afirmando que o maior perigo que o mundo enfrentava era que armas nucleares «caíssem nas mãos de países irresponsáveis e fossem transportadas aos ombros de fanáticos». A notícia foi publicada no *Jerusalem Post* de 31 de janeiro.

O meu primeiro livro sobre o Código da Bíblia, publicado em 1997, afirmava exatamente aquilo que o Presidente Obama disse na sua cimeira nuclear de abril de 2010: que «em vez de uma guerra nuclear entre superpotências, o mundo pode agora enfrentar uma nova ameaça — terroristas armados com armas nucleares». *The Bible Code* (Simon & Schuster, 1997, p. 127).

Depois de 11 de setembro de 2001, todos reconheceram o perigo. O primeiro Relatório da Comissão do 11 de Setembro afirmava: «O maior perigo de outro ataque catastrófico nos Estados Unidos materializar-se-á se os terroristas mais perigosos do mundo adquirirem as armas mais perigosas do mundo.» (Edição Autorizada, W. W. Norton, p. 380).

Avisei o Presidente Clinton desse perigo numa carta datada de 5 de julho de 2000 e o seu Chefe de Gabinete, Podesta, confirmou a 17 de julho que entregara a minha carta e um exemplar do meu livro «diretamente ao Presidente em Camp David». Como referido anteriormente, avisei o Presidente Bush em duas cartas, datadas de 3 de agosto de 2001 e 1 de outubro de 2001.

Tradução integral para português europeu, com fidelidade ao original e sem omissões:

Thomas Kean, presidente da Comissão do 11 de Setembro, foi citado dizendo: «Não temos maior receio do que um terrorista que esteja dentro dos Estados Unidos com uma arma nuclear», num artigo do *New York Times* de 15 de novembro de 2005.

A mesma reportagem do *Times* citava a declaração final da Comissão na íntegra: «Acreditamos que os terroristas voltarão a atacar.»

A minha carta ao antigo Presidente Clinton, datada de 21 de outubro de 2005, afirmava: «Precisamos de fazer hoje aquilo que faríamos no dia seguinte ao apagamento completo de uma cidade.» Foi entregue através do seu antigo Chefe de Gabinete, Podesta, que tentou comigo convencer Clinton a ser nomeado pelo Presidente Bush como enviado especial para lidar com líderes mundiais na prevenção do terrorismo nuclear. Clinton concordou em princípio, mas depois recusou sem apresentar uma razão e, em vez disso, ganhou 7,5 milhões de dólares em honorários por conferências em 2005.

O discurso de Obama em Praga, no qual afirmou que «a proliferação de armas nucleares ou o roubo de material nuclear podem levar ao extermínio de qualquer cidade do planeta», foi noticiado pelo *New York Times* em 5 de abril de 2009.

Anos antes, um alto responsável da CIA disse-me, sob condição de anonimato: «Se a Al Qaeda ainda não tem armas nucleares, então é incompetente.»

Um antigo responsável da Casa Branca disse-me que o principal especialista em terrorismo nuclear, Allison, lhe dissera quase exatamente aquilo que Rips me dissera: «Pode ser necessária a destruição de uma cidade inteira para acordar o mundo.»

A afirmação de Allison, que se tornou política de Obama — «Tudo o que os Estados Unidos e os seus aliados têm de fazer para impedir o

terrorismo nuclear é impedir que os terroristas adquiram uma arma» — encontra-se no seu livro *Nuclear Terrorism* (p. 15).

O antigo senador Nunn, diretor da Nuclear Threat Initiative, afirmou que a Rússia e os Estados Unidos mantêm a maioria dos seus mísseis nucleares apontados um ao outro em estado de alerta máximo, prontos para lançamento em cinco minutos, no documentário *Nuclear Tipping Point*. Tanto a sua organização como o Belfer Center de Allison, em Harvard, estimaram que existem 25 000 armas nucleares no mundo e que a Rússia e os Estados Unidos possuem 90 por cento delas.

O plano de Bin Laden para uma «Hiroshima americana» foi referido no Relatório da Comissão do 11 de Setembro, p. 380. O mesmo relatório afirmava que a Al Qaeda tentava adquirir armas nucleares há pelo menos dez anos.

O aviso do Código da Bíblia de que a «Inglaterra» poderia estar em perigo de um «mega-ataque terrorista» «atómico» está claramente codificado, embora com probabilidades matemáticas menos impressionantes do que os ataques previstos para os Estados Unidos e Israel.

Não posso indicar aqui a localização da base da Al Qaeda que poderia ser a origem de um ataque, mas ela aparece identificada juntamente com «England» («Inglaterra») e «London» («Londres») no código, algo improvável de ocorrer por acaso.

«Se alguma vez houver uma detonação em Nova Iorque ou em Londres», afirmou o Presidente Obama na sua cimeira sobre terrorismo nuclear em abril de 2010, «as consequências económicas, políticas e em termos de segurança seriam devastadoras.»

Um relatório do Governo britânico advertiu que «o Reino Unido enfrenta atualmente ameaças nucleares», incluindo um possível ataque nuclear da Al Qaeda. Foi divulgado a 21 de março de 2010 por Downing Street como atualização da Estratégia Nacional de Segurança e noticiado pelo *Telegraph* a 22 de março.

A carta selada que entreguei ao meu advogado Michael Kennedy, contendo duas previsões — um colapso económico global e terrorismo nuclear — tinha a data de 6 de outubro de 1998.

CAPÍTULO TRÊS: CRISE ECONÓMICA

A história da Grande Recessão iniciada em 2008 baseia-se principalmente em reportagens do *Wall Street Journal*, *New York Times* e *Washington Post*.

O Professor Rips calculou que as probabilidades de «Economic Crisis» («Crise Económica»), codificada apenas uma vez na Bíblia, aparecer juntamente com «the Depressions» («as Depressões»), também presente apenas uma vez na Bíblia, com o ano em que começou — 1929 — e ainda com 2012, eram de um milhão para um.

Rips assinalou uma característica interessante e muito provavelmente intencional da matriz: a seguir a 1929 surge «year of» («ano de»); a seguir a 2012 surge «it was shocked» («foi abalado»).

O presidente da Reserva Federal, Ben Bernanke, afirmou que era «muito provável» que a recessão tivesse terminado exatamente um ano após o seu início, segundo o *New York Times* de 15 de setembro de 2009.

O artigo do *Wall Street Journal* com o título «IS IT THE ’30s’ AGAIN?» («Estamos novamente nos anos 30?») foi publicado no 80.º aniversário do crash de 1929, em 18 de outubro de 2009. O *Journal* observava que tinham existido muitos «falsos amanheceres» durante essa crise económica de dez anos.

O colapso do Lehman Brothers em 15 de setembro de 2008, considerado por muitos como o início da recessão, foi noticiado pelo *Wall Street Journal* nos dias 15 e 16 de setembro de 2008. Mais tarde, a 29 de dezembro de 2008, o *Journal* recapitulou a crise subsequente numa reportagem intitulada «THE WEEKEND THAT WALL STREET DIED» («O fim de semana em que Wall Street morreu»).

A declaração oficial de que os Estados Unidos estavam em recessão havia um ano completo foi anunciada a 1 de dezembro de 2008 pelo National Bureau of Economic Research.

A minha carta ao nomeado de Obama para Secretário do Tesouro, Timothy Geithner, foi enviada nesse mesmo dia e advertia que a recessão duraria «pelo menos mais quatro anos, até 2012». Geithner não respondeu.

A afirmação de Obama durante a campanha de que a crise económica representava o «veredicto final» sobre a fracassada filosofia republicana do livre mercado foi noticiada pelo *Washington Post* a 17 de setembro de 2008.

A General Motors declarou falência a 1 de junho de 2009 e foi notícia de primeira página no *Wall Street Journal* e no *New York Times* no dia seguinte.

O Citigroup, outrora o maior banco do mundo, teve de vender um terço das suas ações ao Governo, segundo o *Wall Street Journal*, entre fevereiro e maio de 2009.

A reportagem do *Washington Post* sobre os crimes de Wall Street foi publicada a 16 de dezembro de 2008.

Bernard Madoff foi condenado por ter roubado 60 mil milhões de dólares através de um esquema Ponzi e sentenciado a 150 anos de prisão, segundo o *Wall Street Journal* de 30 de junho de 2009.

A Goldman Sachs foi processada por fraude pela Securities and Exchange Commission, segundo o *New York Times* de 16 de abril de 2010. A 15 de julho, a Goldman concordou em pagar 550 milhões de dólares para resolver o caso, a maior penalização alguma vez paga por uma empresa de Wall Street à SEC, conforme noticiado pelo *Times* e pelo *Wall Street Journal*. A Goldman não admitiu qualquer irregularidade.

O *Wall Street Journal* informou, a 21 de maio de 2009, que a Standard & Poor's tinha emitido «um aviso formal de que o Reino Unido poderia perder a sua classificação AAA». A S&P afirmou que «a dívida do Reino Unido poderia atingir 100 por cento da produção económica anual do país até 2013».

O *New York Times* noticiou, a 7 de junho de 2010, que o Primeiro-Ministro Cameron afirmara que a situação financeira britânica era «ainda pior do que pensávamos» e que o país poderia enfrentar «décadas de austeridade».

O «orçamento inevitável» anunciado pelo seu Chanceler do Tesouro, George Osborne, duas semanas mais tarde, combinando severos cortes de despesa com aumentos de impostos, foi noticiado pelo *New York Times* a 22 de junho de 2010.

A reportagem do *Times* observava que Osborne estava a «desafiar a visão keynesiana dominante de que cortar a despesa pública num período de fraqueza económica corre o risco de empurrar a Grã-Bretanha para uma recessão dupla».

Dias depois, líderes mundiais reunidos em Toronto, no Canadá, acordaram um calendário para reduzir as dívidas dos seus países, «apesar da preocupação da administração Obama de que reduzir a despesa demasiado depressa pudesse comprometer a frágil recuperação global», segundo o *New York Times* de 27 de junho de 2010.

O primeiro discurso de Obama ao Congresso, assegurando ao país que a economia recuperaria, foi citado a partir de uma transcrição publicada pelo *New York Times* em 24 de fevereiro de 2009.

O economista laureado com o Prémio Nobel Paul Krugman questionou Obama e Bernanke, afirmando: «Isto parece muito o início de uma Grande Depressão», na sua coluna do *New York Times* de 5 de janeiro de 2009. Numa coluna posterior, Krugman escreveu que «as coisas continuam a piorar», *New York Times*, 17 de abril de 2009.

Durante algum tempo, no final de 2009 e início de 2010, Krugman moderou a sua posição, dizendo que uma depressão parecia improvável e que, em vez disso, haveria uma «recuperação sem emprego». Mas quando todos os principais países europeus começaram a cortar despesas e o Congresso recusou todas as tentativas de Obama para estimular uma economia ainda débil, Krugman declarou novamente: «Temo que estejamos agora nas fases iniciais de uma depressão», *New York Times*, 27 de junho de 2010.

O grande investidor Warren Buffett foi citado por Allison (pp. 14-15) afirmando que o terrorismo nuclear «é inevitável» e disse algo semelhante à revista *Fortune* num artigo datado de 11 de novembro de 2002.

A reportagem de capa da *Newsweek* intitulada «AMERICA'S BACK!» («A América voltou!») foi publicada a 19 de abril de 2010.

O grande "flash crash" de 6 de maio de 2010, quando o índice Dow Jones caiu subitamente quase 1000 pontos em poucos minutos, foi noticiado pelo *New York Times* e pelo *Wall Street Journal* a 7 de maio de 2010.

No verão de 2010 seguiu-se uma sucessão de artigos, no *Journal* e no *Times*, sobre a fragilidade da economia, uma recessão dupla e talvez até uma depressão. A capa da revista *Time* de julho mostrava um gráfico com setas para cima e para baixo, uma identificada como «crise económica» e a outra como «recuperação económica».

Ninguém sabia. Todos tinham medo.

CAPÍTULO QUATRO: NOTÍCIAS DE PRIMEIRA PÁGINA

O meu relato das eleições britânicas sem maioria absoluta de maio de 2010 baseia-se em reportagens de todos os principais jornais britânicos, especialmente o *Daily Mail*, *The Times* e *The Guardian*. Também me apoiei em reportagens do *New York Times*.

Embora as eleições tenham ocorrido a 6 de maio de 2010, o resultado foi decidido a 11 de maio, quando o primeiro governo de coligação integral da Grã-Bretanha desde a Segunda Guerra Mundial foi formado numa surpreendente aliança entre o conservador David Cameron e o liberal-democrata Nick Clegg.

Também assisti à conferência de imprensa conjunta transmitida pela televisão, na qual ambos tiveram de responder a uma pergunta embaraçosa: o que pensava o Primeiro-Ministro Cameron do seu novo vice-primeiro-ministro Clegg, a quem tinha chamado anteriormente a sua «anedota política favorita»?

O *Daily Mail* publicou um relato divertido desse episódio no dia seguinte, 12 de maio.

O Professor Rips telefonou-me de Israel a 11 de setembro de 2001, mas não conseguiu contactar-me em Nova Iorque no próprio dia do ataque, pelo que falámos a 12 de setembro. Foi então que me disse ter encontrado todos os pormenores do 11 de Setembro no Código da Bíblia, tal como eu, e também que o código indicava corretamente o número de mortos: «cerca de 3000».

O Dr. Linton Wells, diretor de Comando, Controlo, Comunicações e Informações — o centro nevrálgico do Pentágono — telefonou-me no domingo, 9 de fevereiro de 2003, e informou-me de que o Secretário-Adjunto da Defesa, Paul Wolfowitz, lhe pedira que eu apresentasse uma sessão informativa a todo o comando superior dos serviços de informações militares sobre o Código da Bíblia.

A reunião teve lugar a 21 de fevereiro de 2003, às 9 horas da manhã, no anel E do Pentágono, o círculo interior reservado ao Gabinete do Secretário da Defesa. Os almirantes e generais estavam concentrados no Iraque, cuja invasão preparavam para um mês mais tarde. Eu disse: «O verdadeiro perigo não é Saddam Hussein, mas Osama bin Laden.»

O ataque da Al Qaeda aos comboios de Madrid, em 11 de março de 2004, foi noticiado pelo *New York Times* a 12 de março. Foi uma vingança

pela participação de Espanha na nossa guerra no Iraque e resultou na queda do Governo espanhol e na retirada das tropas espanholas do Iraque.

O atentado da Al Qaeda ao Metropolitano de Londres, em 7 de julho de 2005, foi noticiado pelo *New York Times* a 8 de julho. O que chocou a Inglaterra tanto quanto o assassinato de 52 pessoas foi o facto de os terroristas serem paquistaneses de segunda geração e cidadãos britânicos. Mais uma vez, o atentado foi atribuído ao envio de tropas britânicas para o Iraque.

O ousado ataque terrorista contra Bombaim, na Índia, levado a cabo por militantes paquistaneses estreitamente ligados à Al Qaeda a 26 de novembro de 2008, foi noticiado pelo *New York Times* a 27 de novembro. Muitos suspeitaram do envolvimento dos serviços secretos paquistaneses, porque o cerco de três dias foi conduzido com precisão militar.

Militantes paquistaneses ligados à Al Qaeda assassinaram a antiga Primeira-Ministra Benazir Bhutto a 27 de dezembro de 2008, e o facto foi noticiado pelo *New York Times* a 28 de dezembro. Mais uma vez, muitos acreditaram que os serviços secretos paquistaneses estiveram envolvidos no assassínio de uma líder que ameaçava pôr fim a anos de regime militar.

A catástrofe natural mais devastadora dos tempos recentes, o tsunami asiático que matou 178 000 pessoas, foi noticiada pelo *New York Times* a 27 de dezembro de 2004. As palavras utilizadas na reportagem do *Times*, «parede de água», eram exatamente as mesmas palavras originais da Bíblia que apareciam no local onde «Asia» («Ásia») e «Tsunami» se cruzavam no código.

O furacão Katrina, que atingiu Nova Orleães a 29 de agosto de 2005 e inundou a cidade no dia seguinte, foi noticiado pelo *New York Times* a 30 e 31 de agosto e nos dias subsequentes. O meu relato baseia-se também na cobertura televisiva, principalmente da CNN.

O terramoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti foi noticiado pelo *New York Times* a 13 de janeiro e nos dias seguintes. O número de mortos foi de pelo menos 200 000, talvez até superior ao do tsunami asiático, mas não existe um número verdadeiro conhecido para qualquer das duas catástrofes porque tantas pessoas desapareceram.

O vulcão da Islândia que cobriu os céus do Atlântico Norte e da maior parte da Europa a partir de 20 de março de 2010 foi noticiado pelo *New York Times* a 21 de março e repetidamente nos dias e semanas seguintes, à medida que ocorreram novas erupções.

A explosão da plataforma petrolífera da BP no Golfo do México, em 20 de abril de 2010, foi inicialmente noticiada pelo *New York Times* a 21 de abril, e a cobertura do derrame de petróleo continuou durante meses em todos os principais meios de comunicação. Trata-se do pior desastre ecológico da história americana.

As alterações climáticas têm estado nas notícias há muitos anos, mas foi o antigo Vice-Presidente Al Gore quem mais do que qualquer outra pessoa chamou a atenção para aquilo que poderá tornar-se o desastre natural mais perigoso do mundo. Apoiei-me em numerosos relatos dos meios de comunicação. O anúncio da atribuição do Prémio Nobel a Gore foi noticiado pelo *New York Times* a 13 de outubro de 2007.

Assisti na CNN ao discurso de Obama, em 1 de dezembro de 2009, no qual anunciava o envio de mais 30 000 soldados para o Afeganistão, discurso que foi noticiado pelo *New York Times* a 2 de dezembro. Tanto o *Times* como o *Washington Post* noticiaram que o Vice-Presidente Biden se opunha à continuação da guerra iniciada pelo Presidente Bush em 2001, tal como muitos democratas no Congresso.

CAPÍTULO CINCO: DENTAL

O atentado falhado de Natal contra um avião, cometido por um nigeriano treinado pela Al Qaeda no Iémen, foi noticiado pelo *New York Times* a 26 de dezembro de 2009. A indignação de Obama perante o «fracasso sistémico» dos serviços de informações americanos foi noticiada pelo *New York Times* a 29 de dezembro.

John Brennan, conselheiro presidencial para o contraterrorismo, foi encarregado de investigar o caso e, segundo uma reportagem do *Washington Post* de 5 de junho de 2010, utilizou o seu relatório para consolidar o seu controlo sobre os serviços de informações dos Estados Unidos, eliminando um rival que era nominalmente responsável pela área, o Diretor da Inteligência Nacional, Almirante Dennis Blair.

O que Obama não sabia era que Brennan ignorara durante meses um aviso sobre terrorismo nuclear proveniente do Iémen. Contactei-o pela primeira vez por fax a 30 de dezembro de 2009 e segui com uma chamada telefónica a 3 de janeiro de 2010, informando Brennan de que os serviços secretos israelitas tinham confirmado a localização exata de uma base da Al Qaeda que poderia ser o esconderijo de armas nucleares.

O General Yossi Kuperwasser, que confirmara por satélite a base terrorista no Iémen quando era o principal analista de informações de

Israel, transmitiu os pormenores a Brennan a 11 de janeiro de 2010 através de um responsável da CIA enviado por Brennan da Embaixada Americana em Israel.

A 5 de março de 2010 informei Brennan por fax de que Kuperwasser partilharia as fotografias de satélite, mas Brennan nunca fez o pedido oficial necessário e nunca mais voltou a contactar Kuperwasser.

Um ano antes, a 16 de janeiro de 2009, pouco antes da tomada de posse de Obama, forneci essencialmente as mesmas informações ao responsável pela equipa de transição de Obama, John Podesta. Após o atentado falhado de Natal telefonei-lhe para perguntar se se lembrava do país que eu identificara. «Sim, Iémen», respondeu Podesta, prometendo contactar Brennan e o Chefe de Gabinete de Obama, Rahm Emanuel. Podesta nunca telefonou a nenhum deles nem contactou o General Kuperwasser.

O atentado falhado da Times Square em 1 de maio de 2010, cometido por um paquistanês que afirmou ter sido treinado pelos Talibã, foi noticiado pelo *New York Times* a 2 de maio.

Nem a bomba escondida na roupa interior usada pelo nigeriano no Natal, nem a bomba colocada no veículo utilitário desportivo (SUV) na Times Square explodiram, mas em nenhum dos casos os serviços de informações americanos impediram o atentado.

Apesar disso, Brennan apressou-se a apresentar o fracasso dos dois ataques terroristas como um sucesso dos serviços de informações americanos, numa intervenção na CNN a 9 de maio de 2010.

Thomas Kean, presidente da Comissão do 11 de Setembro, afirmou precisamente o contrário: «A comunidade de informações dos Estados Unidos é disfuncional. Não podemos contar para sempre com a incompetência dos terroristas.» (*Global Security Newswire*, 1 de junho de 2010).

O Professor Rips disse-me algo semelhante: «Portanto, a política dos serviços de informações americanos parece ser esperar que os terroristas sejam mais incompetentes do que realmente são», afirmou. «Isto não é um bom plano a longo prazo.»

Bin Laden e o cientista nuclear paquistanês Khan estão codificados exatamente no local onde também aparece na Bíblia o nome do esconderijo das armas nucleares.

O mesmo nome de local surge juntamente com as palavras «atomic» («atómico») e «war» («guerra»).

Não o posso revelar neste livro porque isso ajudaria os terroristas.

Também não posso incluir as matrizes do código que identificam a localização no Iémen pela mesma razão, mas posso afirmar que «Bin Laden» a cruza duas vezes.

Indiquei pela primeira vez a localização exata à CIA, aos serviços de informações militares dos Estados Unidos e aos serviços de informações militares israelitas em reuniões separadas, todas em 2006. Israel confirmou em poucas semanas que o local no Iémen era uma base da Al Qaeda.

A citação de um painel da Comissão do 11 de Setembro afirmando que o Paquistão era o nexo entre terrorismo e armas nucleares foi publicada numa edição autorizada do relatório *World at Risk* (Vintage Books, dezembro de 2008, p. xxiii).

A citação que afirma: «O próximo ataque terrorista contra os Estados Unidos provavelmente terá origem no Paquistão» provém do mesmo relatório, p. xxiii.

O General Kuperwasser, que confirmara a base da Al Qaeda identificada no código quando era o principal analista de informações de Israel, telefonou para Brennan, conselheiro de contraterrorismo de Obama, no seu gabinete da Casa Branca a 6 de janeiro de 2010. Brennan enviou um agente da CIA destacado em Israel para se reunir com Kuperwasser em sua casa a 11 de janeiro.

Poucas horas após essa reunião, Kuperwasser disse-me que informara o emissário de Brennan de que o Código da Bíblia identificara corretamente uma base da Al Qaeda confirmada por satélite e por outros meios classificados, que fornecera as coordenadas exatas e que instara Brennan a contactar-me sobre a localização das armas nucleares.

Na mesma chamada telefónica de 11 de janeiro, Kuperwasser afirmou que Israel continuaria a sua investigação, mas que não tinha a certeza de que o seu país pudesse concluir a missão sozinho, podendo ser necessários os recursos mais avançados dos serviços de informações americanos.

Falei com A. B. («Buzzy») Krongard, que fora superior de Brennan enquanto Diretor Executivo da CIA, a 16 de janeiro de 2010, e também ele instou Brennan a reunir-se comigo. Krongard telefonou-me a 1 de março,

depois de Brennan não se ter reunido comigo nem ter dado seguimento aos contactos com Kuperwasser, e disse: «Diga aos israelitas para entregarem ao John as fotografias de satélite. São provas concretas que ninguém pode ignorar.»

A 3 de março telefonei a Kuperwasser, que me informou de que Israel tinha encontrado as fotografias de satélite originais de 2006 e obtido novas fotografias, mas que seria necessário um pedido oficial de Brennan, segundo os procedimentos estabelecidos entre os serviços de informações israelitas e americanos.

A 5 de março de 2010 enviei novamente um fax a Brennan na Casa Branca, transmitindo-lhe o que Kuperwasser me dissera, o que Krongard me dissera e perguntando-lhe: «Irá solicitar as fotografias de satélite que provam que as informações que forneci a Israel são totalmente exatas?»

Brennan nunca respondeu, nunca voltou a contactar Kuperwasser nem sequer Krongard e nunca solicitou as fotografias de satélite.

Quando este livro estava prestes a seguir para impressão, em 7 de setembro de 2010, Kuperwasser informou-me de que a unidade dos serviços de informações militares israelitas que confirmara o local não tinha qualquer registo de um pedido proveniente de Brennan.

Todo o meu relato sobre o fracasso dos serviços de informações americanos em impedir os ataques de 11 de Setembro, ou em defender o país enquanto estes decorriam a 11 de setembro de 2001, provém de *The 9/11 Commission Report* (Edição Autorizada, W. W. Norton). Eu próprio testemunhei o ataque às Torres Gémeas a partir do telhado da minha casa em Nova Iorque.

A afirmação citada de que a Al Qaeda, situada num país pobre do outro lado da Terra, podia atacar as maiores cidades dos Estados Unidos também provém de *The 9/11 Commission Report*, p. 362.

As afirmações citadas de que «outro ataque catastrófico se materializará se os terroristas mais perigosos do mundo adquirirem as armas mais perigosas do mundo» e de que «a Al Qaeda tentou adquirir ou fabricar armas nucleares durante pelo menos dez anos» provêm do mesmo relatório, p. 380.

O editorial do *New York Times* intitulado «WHY DIDN'T THEY SEE IT?» («Porque não o viram?»), sobre o atentado falhado de Natal, foi publicado a 1 de janeiro de 2010.

O financiamento secreto americano de Bin Laden e da Al Qaeda para combater os soviéticos no Afeganistão encontra-se documentado em *Ghost Wars*, de Steve Coll (Penguin Books, 2005, pp. 89-93 e seguintes).

O facto de Bush ter permitido que Bin Laden escapasse quando este estava encurralado nas suas cavernas das montanhas de Tora Bora, em dezembro de 2001, encontra-se documentado em *The Looming Tower*, de Lawrence Wright (Knopf, 2006, p. 371).

O Dr. Linton Wells, diretor de Comando, Controlo, Comunicações e Informações, o centro nevrálgico do Pentágono, telefonou-me no domingo, 9 de fevereiro de 2003, e informou-me de que o Secretário-Adjunto da Defesa, Paul Wolfowitz, lhe pedira que eu apresentasse uma sessão informativa a todo o comando superior dos serviços de informações militares sobre o Código da Bíblia.

A reunião teve lugar a 21 de fevereiro de 2003, às 9 horas da manhã, no anel E do Pentágono, o círculo interior reservado ao Gabinete do Secretário da Defesa.

Disse aos almirantes e generais o nome do esconderijo da Al Qaeda, mas ainda não sabia em que país se encontrava nem os anos em que armas nucleares estariam presentes nesse local.

Encontrei-me pela primeira vez com Krongard, Diretor Executivo da CIA, no mesmo dia da minha reunião no Pentágono em 2003. Telefonei-lhe depois da sua reforma, em julho de 2006, e disse-lhe que os israelitas tinham confirmado o esconderijo da Al Qaeda no Iémen. Ele organizou então uma reunião minha com o novo Diretor-Adjunto, Stephen Kappes.

Encontrei-me com Kappes na sede da CIA em Langley, Virgínia, a 26 de julho de 2006.

O papel de Kappes na negociação que levou Kadhafi a abandonar o programa nuclear da Líbia em 2003 encontra-se documentado em *The Nuclear Jihadist*, de Douglas Frantz e Catherine Collins (Twelve, 2007, p. 306 e seguintes). O livro revela que Kappes se apoiou fortemente nos serviços secretos britânicos e que a CIA perdeu muitas oportunidades para travar o homem que vendeu à Líbia a sua fábrica de bombas nucleares, o contrabandista nuclear paquistanês Khan, ao longo das três décadas anteriores.

O meu relato da reunião de 2006 com Kappes e os seus assessores encontra-se documentado pelas notas que tomei durante a reunião e por um memorando que escrevi imediatamente após regressar a Nova Iorque.

O senador Edward Kennedy enviou um pedido oficial por escrito, marcado como «URGENTE», ao Diretor da Inteligência Nacional, John Negroponte, a 3 de outubro de 2006, anexando um memorando que eu enviara a Kennedy a 28 de setembro.

O meu memorando afirmava que os serviços secretos israelitas tinham confirmado uma base da Al Qaeda no Iémen onde poderiam existir armas nucleares e que eu informara Kappes, que «aparentemente não tomou qualquer medida».

A carta de Kennedy a Negroponte afirmava: «Recebi ontem a correspondência em anexo de Michael Drosnin, que afirma possuir informações operacionais sobre uma potencial ameaça terrorista imediata contra a América.»

O próprio Kappes não respondeu ao senador Kennedy, mas Negroponte não teria tido outra fonte para a sua resposta, na qual afirmava que a CIA não encontrara provas que sustentassem a minha alegação, conforme me informou o assessor de Kennedy, Joe Axelrad, a 8 de novembro de 2006.

Uma fonte próxima de Kappes disse-me que a CIA nunca tentou encontrar qualquer prova; simplesmente ignorou as informações fornecidas pelos israelitas. O General Kuperwasser confirmou o seu contacto com o gabinete de Kappes, aprovado pelo conselheiro militar do Primeiro-Ministro.

Encontrei-me pela primeira vez com o General James Clapper a 3 de janeiro de 2005 na National Geospatial Intelligence Agency (NGA), em Bethesda, Maryland, onde ele era diretor.

O meu relato da nossa reunião baseia-se nas notas que tomei enquanto estive com ele e num memorando que escrevi quando regressei a Nova Iorque nessa noite.

Clapper levou claramente o Código da Bíblia a sério. Reuniu-se comigo durante duas horas, das 14h00 às 16h00, sem atender uma única chamada telefónica. Disse-lhe que me tinha reunido anteriormente com o Diretor Executivo da CIA, que me informara ter iniciado a busca, mas que os satélites, que tinham funcionado muito bem durante a Guerra Fria, eram

praticamente inúteis para procurar pequenos grupos de terroristas ou armas que pudessem estar escondidas numa tenda no deserto.

«Oh, a Agência está realmente uma confusão neste momento», disse Clapper. «Além disso, localização é o que nós fazemos, não a Agência. Somos muito melhores nisso.»

Na realidade, a NGA era responsável pela maior parte dos satélites-espiões americanos, e Clapper disse-me que iniciaria imediatamente uma nova procura pelo local identificado pelo código. Clapper atribuiu a tarefa ao seu principal analista de satélites, Scott White.

White, contudo, não conseguiu encontrar nada, incluindo uma localização relacionada que eu próprio mais tarde encontrei no Google Earth.

A pergunta de Clapper — «E se Deus quiser destruir o mundo?» — surgiu no final da nossa reunião.

Quando me reuni com Clapper pela segunda vez na NGA, pouco antes do Dia de Ação de Graças, a 23 de novembro de 2005, ele informou-me de que os seus satélites ainda não tinham confirmado uma base da Al Qaeda em nenhuma das duas localizações com o mesmo nome em dois países diferentes. Eu ainda não sabia que a base terrorista se encontrava no Iémen.

Foi nessa segunda reunião que mostrei a Clapper um novo conjunto de tabelas do código que o convenceram a continuar a procura: «America» («América») codificada juntamente com «nuclear», «atomic» («atómico»), «terror» e «suicide bomber» («bombista suicida»), contra probabilidades de pelo menos 10 milhões para um. Ainda assim, Clapper terminou a reunião dizendo: «Mas Deus pode querer que o mundo acabe.»

A 30 de junho de 2006 reuni-me com o sucessor de Clapper na NGA, o diretor interino Lloyd Rowland, e com o principal analista de satélites, White, a quem Clapper atribuira originalmente a missão.

O Código da Bíblia acabara de confirmar que a base da Al Qaeda identificada se encontrava no Iémen e ligava-a tanto a Bin Laden como ao paquistanês Khan, como informei Clapper antes da sua saída da NGA, a 30 de maio de 2006, através de um fax enviado de Israel.

Os serviços secretos israelitas confirmaram por satélite a base da Al Qaeda no Iémen em agosto de 2006.

Clapper foi nomeado Subsecretário da Defesa para os Serviços de Informações em 2007. Contactei-o novamente no Pentágono em setembro de 2007, informando-o de que os serviços secretos israelitas tinham confirmado a base da Al Qaeda, e ele pediu-me que me reunisse com o seu adjunto, Larry Burgess, principal analista de informações militares da América.

Burgess e eu reunimo-nos a 7 de setembro de 2007 e entreguei-lhe um memorando com novas informações dos serviços secretos israelitas que confirmavam que o esconderijo da Al Qaeda se encontrava no Iémen e que todas as estruturas identificadas no código tinham sido fotografadas por satélite.

Burgess era responsável pelos satélites e por todos os outros meios de deteção do Pentágono, mas parecia não compreender as tabelas do Código da Bíblia que lhe mostrei, que agora identificavam também uma montanha onde as armas nucleares poderiam estar escondidas. Tudo indica que Burgess nunca deu seguimento ao assunto.

Finalmente, a 19 de novembro de 2009 e novamente a 30 de dezembro de 2009, após o atentado falhado de Natal, enviei um fax a Clapper, então chefe de todos os serviços de informações militares, dizendo-lhe: «Agora é mais importante do que nunca, porque é no Iémen» — o país onde a Al Qaeda tinha treinado o bombista. Clapper nunca respondeu.

A 5 de junho de 2010, o Presidente Obama nomeou Clapper Diretor da Inteligência Nacional, responsável por toda a comunidade de informações americana — o Pentágono, a CIA, a NSA e todas as 16 agências. A nomeação foi noticiada no dia seguinte pelo *New York Times* e pelo *Washington Post*.

A Comissão de Informações do Senado realizou audições de confirmação a 20 de julho de 2010 e questionou Clapper acerca de uma investigação revelada pelo *Washington Post* no dia anterior, segundo a qual os serviços de informações americanos tinham crescido tanto e se tornado tão secretos que ninguém sabia o que faziam nem se funcionavam. Clapper foi citado na reportagem do *Post* de 19 de julho afirmando que apenas Deus conhecia todos os programas secretos de informações.

A investigação de dois anos do *Washington Post*, publicada numa série de três reportagens de primeira página intitulada «TOP SECRET AMERICA», apareceu nos dias 19, 20 e 21 de julho. Revelou que, desde o 11 de Setembro, os serviços de informações americanos tinham triplicado de dimensão e dispunham agora de um orçamento anual superior a 75 mil

milhões de dólares — tão vasto que o próprio Clapper admitiu que nenhum ser humano o podia sequer visualizar, quanto mais supervisionar.

«Após nove anos de despesas e crescimento sem precedentes», afirmou o *Post*, «o resultado é que o sistema criado para manter os Estados Unidos em segurança tornou-se tão gigantesco que a sua eficácia é impossível de determinar.»

O *Post* informou que:

• Existem 1271 agências governamentais e 1931 empresas privadas a trabalhar em contraterrorismo em 10 000 locais espalhados pelo país.

• 854 000 pessoas, uma vez e meia a população de Washington, possuíam credenciais de segurança de nível «top secret».

• Analistas governamentais e privados produziam 50 000 relatórios por ano, a maioria ignorada rotineiramente porque ninguém tinha tempo para os ler.

Apesar — ou talvez por causa — da dimensão do aparelho de informações, observou o *Post*, este foi incapaz de impedir que um terrorista conhecido, incluído numa lista de proibição de voo, embarcasse num avião com uma bomba no Natal de 2009. Foi impedido de a detonar por outros passageiros, e não pelo Governo.

A agência que deveria «ligar os pontos», impedir o bombista da roupa interior ou um futuro bombista nuclear, o Centro Nacional de Contraterrorismo, foi originalmente criada e dirigida por John Brennan, o conselheiro de Obama que ignorou o aviso de terrorismo nuclear proveniente do Iémen, mesmo depois de os serviços secretos israelitas terem confirmado a base da Al Qaeda identificada no Código da Bíblia.

CAPÍTULO SEIS: O MOSSAD

O meu relato da reunião de 20 de março de 2009 com o General Meir Dagan, diretor do Mossad, baseia-se nas notas que tomei durante o encontro e num memorando que escrevi imediatamente após regressar ao meu hotel em Telavive.

Dagan e eu já nos tínhamos encontrado três vezes anteriormente, embora ele nunca se tivesse reunido com qualquer outro jornalista. Fui apresentado a Dagan pelo cientista-chefe do Ministério da Defesa, General Isaac Ben-Israel.

Na nossa primeira reunião, a 4 de abril de 2001, Dagan disse-me que tinha lido o meu primeiro livro sobre o Código da Bíblia quando foi originalmente publicado em hebraico, em 1997, e que acreditava nele.

Na verdade, quando nos encontrámos pela segunda vez, a 4 de dezembro de 2001, Dagan disse-me que falaria com o seu amigo próximo, o Primeiro-Ministro Ariel Sharon, e o incentivaria a reunir-se comigo. No nosso terceiro encontro, a 1 de abril de 2002, Dagan informou-me de que entregara a Sharon uma carta minha.

No dia anterior ao encontro com Dagan, em março de 2009, reuni-me primeiro com o General Kuperwasser, antigo chefe de análise da Aman, os serviços de informações militares de Israel.

Kuperwasser disse-me que confirmaria a Dagan que a Aman tinha confirmado uma base da Al Qaeda no Iémen inicialmente identificada pelo Código da Bíblia, bem como todas as estruturas que o código indicava que ali existiriam.

Poucos dias antes da reunião de 2009, o Professor Rips e eu examinámos os códigos que eu mostraria a Dagan. Ele confirmou a sua importância matemática e preparou também uma apresentação em PowerPoint da principal matriz do código: «Bible Code» («Código da Bíblia») com «Bin Laden», «Atomic» («Atómico»), o cientista nuclear paquistanês «Khan» e «Yemen» («Iémen»), contra probabilidades de 100 milhões para um.

Encontrei pela primeira vez, por acaso, o nome da base da Al Qaeda muitos anos antes e mostrei-o ao cientista militar General Ben-Israel em abril de 2002, observando que aparecia associado a quase todas as codificações de grande perigo e a todos os alvos prováveis.

Ben-Israel organizou um encontro com o General Kuperwasser, com quem me reuni na Kirya, sede militar israelita, a 15 de abril de 2002. Nessa altura, porém, eu não sabia que a base identificada pelo código se encontrava no Iémen; conhecia apenas o nome da base.

Finalmente, em junho de 2006, o Professor Rips e eu encontrámos a matriz do código com probabilidades de 100 milhões para um que revelava quem, o quê, quando e onde.

Voltei a reunir-me com Kuperwasser em agosto de 2006 e, no prazo de duas semanas, o único satélite de Israel encontrou a base no Iémen.

«É uma zona de atividade terrorista, é da Al Qaeda e todas as estruturas que o código dizia que estariam lá estão lá», disse-me Kuperwasser.

Tradução integral para português europeu, com fidelidade ao original e sem omissões:

Ele providenciou imediatamente para que eu me reunisse com o Secretário Militar do Primeiro-Ministro, General Gadi Shamni, com quem me encontrei a 17 de agosto de 2006, apesar de Israel se encontrar então no meio de uma guerra com o Hezbollah no Líbano e com o Hamas em Gaza.

Poucos dias após a reunião, Shamni informou Shimon Peres, que era então Ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, e alertou igualmente todos os principais responsáveis militares e dos serviços de informações.

No entanto, nessa altura eu apenas sabia que o código afirmava: «Começando em 2006.» Só anos mais tarde descobri que o ano bíblico 5771, correspondente a 2011 no calendário moderno, aparecia na mesma matriz de quem, o quê, quando e onde.

Contei isso ao Professor Rips e mostrei-lhe que 2011 estava sobreposto no código pela expressão «calcularás o tempo». Rips respondeu: «Isto não poderia acontecer por acaso. É matematicamente certo.»

Informei o General Kuperwasser e depois voei de regresso a Israel para me reunir com o diretor do Mossad, General Dagan. Antes de me encontrar com Dagan, em março de 2009, reuni-me com Rips e com outros dois famosos cientistas israelitas: Robert Aumann, matemático laureado com o Prémio Nobel, e Yakir Aharonov, físico que muitos esperavam vir a receber um Nobel.

Os três cientistas disseram-me a mesma coisa: esquecer as probabilidades de 100 milhões para um do código; tudo o que importava eram as probabilidades de o código ter sido confirmado pelos serviços secretos israelitas. Os três cientistas concordaram que essas probabilidades eram tão elevadas que ultrapassavam qualquer cálculo.

E os três concordaram igualmente que, uma vez que tudo o que Israel conseguia observar por satélite tinha sido confirmado, a única coisa que o satélite não podia ver — as armas nucleares também mencionadas no código — tinha de ser considerada real, salvo prova em contrário.

Na nossa reunião de 20 de março de 2009, o diretor do Mossad não discordou.

O General Dagan limitou-se a afirmar: «Será difícil confirmar a existência das armas.»

Disse-lhe que Israel tinha duas formas de confirmar que as armas nucleares estavam lá: encontrá-las e enviar comandos para as apreender, ou esperar até que Israel, juntamente com Nova Iorque e Washington, fossem aniquiladas.

«E os americanos?», perguntou Dagan.

Respondi-lhe que os serviços de informações americanos estavam avariados, mas que esperava encontrar-me com o Presidente Obama e com o Diretor da CIA, Leon Panetta. Mas também adverti Dagan para não depender dos Estados Unidos para salvar Israel; era mais provável que fosse Israel a salvar Nova Iorque e Washington.

Dagan respondeu apenas: «Nós temos os nossos métodos.»

CAPÍTULO SETE: A GUERRA DE OBAMA

«War of Obama» («Guerra de Obama») está codificada na Bíblia juntamente com «Saving the World» («Salvar o Mundo») e com os anos 2011 e 2012, mas não tenho qualquer conhecimento de que o próprio Presidente espere ou deseje uma tal guerra.

Contudo, «War of Obama» aparece codificada juntamente com «terror», assim como «Huge War» («Grande Guerra») e «World War» («Guerra Mundial»).

E existem provas claras de que, se Obama ainda não está a planear uma guerra global contra o terrorismo, o Pentágono está a preparar-se para ela.

O *New York Times* noticiou a 24 de maio de 2010 que o General David Petraeus, «o principal comandante americano no Médio Oriente, ordenou uma ampla expansão das atividades militares clandestinas com o objetivo de perturbar grupos militantes ou enfrentar ameaças no Irão, Arábia Saudita, Somália e outros países da região».

O *Times* afirmou que Petraeus assinou uma diretiva secreta a 30 de setembro de 2009 autorizando as Forças Especiais dos Estados Unidos a

operar tanto em países aliados como hostis em todo o Médio Oriente, Ásia Central e Corno de África, para «preparar o terreno para possíveis ataques militares».

Designada oficialmente *Joint Unconventional Warfare Task Force Execute Order*, a diretiva de sete páginas tinha como objetivo destruir a Al Qaeda e autorizava operações específicas no Irão e no Iémen, segundo o *Times*.

O artigo não afirmava que Obama tivesse aprovado a diretiva, mas ele era o Comandante Supremo das Forças Armadas e nenhum general emitiria uma ordem tão abrangente sem o conhecimento do Presidente.

A declaração de Obama de que «o risco de um ataque nuclear aumentou», que ele ligou especificamente à Al Qaeda, foi feita num discurso em Praga a 5 de abril de 2009, durante a sua primeira viagem ao estrangeiro como Presidente, segundo noticiado pelo *New York Times* e pelo *Washington Post* a 6 de abril.

O abrigo nuclear do Presidente, Raven Rock, é também um «Pentágono subterrâneo» escavado profundamente numa montanha, a cerca de 10 quilómetros de Camp David, e foi descrito detalhadamente pela primeira vez por James Bamford em *Pretext for War* (Anchor Books, 2005, p. 77 e seguintes). Foi criado no auge da Guerra Fria para conduzir uma guerra nuclear a partir do subsolo, mas também foi utilizado pelo Vice-Presidente Dick Cheney após o 11 de Setembro.

O plano para um «ataque unilateral no Paquistão» foi revelado pelo *Washington Post* a 29 de maio de 2010.

A mesma reportagem citava a Secretária de Estado Hillary Clinton, que após o atentado falhado da Times Square por um paquistanês declarou que um ataque terrorista bem-sucedido atribuído ao Paquistão teria «consequências muito graves».

Nenhuma das pessoas citadas na reportagem do *Post* sugeriu o que a América faria se o ataque terrorista fosse nuclear, nem falou de um ataque preventivo.

Contudo, o principal especialista em terrorismo nuclear, Graham Allison, afirmou: «Detonada na Times Square, uma arma de dez quilotoneladas poderia matar um milhão de nova-iorquinos» (*Nuclear Terrorism*, p. 204).

A reportagem do *Post* de 29 de maio de 2010 afirmava também que Obama enviara o seu Conselheiro de Segurança Nacional, General Jones, e o Diretor da CIA, Panetta, para exporem as consequências aos líderes paquistaneses, nomeadamente ao chefe militar, General Ashfaq Kayani, antigo diretor dos serviços secretos paquistaneses e atual comandante militar. Kayani controla igualmente as 100 armas nucleares do Paquistão, pelo que a mesma organização de informações que ajudou a criar a Al Qaeda controla agora essas armas.

A afirmação de que metade de todas as armas nucleares e do urânio enriquecido existentes no mundo se encontra atualmente vulnerável aos terroristas foi feita por Allison (pp. 60-86).

Allison afirmou igualmente que, para impedir o terrorismo nuclear, devemos «impedir que os terroristas adquiram armas nucleares» (p. 15).

No mesmo livro, Allison, considerado o principal especialista na matéria, declarou que «força militar encoberta e aberta» poderia ser necessária para atingir esse objetivo (p. 157).

«Mantendo o rumo atual, o terrorismo nuclear é inevitável», escreveu Allison (p. 203).

Todos os especialistas em terrorismo nuclear concordam que, se permitirmos que uma cidade seja aniquilada, haverá, como Allison afirma, uma «cascata de explosões nucleares nas nossas cidades» que «destruirá a civilização tal como a conhecemos» (pp. 191 e 220).

CAPÍTULO OITO: SALVAR O MUNDO

A imagem do Presidente Obama a receber o Prémio Nobel da Paz a 10 de dezembro de 2009, em Oslo, na Noruega, foi captada nesse mesmo dia pelas redes de televisão e noticiada pelo *New York Times* a 11 de dezembro.

A declaração citada do presidente do Comité Nobel, Thorbjørn Jagland, evocando Martin Luther King, foi noticiada pelo *Times*.

O discurso completo de 36 minutos de Obama ao aceitar o prémio foi igualmente publicado numa transcrição no *Times* de 11 de dezembro.

A afirmação do Presidente que chocou a audiência do Nobel — de que o mundo precisava de aceitar o conceito de «guerra justa» — refletiu-se na

manchete do *Times*: «AO ACEITAR O PRÉMIO NOBEL DA PAZ, OBAMA APRESENTA UMA "DURA VERDADE"».

O perigo do terrorismo nuclear ocupou um lugar central no discurso de Obama e foi a razão pela qual afirmou que o mundo «considerará o uso da força não apenas necessário, mas moralmente justificado».

O Professor Rips confirmou que a codificação na Bíblia de «Obama Nobel» com «o seu prémio» e «paz» era «perfeita, notável e absolutamente impossível de atribuir ao acaso».

Rips confirmou igualmente a matriz do código em que «Salvar o Mundo» aparece juntamente com «Obama tornará real», e não ficou surpreendido ao verificar que também afirmava: «Com um código.»

Os anos bíblicos podem ser escritos com letras hebraicas, porque cada letra do alfabeto hebraico também corresponde a um número. Assim, o ano 2010 do calendário moderno, correspondente ao ano 5770 do calendário bíblico, quando escrito em letras, forma também uma pergunta: «Será...?»

O Código da Bíblia prevê de forma consistente que Obama «salvará o mundo», embora talvez em 2011 ou 2012, e especificamente da ameaça das «armas atómicas».

Mas, como expliquei a Obama na carta que lhe enviei através de Oprah, na qual afirmava que ele, enquanto Presidente, poderia impedir um ataque terrorista nuclear que de outra forma seria inevitável, também deixei claro que tudo no Código da Bíblia representa uma probabilidade e não um facto determinado; portanto, seria um destino que ele teria de concretizar.

A afirmação do Professor Rips de que a única razão pela qual acreditava que o mundo sobreviveria era «a promessa de Deus após o Dilúvio de nunca mais destruir o mundo» foi-me feita quando me reuni com ele em meados de março de 2009, enquanto me preparava para encontrar o diretor do Mossad.

As passagens bíblicas citadas por Rips correspondem à promessa feita por Deus a Noé após o Dilúvio, em Génesis 9:11-17.

A minha descoberta inesperada de que a única codificação de «Changing the Future» («Mudar o Futuro») aparecia precisamente junto da passagem do Génesis citada por Rips foi uma surpresa total; encontrei essa matriz do código mais de um ano depois, quando terminava a redação deste livro.

A teoria alternativa de Carl Sagan, segundo a qual todas as espécies inteligentes do universo criariam os meios para se destruírem a si próprias e acabariam inevitavelmente por o fazer, foi apresentada por Sagan em *Cosmos* (Random House, 1980, p. 318).

A teoria oposta, segundo a qual podemos utilizar o nosso livre-arbítrio para sobreviver, provém de um antigo comentário à Bíblia, o *Talmude*, e é atribuída ao Rabino Akiva (*Mishna Avot* 3:15).

A afirmação de Rips de que, para o Codificador, todo o tempo é simultâneo — passado, presente e futuro — foi-me feita na mesma reunião de março de 2009.

A afirmação semelhante de Einstein de que «passado, presente e futuro» são uma única realidade foi feita a 21 de março de 1955 e publicada em *The Quotable Einstein* (Princeton University Press, 1996, p. 61).

Toda a minha conversa com Rips neste capítulo sobre sobrevivência, livre-arbítrio e a possibilidade de mudar o futuro teve lugar na sua casa em Jerusalém, durante a mesma série de encontros em meados de março de 2009.

«Ele mudará o futuro» aparece no código juntamente com «nos Últimos Dias» e «paz», tendo sido novamente confirmado por Rips quando o encontrei mais de um ano depois como algo impossível de atribuir ao acaso.

A aparente contradição entre um resultado positivo e a expressão «nos Últimos Dias» resolve-se no hebraico original, que pode ser lido de duas formas: o fim do mundo, mas também, alternativamente, «nos dias vindouros», a nossa própria época, o futuro previsto há 3000 anos e que podemos alterar.

Contudo, o código associa repetidamente a salvação do mundo por Obama a uma «batalha», a «um golpe muito grande», a «guerra».

Até «Paz Mundial» aparece juntamente com «todo o seu povo para a guerra», sugerindo que aquilo que o Presidente afirmou ao aceitar o Prémio Nobel da Paz — que a paz teria de ser alcançada através da guerra — está correto.

A «Guerra de Obama» codificada na Bíblia, que o *New York Times* noticiou a 24 de maio de 2010 estar a ser preparada pelo Pentágono desde setembro de 2009, já não é apenas um plano.

A 4 de junho de 2010, o *Washington Post* revelou que as Forças Especiais dos Estados Unidos já estavam destacadas em 75 países.

«Existem planos para ataques preventivos ou retaliatórios em numerosos locais do mundo», afirmou o *Post* na mesma reportagem.

Tradução integral para português europeu, com fidelidade ao original e sem omissões:

A minha maior preocupação era que a declaração mais clara sobre a guerra secreta em curso vinha precisamente do mesmo conselheiro da Casa Branca para o contraterrorismo que se recusara sequer a analisar as provas que os serviços secretos israelitas lhe ofereceram sobre uma base confirmada da Al Qaeda no Iémen, que o Código da Bíblia indicava como esconderijo de armas nucleares.

Brennan disse ao *Washington Post* que os Estados Unidos «não responderão apenas depois de um ataque terrorista», mas que irão «levar a luta à Al Qaeda, quer esta planeie e treine no Afeganistão, Paquistão, Iémen ou noutros locais».

Uma guerra encoberta em 75 países não impedirá o perigo mais imediato do terrorismo nuclear. Apenas um ataque preventivo direcionado contra a conhecida base da Al Qaeda no Iémen, depois de confirmada a localização exata das armas nucleares, salvará Nova Iorque, Washington, Israel e, finalmente, toda a civilização humana.

Obama só poderá cumprir o seu destino de salvar o mundo se os seus conselheiros mais próximos fizerem realmente aquilo que o próprio Presidente prometeu.

CODA

Não procurei deliberadamente a «Chave do Código» enquanto trabalhava neste livro. No entanto, o próprio Código da Bíblia continuava a conduzir-me de volta à chave, afirmando que ela era «a solução» para o «Ataque Terrorista Atómico» ameaçado por «Bin Laden».

O código sugeria repetidamente, até eu já não poder ignorá-lo, que a chave do código era também a chave da nossa sobrevivência.

Independentemente do que eu procurasse, fosse uma previsão da eleição de Obama ou o perigo de um ataque terrorista nuclear, a chave e a sua localização — uma península que se projeta para o Mar Morto a partir da Jordânia, chamada «Lisan» — continuavam a surgir na matriz.

O meu esforço de doze anos para lançar uma expedição arqueológica destinada a desenterrar a Chave do Código começou em maio de 1998, na casa de Rips, em Jerusalém. Ele disse-me que nunca conseguiríamos ver o código por completo se não encontrássemos a sua chave.

«Mesmo utilizando os computadores mais poderosos de que dispomos atualmente, não conseguimos resolver o seu mistério», afirmou, «até que a chave do código seja encontrada.»

O e-mail de Rips confirmando que «Code Key» («Chave do Código») cruzava duas vezes «Obelisks» («Obeliscos»), contra probabilidades de um milhão para um, foi enviado a 2 de janeiro de 2002.

Um *Midrash* com 1700 anos afirma que os «Obeliscos» «não eram algo feito por um ser humano, mas obra do Céu». Também sugere que os Obeliscos são humanoides, «uma espécie de macho e fêmea». *Mekhilta According to Rabbi Ishmael, An Analytical Translation* (trad. Jacob Neusner, Scholars Press, 1988).

Durante dois anos planeei a expedição a Lisan, conversando com estudiosos da Bíblia e geólogos, e finalmente visitei a península em novembro de 1998, regressando em março e abril de 1999 com arqueólogos, geólogos e geofísicos. Voltei a 16 de fevereiro de 2000 acompanhado por responsáveis do Ministério do Turismo e Antiguidades da Jordânia.

Dois dias antes, a 14 de fevereiro de 2000, reunira-me em Amã com o ministro Akel Biltaji, que me garantiu que receberia a autorização necessária para uma prospeção arqueológica. A autorização escrita, datada de 13 de abril de 2000, foi concedida pelo diretor do Departamento de Antiguidades, Dr. Fawwaz Al-Khraysheh.

Mas, precisamente quando a expedição estava prestes a avançar, o ministro Biltaji recusou-se a permitir que eu utilizasse a autorização que me tinha concedido. Não houve qualquer explicação.

Ao mesmo tempo, um jornal jordano, *Al-Arab Al-Yawm*, publicou um ataque à escavação arqueológica na primeira página da edição de 9 de janeiro de 2001. Quase todas as afirmações do artigo eram falsas, mas a

mensagem essencial era clara: «Porque deveria uma fundação judaica ser autorizada a procurar artefactos judaicos em território jordano?»

O embaixador dos Estados Unidos na Jordânia, William Burns, interveio imediatamente junto de Biltaji e mais tarde junto de Saleh Rusheidat, vice-primeiro-ministro da Jordânia, mas também me advertiu: «Existe aqui uma lista negra contra qualquer pessoa que tenha contacto com judeus.»

Respondi que o jovem rei da Jordânia, Abdullah II, tinha falado publicamente contra essa lista negra, mas Burns aconselhou prudência relativamente a qualquer tentativa imediata de contactar o rei.

«Ele está numa posição muito difícil», disse o embaixador. «É beduíno e a maior parte da sua população é palestiniana.»

O embaixador tentou posteriormente organizar uma reunião minha com o rei Abdullah, tal como fizeram os embaixadores americanos que lhe sucederam, mas sem sucesso.

Sempre tive a certeza de que, se o rei me recebesse, permitiria que a expedição avançasse e, na verdade, ajudaria. Escrevi-lhe várias vezes, indicando como referências desde Shimon Peres até Yasir Arafat, ambos se tinham reunido comigo e conheciam-me como um amigo da paz. O pai do rei, Hussein, tinha feito a paz com Israel, sendo um dos únicos dois líderes árabes a fazê-lo. Mas parecia que as minhas cartas nunca chegavam ao seu filho.

Hoje acredito que apenas uma chamada da Casa Branca — talvez apenas do próprio Presidente — ao rei Abdullah me permitirá utilizar a autorização que possuo há dez anos e talvez encontrar a chave do código de que Obama poderá precisar para salvar o mundo.

APÊNDICE

As eleições presidenciais de 2012 poderão ser uma disputa entre Barack Obama e Sarah Palin.

O Código da Bíblia apresenta repetidamente essa possibilidade, embora seja ainda demasiado cedo para ter certezas.

Mas tantas pessoas me fizeram essa pergunta — normalmente horrorizadas com a possibilidade de uma Presidente Palin, mas por vezes receosas ou favoráveis à reeleição de Obama — que acabei por procurar a resposta no código.

Eis uma antevisão da possível corrida à Casa Branca em 2012, segundo o Código da Bíblia.

«Obama» e «Palin» cruzam-se apenas uma vez, e «Obama» é claramente o vencedor — o seu nome é sobreposto pela expressão «foi eleito».

O código é enfático ao indicar a vitória de Obama sobre Palin — «verdade que confirmaram» cruza o seu nome e «foi eleito».

Mas o simples facto de «Palin» cruzar «Obama» sugere que ela poderá ser a sua adversária.

Obama tem grandes probabilidades de vencer um segundo mandato, independentemente de quem concorra contra ele.

O ano das eleições seguintes, 2012, surge em duas das mesmas matrizes do código que previram a eleição de Obama em 2008 — ambas encontradas um ano antes da sua vitória.

«B. Obama é Presidente» aparece juntamente com «a partir de 2012». O ano está codificado exatamente entre «Obama» e «Presidente experiente».

«A partir de 2012» refere-se obviamente a uma segunda candidatura, tal como «Presidente experiente».

«Os códigos de Obama são notáveis e não poderiam surgir por acaso», afirmou o Professor Rips. «Mesmo esta única matriz é extraordinária.»

«Obama será eleito» aparece também codificado juntamente com «Presidente» e «em 2012».

«Ele vencerá» surge associado a uma frase que poderá explicar como e porquê: «Concorreu pela segurança nacional.»

Tudo o que é afirmado no código faz parecer que as eleições de 2012 poderão, de facto, centrar-se na «Guerra de Obama», a guerra que poderia ser necessária para impedir o terrorismo nuclear.

Obama concorreria então como Presidente em tempo de guerra.

Finalmente, «reeleito» aparece juntamente com «Obama» e «empossado duas vezes».

Essa matriz parece deixar pouca margem para dúvidas. É uma afirmação explícita de que o Presidente obterá mais quatro anos de mandato. Por mais improvável que isso possa parecer agora, é certamente mais provável do que a sua improvável vitória em 2008.

«Na sala de guerra» está codificado na mesma matriz e surge mesmo três vezes, sugerindo que poderemos efetivamente estar em guerra em 2012.

Se estivermos envolvidos numa grande guerra contra o terrorismo em 2012, os eleitores poderão muito bem decidir, como habitualmente acontece, não arriscar mudar o Comandante Supremo. Obama, a partir de uma «sala de guerra», concorreria «pela segurança nacional» e venceria as eleições.

Mas, apesar de todas as codificações relativas a um segundo mandato de Obama, parece existir pelo menos a possibilidade de um resultado diferente.

«Palin» é cruzada duas vezes por «Presidente». Na verdade, «Presidente» está codificado cinco vezes na mesma matriz.

Quando vi isso pela primeira vez, fiquei surpreendido. «Presidente Palin» pareceu subitamente uma possibilidade muito real.

Mas a aparente vitória de Palin não é realmente afirmada no código. «Presidente», tal como aparece nas cinco ocorrências, só pode referir-se a um homem.

Em hebraico, como na maioria das línguas, o título teria de surgir na forma feminina se a Presidente fosse uma mulher.

E uma mulher Presidente nunca surge associada a Sarah Palin com probabilidades elevadas.

Aparece codificada uma vez com «S. Palin», mas sem significado matemático relevante, apenas com probabilidades de 50 para 1. O Professor Rips afirmou: «Não é suficiente para sugerir que ela será Presidente.»

Sarah Palin pode nem sequer vir a ser uma nota de rodapé na história americana; pode não ser a candidata republicana ou sequer candidata do Tea Party.

Mas surge no Código da Bíblia de uma forma que sugere ser uma possibilidade real que se candidate — mas perca.

«S. Palin» aparece com «Sarah» e «ela será escolhida». Mas «fracasso» está codificado exatamente no mesmo local.

E as probabilidades de «Palin» e «escolhida» surgirem na mesma matriz são apenas de 20 para 1. «Não é impressionante», afirmou Rips.

O código sugere que Palin poderá ser «escolhida» como candidata em 2012 — mas não «eleita» Presidente.

Existem demasiadas incógnitas dois anos antes das eleições de 2012 para que o resultado possa realmente ser encontrado de forma definitiva.

Ainda não sabemos quem irá concorrer e é necessário conhecer os nomes de todos os candidatos para realizar uma verdadeira pesquisa no código.

Ainda não sabemos se uma prevista «Crise Económica», talvez a segunda Grande Depressão indicada como probabilidade no código, acontecerá realmente. Nem se isso levará os eleitores a permanecer com um líder conhecido, como fizeram quatro vezes com Roosevelt, ou a mudar para um outsider radical.

Ainda não sabemos se a prevista «Guerra de Obama» ocorrerá em 2011 ou 2012, ou se poderá ser evitada por um ataque preventivo que impeça ataques terroristas nucleares contra Nova Iorque e Washington. Se esses ataques não forem evitados, poderá nem haver eleições em 2012.

Se Obama impedir o perigo, se apreender armas que a Al Qaeda possa já possuir, então é certo que vencerá, provavelmente pela maior margem eleitoral da história americana, independentemente de quem concorra contra ele.

AGRADECIMENTOS

Este livro, tal como os dois anteriores da trilogia do Código da Bíblia, baseia-se em décadas de trabalho extraordinário de um matemático israelita

internacionalmente respeitado que descobriu o código, um grande cientista que hoje é meu bom amigo, Eli Rips.

Desde que o conheci pela primeira vez, em junho de 1992, falámos frequentemente e encontrámo-nos muitas vezes. As provas de que o Código da Bíblia é real vieram de muitas fontes, mas este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda constante e as profundas reflexões do Professor Rips.

No entanto, foi escrito de forma independente dele e as opiniões expressas pertencem-me a mim, e não a ele, exceto nas passagens em que é citado diretamente.

Utilizei o programa informático que ele criou com o seu colega Dr. Alex Rotenberg em toda a minha investigação sobre o código. As matrizes publicadas foram produzidas utilizando software desenvolvido por ele em conjunto com o Dr. Alex Polishuk.

Muitos responsáveis governamentais americanos e israelitas ajudaram de formas importantes. Não os agradecerei todos pelo nome, porque isso poderia dificultar o seu trabalho. Mas tenho de agradecer ao meu amigo General Yossi Kuperwasser, que até recentemente foi o principal analista dos serviços de informações de Israel.

Foi Yossi quem confirmou pessoalmente, por satélite e outros meios, que um ponto no deserto identificado no código era de facto uma área de atividade da Al Qaeda, contendo todas as estruturas referidas no código. E é Yossi quem continua a trabalhar para que os serviços de informações americanos e israelitas concluam a missão, encontrem e apreendam as armas nucleares que a Al Qaeda poderá já possuir.

Oprah Winfrey desempenhou um papel vital ao fazer chegar a minha carta a Barack Obama, quando este ainda era candidato, prevendo que seria Presidente, mas alertando também para dois perigos. Foi necessária uma coragem invulgar para enviar ao seu amigo Obama previsões baseadas num código bíblico que revelava o futuro, mas Oprah não hesitou em fazê-lo.

A conselheira e amiga mais próxima do Presidente, Valerie Jarrett, alertou os Serviços Secretos para a segunda previsão: que a vida de Obama poderia estar em perigo, mas que ele poderia, talvez com a ajuda do código, ser salvo.

Vários amigos dedicaram tempo a ler, criticar e encorajar este trabalho. Um deles, Jon Larsen, fez muito mais do que isso. Os seus

conselhos foram sempre simultaneamente ousados e inteligentes, tal como aconteceu com todos os livros que escrevi.

Outro amigo, o meu advogado Ken Burrows, um verdadeiro advogado de autores, ajudou de formas que ultrapassaram largamente o mero aconselhamento jurídico.

Muitos editores e editoras, em muitos países, ajudaram a levar este livro ao mundo. Devo agradecer especialmente ao meu editor britânico, Ion Trewin, diretor literário do mais prestigiado prémio literário do seu país, o Man Booker Prize. Tem sido o meu editor desde o início da série do Código da Bíblia e os seus conselhos e apoio foram sempre extraordinários.

Devo igualmente agradecer a Chip Kidd, o artista que criou a capa da edição americana, tal como fizera para os dois primeiros livros. Pauline Neuwirth, responsável pelo design interior, produziu este livro em tempo recorde, com a assistência competente e incansável de Sean Bellows.

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de vários assistentes, especialmente Yifat e Shelly. Estas duas jovens israelitas não só confirmaram as traduções, como também foram as primeiras leitoras do manuscrito em preparação, ajudando-me de todas as formas possíveis. Sem elas, não teria conseguido chegar ao fim.